



Confissões da Condessa  
**BEATRIZ de DIA**

GUIDO VIARO



GUIDO VIARO

Confissões da Condessa  
**BEATRIZ de DIA**

1<sup>a</sup> EDIÇÃO

**PROJETO GRÁFICO**  
IDEALE COMUNICAÇÃO E DESIGN

**DIREÇÃO DE ARTE**  
ALESSANDRA SALTORI

**DIAGRAMAÇÃO**  
RENATO NOGUEIRA

**FOTO CAPA**  
ROBERTO LOPES

**MODELO**  
DAIANI FARAJ

**REVISÃO**  
MARISA KARAM

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
BIBLIOTECÁRIA RESPONSÁVEL MARA REJANE VICENTE TEIXEIRA

---

Viaro, Guido, 1968

Confissões da Condessa Beatriz de Dia / Guido Viaro. --

Curitiba, PR : Ideale, 2013

194 p. ; 21cm

ISBN 978-85-61649-08-1

1. Condessa de Dia – Ficção. 2. Ficção brasileira – Paraná.

I. Título.

---

CDD (22ª ed.)  
8869.35

Confissões da Condessa  
**BEATRIZ de DIA**

GUIDO VIARO



## *Ano 1163*

Outrora os flocos de neve manchavam as rosas. Pergunto aos dias como acontecem os encaixes entre o que sinto e vejo. Nesse espaço vago talvez eu me esconda, o resto é vento... abstrata matéria entre o muro de pedra e o riacho. Descubro pequenas sombras coloridas, mas não estou contida nelas ou em qualquer outro lugar. Não sou a lua cheia nem o que existe entre ela e eu.

Nas águas de um lago as luzes dançam suas canções provisórias. Esse movimento acalma a sede que sinto, espalhando estrelas por todos os instantes. Engulo desejos que me parecem fatos consumados. Sobre as pétalas da noite forma-se orvalho, cuja densidade escura aproxima-se do enigma que sinto ser. Mas talvez eu seja resposta acabada, espelho trincado onde se contempla um homem sem olhos. Se assim for, não existirão respostas, precisarei aceitar minha condição de meio-termo que desconhece em que tipo de superfície estão plantadas minhas raízes. Posso ser um nenúfar flutuante que é arrastado pela correnteza, meus dias então, seriam fragmentos de dois lados escuros igualmente desconhecidos. As respostas derretidas dissolvem as perguntas, e só o que resiste são meus olhos, muito hábeis em expressar dúvida e desencanto.

As rosas sobrevivem ao inverno e minhas precárias máquinas de enxergar emocionam-se com a harmonia de suas cores e formas, desfilam instantes que me intimidaram, o bebê mordendo o bico de meu seio, qual o sentido daquilo? Tudo tão repleto de estranhos, e eles também, as pessoas e os momentos, buscando descobrir onde está a emenda que torna único o que é diverso e dá sentido aos acontecimentos.

O pássaro mergulha no lago e sai de lá carregando um peixe dourado, aquele que enxerga essa cena, e os outros dois

participantes, pássaro e peixe, são atores que não apenas podem representar os dois outros papéis, como, de fato, o fazem. Mas essa possibilidade, inerente a qualquer ser vivo, não explica como é que a vida encaixa-se em nossos sentidos, e até onde o que percebemos é somente o resultado de máquinas biológicas ou de algum extrato concentrado com verdes gotas de vida.

Nessas frestas sem encaixes que todos nós possuímos é que habitam as frustrações e medos, e não adianta um homem e uma mulher casarem-se para poderem friccionar suas fraquezas, porque o material do qual é feito o corpo humano é altamente perecível. Quem fizer isso logo começará a perder importantes ossos. Não existe solução, o que pode haver é alguma adaptação para minorar os sofrimentos, mas que nem de longe combina com o espírito dos que gostam de contemplar a lua e tentar encontrar nela um pedaço de si mesmos.

Aqui há uma cisão entre os que desejam indefinidamente misturarem-se com todas as espécies biológicas, sonhadores que querem se utilizar da matéria-prima disponível no mundo para multiplicar suas capacidades físicas, de inteligência, de extra-sensorialidade, fala, capacidades técnicas ou sedutoras. Eis a única e eterna guerra do mundo, e dela originaram-se muitas descobertas, máquinas para matar, maneiras de fortificar os castelos ou destruir suas paredes, essa tecnologia fez com que as armaduras ficassem mais resistentes, leves e fáceis de serem manipuladas. Mas não há viseiras capazes de impedir os olhos de enxergarem o medo de que tudo se acabe. O homem prefere a companhia do soldado que tenta matá-lo com um machado à de seu irmão, que acabou de ser morto no campo de batalha. Nenhuma armadura por melhor que seja, consegue cessar a deterioração do corpo atravessado, que traz consigo a possibilidade do fim. Mas não é isso o pior, o aterrorizante é o início de algo desconhecido. Se não entendia o idioma em que a vida era falada, pelo menos estava

acostumada com seu som, o deixar de viver é começar tudo de novo, retroceder sobre os passos dados e aceitar o ruído estranho. O céu poderá ter três luas e o sol som de flauta. O soldado morto abre seus olhos inúteis para um céu azul, rompeu-se a barreira que o amarrava ao mistério, agora encontrou outra esfera para misturar-se, aposto que o esquisito continua acontecendo, nada parece ser simples, amor ou esquecimento são duas pragas que atacam a mesma lavoura, destroem os frutos e depois são devorados pela terra. Serpenteiam as cores de um fio de água que se transforma em rio e leva embora os detritos dos dias. Nada deixa de se modificar, eu vou junto com as luzes e sons, e pronto, não mais existe o que eu era. As grossas paredes de pedra não respondem nada, é tão fácil aceitá-las como proteção. A embriaguez da ausência de dúvida traz sorrisos fáceis e faz homens e mulheres postarem os pés no chão, achando que estão plantando árvores imunes a quaisquer tempestades.

Amanhecem tantos dias que acho difícil que exista deus, ele não permitiria essas dúvidas de luz. Quem normatiza a mecânica universal é alguém tão incompleto quanto eu, qualquer ser absoluto imporia como regra o eterno dia, ou a primavera noturna. Entretanto tiritam sombras e espalha-se pelo mundo a flacidez da carne. Nos sonhos tenho pernas longas capazes de atravessar cidades, mas acordado, o ser humano é uma fonte de dores ósseas e reumatismos. Pelas frestas mal vedadas do corpo, nascem as sementes do término, e assim como não descobriram respostas sobre qual seria a missão da consciência, ninguém ainda disse qual é a função do corpo.

A dança silenciosa do colibri tem sua música verde, sinto-a, e ela é o que de mais sólido experimento, parece que é quando meus dedos se aproximam da pedra fundamental que daria encaixe entre tudo que parece ímpar. A bruma do movimento de asas é o melhor retrato já pintado do provisório, os movimentos

bruscos do pássaro são o imponderável da vida, e o bico que suga é o corpo lutando por seu sustento. As flores são instantes coloridos. Em minha abstração, escuto o que não precisa de ruídos, dissolvo fronteiras, os olhos do guerreiro morto atravessam as viseiras, confundem-se com o azul do céu, borbulham como riacho, cheiram a fruto maduro, piscam lágrimas com emoções díspares, encontram corpos vivos precisando de visão, emprestam imagens enxergadas por antepassados e recordações nunca acontecidas, e suavemente pousam sobre meus globos oculares, fundindo-se com meus antigos olhos. Apesar da mistura, o que sinto é o mesmo de antes, o indestrutível em mim busca unir-se a outro pedaço de absoluto do qual ficou separado, e é por isso que os maxilares esfregam-se com raiva e as unhas quebram-se mais do que deveriam.

Vejo príncipes, servos ou miseráveis e reconheço a imensa fragilidade das diferenças, todos os olhos carregam o desejo de enxergar, mas também o medo de ver demais, possuem bolsões reservados às dores da vida, e os olhos são orgulhosos quando seus próprios reservatórios estão vazios, mas nutrem uma pequena felicidade (se é que podemos chamá-la assim), quando o bolsão do outro começa a encher ou está prestes a transbordar. Desenvolvi uma técnica, quando sinto que meu lago de lágrimas começa a encher, fecho meus olhos por todo o tempo que for preciso, se uma noite inteira transcorrer não haverá problemas, quando abri-los pela manhã, ninguém notará neles nada além de um brilho luminoso, que geralmente é associado à inteligência. Mas essa minúscula sabedoria continua não sendo suficiente para responder aos mistérios que me afligem. Desprezo a inteligência que não pode servir aos meus propósitos, transformo meus olhos em iguais a todos os outros, pequenas máquinas funcionais com alguma eventual demonstração de emoção rasa.

Aflita, passei meus vinte e oito anos. Agora quando a velhice não está distante, chego a me desesperar por não saber o que fazer. A morte não me assusta, o que temo é a possibilidade de ser vão aquilo que acho que existe, que não tem nome, mas que é o mecanismo que amarra a vida à minha consciência. Apesar de saber que não pode haver descoberta mais interessante, estou prestes a desistir dessa procura.

Aceito esquecer as dúvidas e continuar minha vida, com minhas duas filhas, as obrigações na corte, a obediência a meu marido Guillem, e principalmente com aquilo que mais me encanta, a música. Com ela consigo espalhar para ouvidos alheios as extensões de meus sonhos. Derivo meus desejos, que com as notas musicais alcançam cidades distantes. O amor assume todas as cores e disfarço o que não sou, tentando com que dessa subtração sobre apenas eu mesma.

Assim mesmo o reflexo das águas da vida continua turvo e sujeito a ventos. Por um instante, acredito que enxergo no lago os traços simplificados de minha infância. Meus cabelos, durante esse momento, flutuavam (ou flutuam) numa bolha sem tempo, imunes a qualquer agente externo, tinham a cor negra daqueles escuros dias sonhados, e a consistência da beleza que obedece aos movimentos vagos de águas esquecidas. Ainda reparei, durante o instante fugaz, em como meus olhos estavam inundados por uma inocência que não sabia ser possível, não havia ali nada que não fosse aceitação ou curiosidade.

Mas o momento evanesceu-se, e logo me vi novamente com vinte e oito anos de idade, casada e mãe de duas filhas, enxerguei o peso do sol, a fadiga e os braços familiares, havia também algum prazer desconhecido naquela visão, como se a vida sempre atirasse alimento saboroso um pouco à frente de onde estamos, nos obrigando dessa forma a continuarmos caminhando com um leve sorriso nos lábios. Quando percebi isso

comecei a me questionar se não estaria aí o segredo de como funcionamos. Nossa consciência estaria subordinada ao estômago, que por sua vez obedeceria aos pés.

De minha pouca experiência de vida aprendi que quem busca evoluir não costuma carregar doces sorrisos estampados no rosto. Então fui mais longe, mesmo sendo uma mulher casada, mãe de duas meninas e subordinada a uma ordem real, me perguntei, sem medo de ouvir respostas, se nosso sistema de vida não estaria totalmente errado, e desse erro viriam as frustrações, que acabavam se transformando em guerras e sofrimento. Lembrei-me da poça de sonho onde flutuavam meus cabelos infantis. Sim, aquilo era uma fuga do mundo real, mas pelo menos ali não brotava a semente do vício. Sem estômagos ou pés, aqueles instantes se confundiam com espaço. Se enfiásse minha cabeça naquelas águas estranhas descobriria fronteiras vazias de cobiça. As asas do moinho estariam imunes aos ventos, apenas aguardando os muitos milhares de dias para se dissolverem. Não é dessa forma que tudo se movimenta? A mesma força que macula o rosto de uma mulher com os sinais da decadência, faz com que o botão de rosa abra-se em beleza, então, talvez, as guerras sejam sinal de um mundo bem nutrido, enquanto que a pureza espiritual, ao contrário do que possa parecer, não passe de um criadouro de larvas preguiçosas. Obscuro é o meu desejo e todo o resto obedece a essa regra. Não sei quem sou nem o que é a vida, não consegui perceber se é aliada ou adversária, por isso não faço movimentos bruscos ou emito opiniões contundentes, é melhor não me comprometer. Para as agonias noturnas que cobram respostas, invento meios sorrisos cheios de calma e frustrações, as novas manhãs são repletas de alívios e decepções. No café da manhã sempre exagero nos açúcares, sem deixar de espalhar sal por todos os tipos de comidas, inclusive os doces.

Degluto a mistura e depois, quando tenho de exercer as obrigações do dia, desço e me posiciono ao lado dos trabalhadores braçais, devo comandá-los para que produzam alimentos de melhor qualidade e ao menor custo possível. Além disso, preciso conseguir ampliar a área de plantio porque as novas gerações também querem comer. Enquanto estou entretida com meu trabalho, que não é fácil, e por isso mesmo me deixa completamente absorta, eu ainda encontro alguns instantes vagos, onde o céu cheio de azuis e nuvens é meu companheiro, é e nesse cenário grandioso e conflitante que me coloco uma questão, que acho que todos os outros trabalhadores braçais meus subordinados também deveriam fazer: Para que continuar? Que diferença faria se parássemos de trabalhar, e apenas nos sentássemos no chão, tentando descobrir um ritmo de vida que os anos foram deixando para trás? Pergunto também porque o mundo obedece tais ordens, sejam elas morais, econômicas, comportamentais, religiosas, artísticas ou de qualquer outra qualidade. Somente porque o sol nasce todas as manhãs é que esperamos que a noite irá terminar, mas essa mesma experiência não levamos em conta quando se trata do mundo coloquial.

Rebelde onda quebrando-se contra o rochedo, ainda que tenha o mesmo efeito que as vagas exercem sobre a pedra, eu condessa Beatriz de Dia, casada com Guillem de Poitiers, em vão, desperdiçando as certezas que minha condição me oferece, pergunto, qual é o sentido da ordem que sustenta meus privilégios? Não creio que distribuí-los de maneira igualitária para um maior número de pessoas, ajudaria a responder essa questão, talvez apenas disfarçasse a falta de propósitos. O rochedo continua resistindo contra a fraca consistência das águas, talvez elas não tenham a paciência necessária para o trabalho de dissolução, e permaneçam vãs, como o olhar invejoso de uma família de servos contemplando qualquer cortejo real.

Oblíqua torna-se minha cabeça quando observo esses desejos rasos, como os de um rei acreditando em seu poder, enlaçando a natureza com fracas cores sem personalidade, iluminadas por luzes indecisas. Então meus cabelos perdem a magia e a pele ganha melancolia, uma ausência de recordação apagada, mancha de amarelo o branco de meus olhos e espalha-se pelo castanho. Sinto a azia de um mundo inteiro. As espumas das ondas permanecem por alguns instantes sobre a parte mais dura das rochas, o efêmero é esmagado pela eternidade, e nesse instante, tanto reis quanto servos têm vontade de gritar lágrimas desesperadas.

Não consigo sustentar meu dia sem que seja eivado por respingos doloridos desse mundo incandescente, então, de repente, me surpreendo olhando para minhas filhas, primeiro como estranhas, depois como rivais, em seguida as amando até soluçar, e terminando por odiá-las. Refaço esses ciclos em vários sentidos, esquecendo-me de etapas e mudando os personagens principais, invertendo o foco, são elas que me odeiam, idolatram... meu marido nutre um temor pesaroso por seus empregados, e grande e prestigiosa, isso mesmo, uma palavra estranha para tal, é a lua no dia de meu enterro. São opacos os naufrágios em mares profundos, a imagem dissoluta acompanha a fluidez do tempo e tudo é tão alheio, que não consegue adquirir a densidade de um desejo, por isso qualquer apego mais acirrado me parece incoerente. Os moluscos desistem da unidade que mantém com o rochedo, entregando-se ao movimento marinho. Pelos navios mortos passeiam peixes prateados, dentro desses escombros encontro tantas camadas de recordação, sou o instante recém acontecido, as cores fortes da infância, as dores do parto, a descoberta do sexo, a morte madura, um dia após o outro, a força da noite, meus gritos (calados e barulhentos), a doçura do sangue na ponta da língua e os peixes passeando por minhas entranhas, tão repletos de

nada, para onde estaria indo esse navio? A rota já me parece um naufrágio.

Enquanto olho para meu marido e filhas almoçando, sinto algo muito estranho, a palavra “estranho” talvez não seja suficiente, e desconheço outra que signifique o mesmo, só que multiplicada pelo número de peixes em todos os mares, mas por um instante... tive a impressão de que, tanto ele quanto elas, muito disfarçadamente, e não sei com qual objetivo, estariam fingindo ser quem são. Minha filha mais velha sorri, o que só aumenta minha desconfiança, o mundo inteiro seria apenas uma encenação com o objetivo de me fazer crer em sua existência. Meu marido terminou de almoçar e diverte-se jogando dados, tento enxergar as combinações de números, não consigo, escuto a música que parece a resultante de toda essa encenação, ela não vem de lugar algum, mas é mais real que minhas filhas ou que a dor que sentiria se queimasse minha mão com uma vela. A flauta sopra uma voz que foge e persegue, sinto o gosto da comida que também parece musical, essa plenitude é ácida porque não aceita permanência, o grito vem de mim, sou eu, e também é corrida desperada. Sorrio como resposta a uma cena familiar, mas continuo procurando a palavra que descreveria o que de mais obscuro a natureza humana poderia criar, a manipulação suprema, vou fingir que você existe para convencê-la dessa mentira. Que também poderia ser verdade, isso passa a não ter mais importância.

Vou naufragar teus sentidos, arrancar do solo tuas raízes e fazê-las boiar até que você mesma se convença de que elas não servem para nada, e que tanto faz tê-las ou não. A palavra inefável se esconde, fingindo não ser possível tamanha farsa. Esverdeada, jaz escondida no coração da alma do homem desesperado, que são todos. Mais fundo, no poço obscuro donde nascem todas as ideias, germina a razão das coisas, sobre o caldo borbulhante, denso, que cheira a todas as essências, brotam os liquens

humanos, espantosos em suas reentrâncias, parecem retrato simbólico dos ingredientes daquela sopa primordial. A voz aguda fala de um mundo cheio de repetições, o buraco soa, espalha por camadas de terra e ar o ruído profundo que vem de todas as partes, as representações mudam de intensidade conforme se sofisticam, e lá vem, seguindo a espiral, rostos impressos pelo acaso em torrões de terra, um reflexo inexistente nas águas, o desejo irrealizado, a flauta vã soprando notas sem contexto... minha filha termina sua refeição... um instante em que me enxergo nela, descubro que ela reflete a imagem que não acredito ser minha, no esplendor de seus treze anos é taça de cristal sendo enchida com água pura, a perfeição dos traços... quer que eu acredite que sou ela, fujo do espelho porque não quero dar imagem ao que sinto, ou talvez tema qualquer possível representação. Só os sons me parecem dignos do grito que sou. Por isso a música... esqueço as lagoas, a manipulação das imagens em reflexo, percebo como todos encontram desconfiança em meus olhos, decepiono os que esperam um porto sólido, temo enxergar-me flutuando na íris de alguém, nenhum retrato faria jus as minhas expectativas e medos. Tudo o que visse estaria inundado pela mais profunda mudez. Calo-me. Termino a refeição em silêncio. Guillem continua entretido com seus dados.

## *Ano 1157*

Feitiçaria. Essa palavra maldita. Sangrada. Às bruxas consagrei minha dor, delas extraí o antídoto para meus gritos, por elas expliquei o que existe entre o dia e a escuridão. Que desafio escorchante, por esses ferimentos esvaíram-se os pruridos do que eu considerava flor, sobraram plantas mortas que vão perdendo a cor. Conteí tudo para aqueles que precisam de respostas, mas como as obtive? E a que preço? Esvaí reservas sagradas.

Quando descrevi como a luz permeia a escuridão, permiti que uma parte luminosa de mim se apagasse. Não há nada no mundo sem sua devida contrapartida. E o que fiz foi vender propriedade alheia. A natureza rugiu verdades incompreensíveis cobrando seu dízimo “Que sejam preservados os mistérios das sombras”, e eu respondi esbravejando amor, em lágrimas. Como obedecer a um senhor a quem desconheço? Lá vêm eles, pútridos e vívidos, desobedecendo harmonias, porque algo na fronteira, tornou-se alguém, e começou a perturbá-los. Despenca a pétala que não passa de recordação. Estou pronta a contar essa mentira, e ela soa a mais aguda das notas musicais, gritos exacerbados de bruxas que se nutrem da correnteza de riachos ou de oferendas desperdiçadas, perturbando intermináveis gerações de orelhas com os sons do segredo que por ninguém deve ser escutado. Fronteiras são entidades curiosas, se cortadas continuam reproduzindo suas bordas e impondo limites. E por isso o grito das bruxas inventa dores que contaminam uma longa sequência de olhos, abertos, fechando-se, fechados e abrindo-se, perdem a paz campestre para piscarem como se estivessem mergulhados em salmoura, e isso não acaba mais, não há nada tão limpo que consiga lavar os olhos dessa contaminação. Então os portentosos reveladores não passam de agentes transmissores de doenças que matarão dois entre três homens. Os que sobraem estarão

escondidos embaixo de pedras e padecerão de fome com medo de abandonarem seus refúgios.

A palavra devastadora deve ser evitada a todo custo, pode ser dissimulada com notas musicais, mas sob hipótese alguma deve ser dita. As bruxas são as prostitutas dos segredos naturais, engolem o que suas bocas suportam e exalam odor de sabedoria, o tempo parece ser uma pequena bola vítrea transparente, que elas escondem no fundo da boca, e cospem quando querem revelar alguma cena curiosa sobre alguém, pessoas que à exceção desses instantes, nunca demonstraram qualquer traço de curiosidade em relação a nada. Depois de exercerem seus instantes de poder, as bruxas começam a pagar preços por sua ousadia, normalmente os dentes são os primeiros a cair, depois são os órgãos internos que perdem a fixidez, as fronteiras entre eles desaparecem e a mulher sente que nada que come para em seu estômago, isso porque ela já não tem mais estômago e sim uma massa fundida que mistura rins, pâncreas e intestinos. Numa segunda fase essas bolas compactas de carne atravessam as paredes da pele e aos poucos, vão ficando expostas, causando desconforto extremo e grande felicidade para grupos de moscas, que descobrem tipos de substâncias que as atraem, tanto pela aparência quanto pelo cheiro, mas principalmente pelo gosto.

Depois de virarem morada de uma cidade de moscas, as bruxas não têm vida longa. Em geral tornam-se agressivas ou arredias, as que decidem falar gritam aos quatro ventos como é que devemos proceder para criar uma tempestade ou fazer com que a lavoura do inimigo seja devorada por uma praga de gafanhotos. Nos últimos dias elas parecem falar em idiomas desconhecidos, misturando palavras, frases e até sílabas. Quando morrem dão um grito tão agudo que derruba pássaros do céu, e pode ser ouvido a muitas léguas de distância.

Seus corpos então são massas pontiagudas de carne, a essa

altura as moscas já foram expulsas pelas formigas, que como excelentes empregadas da natureza, transformam buracos, derrubam paredes, implodem passagens intestinais, e pouco tempo depois a bruxa é apenas uma túnica abandonada sendo arrastada pelo vento.

O que sobram das bruxarias? As respostas fáceis contaminam aqueles que precisam dos dias, “sim, seu marido possui uma amante em outro reino”, minha flauta canta amarga e consagro toda confiança à mais abominável das feiticeiras. Destrono a dor impondo uma felicidade flutuante. A serpente parece ter uma cabeça em cada extremidade do corpo. Odeio todos que possam ser indignos desse sentimento, dos outros esqueço. Sozinha, eu e as vísceras de um bode sacrificado, a campina verdeja e o riacho escuro borbulha notas que nunca serão música. No céu um relâmpago silencioso. O desperdício parece ser a matéria-prima da vida, de meu sexo eclode ódio, aos quinze anos dei a luz a uma menina, dois anos depois nasce minha segunda filha, apesar do amor que sinto por elas, nunca soube a razão concreta pela qual permiti que elas chegassem à vida.

Sem conseguir responder se valeria a pena enfrentar todos os anos, decepções, dores, e se as eventuais alegrias compensariam as penas, acabei sentindo-me usada pelo macho reprodutor em busca de descendentes para seu reino. Como não pude dar-lhe meninos, parece que, sem dizer palavra, ele discretamente culpa-me por minha incompetência, tratando as duas meninas com respeito, mas dedicando-as menos afeto do que faria se fossem homens.

Então meu ódio desce de meu sexo e contamina o dele. Gostaria de poder mutilá-lo enquanto ele exerce o poder do macho, e se esforça para que o próximo bebê nasça com um membro que comandará todo nosso reino. Meu refúgio é a natureza. Confio nela e nas beberagens que minhas amigas bruxas

preparam para que eu nunca mais engravide, e se isso acontecer, que seja de uma nova menina. Faço isso magoada. Ele me colocou dentro de um jogo sem me perguntar se queria. Tinha só quatorze anos quando nos casamos, agora tenho o direito de frustrar seu sonho.

Outro dia um emissário de meu marido me viu à beira do riacho conversando com algumas bruxas, imagino que a essa altura ele já deve estar ciente de minhas práticas, mas nunca disse uma palavra sobre o assunto. Olha-me com seus pesados olhos azuis envoltos em grandes cílios, espera que eu tome a iniciativa e conte-lhe tudo. Não direi nada.

Que os anos transcorram nessa hipocrisia muda, tenho a música como refúgio. Depois de beber os chás das feiticeiras, caminho até não enxergar mais ninguém, então uso minha voz e flauta, tento fazer com que os pedacinhos de vida que não se encaixam na prática, pelo menos na música convivam de maneira harmônica, e que dela possa ser extraído um sentido. Quanto tenho sucesso nessas tentativas, e percebo que o que estou tocando, representa muitas coisas além do que pode estar contido dentro de mim, nesse dia me sinto realizada, volto para o castelo repleta de um amor que não escolhe parceiro para ser dividido.

A fatia maior sempre acaba sobrando para minhas filhas, mas até meu marido alegra-se com a recepção que lhe faço. Em outros dias a flauta soa triste, minha voz perde o veludo e a vontade, e o que consigo expressar são dorzinhas ou frustrações internas, daí sinto uma enorme sensação de tempo perdido, meus dias se esvaem como uma folha que cai nas águas do riacho e sem direção nem força, vai sendo levada com velocidade para a foz do rio.

Volto para o castelo sem vontade de falar com ninguém, digo para minhas damas de companhia informarem ao rei

que estou indisposta e que dormirei em outro quarto. Fechada em minha câmara, observo pela janela os cavaleiros que vêm de longe transportando correspondência, ou as caravanas de mercadores que passam ao largo. Meu pensamento os acompanha em seus desejos e desígnios, gostaria de deixar de ser eu mesma para poder ser alguém com mais liberdade, que pudesse conhecer lugares distantes e não estivesse tão amassada por normas sociais.

Normalmente após um pouco de reflexão, alguma criada vem bater à minha porta para oferecer um chá sonífero, que não costumo recusar. Aceito, e enquanto a bebida não faz efeito, permito que o amolecimento de minhas certezas faça com que eu transfira a viagem que desejei fazer, para a floresta de arabescos que cobrem a colcha de minha cama. Sinto-me pequena, frágil e moralmente vulnerável, depois adormeço sem conseguir lembrar-me de sonhos desagradáveis. Os dias são sucessões de si mesmos. Acontecem apesar de tudo, ou então sem que nada lhes sirva de obstáculo.

Muitas vezes, enquanto olhava pela janela, sonhei, em abandonar tudo, seguir com alguma caravana, tornar-me amante de um bárbaro, dar-lhe quantos filhos quisesse, e depois perder-me de novo, desaparecer dentro de novas possibilidades, sentir a gota da chuva escorrer, e meus dedos dos pés mergulharem na lama. Mas tudo me parece tão distante, acho que sempre enxerguei a vida pela janela, sinto-me culpada por isso.

Os trovadores... vagando de cidade em cidade, compondo canções e vivendo o instante, como eu gostaria de ser homem e exercer minha liberdade. O risco seria uma premiação. Que mal haveria em ser atravessado por uma espada, se tivesse vivido uns bons trinta anos sob o jugo de mim mesma? Com vinte e dois anos estou começando a ficar velha para os riscos, mas ainda sou muito jovem para o arrependimento, sinto que cada vez menos

gosto de observar as caravanas de mercadores, elas atestam meu fracasso lembrando-me de meu fado.

Escolho conversar com uma dama de companhia sobre a qualidade de algum tecido, esquecendo-me de suas origens, da aventura que foi transportá-lo por meio mundo. Então, num instante fugaz, enxergo nos olhos da serva, toda a mediocridade do mundo, dói-me participar de um jogo onde o ser humano seja somente aquela minúscula figura que acaricia um pedaço de pano, e olha-me com admiração desmerecida. Nesse curto momento tenho vontade de arranhar-lhe o rosto e gritar até que aquela mulher desperte de seu sono. Depois beijaria seus lábios para que ela sentisse a selvageria que habitava em meu coração. Mas essa revolta sempre amolece, e sinto uma piedade que começa por ela e termina em mim. Seus olhos estão repletos de uma sinceridade ingênua, e me dizem “ aceite sem lutar”, olho sua pele e descubro os atalhos do tempo, seu rosto aos poucos vai parecendo uma máscara que se separa da fisionomia. Vejo nela quem serei, todas as cores começam a perder a vivacidade, essa mulher, que deve ser uns quatro anos mais velha do que eu, permitiu que a falta de esperança antecipasse a velhice. No fundo de seu olhar, percebo que talvez ela tenha consciência de que representa um papel, e de que seu caminho não tem volta.

Pode ser que me odeie por eu representar uma força que ajudou a colocá-la nessa condição, ou então o contrário, que só esteja esperando por meu grito e meu beijo, e que ao menor sinal de minha revolta, ela chorará de alegria e acobertará minha fuga. Desejando que eu possa viver a vida que lhe foi negada. Enquanto olho-a nos olhos tento descobrir algum sinal de que ela desconfia que a libertação seja possível, é preciso que me entenda sem que nenhuma palavra seja dita. Às vezes tenho quase certeza de que compreendeu, e que apenas aguarda a oportunidade certa para conspirarmos nossos sonhos. Então ela me surpreende

demonstrando suprema euforia com algum jogo de pratos novos. Dessa vez descubro que não conheço o ser humano. E que só o que fica aparente são ossos frágeis e pele infectada por chagas, mas mesmo assim, ou justamente por isso, sinto uma imensa vontade de sujar minhas mãos com o sangue do gênero humano.

Quando me dá as costas tenho gana de apunhalá-la. Um golpe que não a mate de vez, que tenha tempo de perguntar-me com os olhos “Por quê?”, e antes que ela morresse eu responderia sem usar palavras “Porque fui covarde e alguém precisa pagar por minha covardia” ou então “Porque se você vivesse seria uma eterna lembrança de minha oportunidade perdida”, e talvez ela não entendesse nada, nunca tivesse suspeitado de meus desejos secretos, e antes de espirar ainda tentaria me contaminar com um olhar piedoso, que propositalmente iria me condenar ao eterno arrependimento.

Para não matá-la, alívio minha ansiedade escrevendo canções, imagino-me homem, depois uso do poder das palavras para disfarçar meu sexo, encubro desejos, distraio-me com os versos, mas quem me captura é a música, é com ela que consigo dizer quem sou. Entretanto, minto, talvez eu seja tão compositor quanto sou mulher, nos dois casos falta-me coragem exploratória, não consigo aprofundar-me na escala de notas, descobrindo novas combinações e tonalidades.

Repito um prato gostoso, temperado com gotas de espiritualidade, sempre a mesma comida, e quanto a esse tempero, desconheço sua composição, função, e se ele realmente tem alguma. Nunca tive dificuldade para entrar em transe e degustar alguns estados mentais diferenciados, uns prazerosos, outros medonhos. Já trouxe de lá muito material para usar em minhas composições, mas nunca tive certeza de que fazendo isso, estava agindo com honestidade. No mundo das nuvens somos passageiros de desígnios alheios, e não creio que essa prática possa

construir a música cheia de liberdade com a qual sonho. Os elogios, e tenho de dizer que não são poucos, apenas solidificam meu vício criativo, e lá vou eu de novo, mergulhar naquilo que não tem fim nem direção.

Nesses instantes nem ao menos aquilo que suspeito ser eu, resiste. Como um pedaço de algodão embebido em sangue, absorvo tudo que está ao redor e transfiro-o para meu interior. Volto de lá pingando gotas vermelhas sobre as notas musicais.

Essa viagem é longa, mas para os que se assustam com o percurso, há uma verdade que não podemos privar aqueles que desconhecem o outro lado, os dois mundos são muito diferentes, mas nenhum deles tem uma gota de superioridade sobre o outro. Nada poderia trazer de lá, que também não encontrasse no jardim de meu castelo. Mas não é nisso que minha música faz os ouvintes acreditarem. Creem que mergulhei em abismo desconhecido, arriscando minha vida, para de lá trazer as pérolas douradas que irão escutar e aplaudir entusiasmados.

Se eu tivesse menos medo da vida conseguiria enxergar os símbolos que o mundo planta pelos cantos, longas histórias escritas com folhas que voam, ou palavras entrecortadas pela multidão, que se prestarmos atenção podem formar uma frase. Acho que nesse mundo onde piso, talvez eu pudesse encontrar enroladas em alguma cerca de castelo certas notas musicais tortas, e quando tentasse endireitá-las, talvez aí estivesse compondo minha melhor música. Já sonhei com sons que se aprofundavam dentro de sensações, depois se distorciam até virarem cores. Quando acordava a primeira sensação era a felicidade “a glória de saber que o mundo não se limitava àquilo que conheço”, no espelho reconhecia esperança em meus dentes, depois as horas traziam frustração “de que adianta esse mundo existir se dele não posso usufruir”, o melhor seria que eu mesma acreditasse que tudo não passava de um delírio e que não havia nada além

dos limites da música que escrevo. Mas não consigo.

O que escutava nos sonhos parecia muito mais real do que o que vivia durante o dia. Esses desapontamentos já me fizeram planejar todos os tipos de escapatória, inclusive atirar-me do alto da torre do castelo, para ver se poderia em vez de viver, sonhar. Mas tudo, no final, parecia fuga fácil, seria como repetir a fórmula de sucesso de uma canção. Se a morte libertasse, nobreza e mediocridade se igualariam, o sono eterno seria o refúgio seguro daquele que nada ousou e apenas obedeceu, ou só desobedeceu a ordens. Para que houvesse justiça era preciso que a morte fosse inexorável, aniquilando qualquer perspectiva futura. Só então, liberta de todas as esperanças, eu poderia cantar sombras e ser todos os pedaços do que não fui.

Mas a coragem é feita de dor e se quiser naufragar minhas penas, preciso experimentar aquilo que não está ao alcance de minhas mãos. As paredes do castelo, os tapetes desenhados com arabescos, o luxo e as refeições fartas, são maneiras de me manter encerrada em um mundo onde a esperança no futuro é soberana, e daí vem desejo e frustração. No eterno presente as fronteiras se dissolvem, e é contraditório almejar a esse estado sabendo que qualquer esperança futura é o contrário dessa mesma condição.

Mas a música que percebi, talvez seja esse o termo mais adequado, durante meu sonho, era cheia dessa falta de coerência, e talvez essa fosse sua grande força. Os flocos de neve têm cada um sua marca matemática, e logo que derretem abandonam sem piedade as mais complexas formas geométricas voltando a ser água. As flores de lavanda aceitam a perda de contornos e esperanças, “que venha a noite, o sol, a lama”, nada mais é preciso, os séculos dissolverão as paredes de meu castelo e os ossos de gerações se-carão, depois virá o orvalho, então eles desaparecerão junto com todo o resto, o acaso fará uma criança apanhar no chão um pedaço de mim, e eu acabarei servindo de brinquedo para seus amigos.

Esvaíram-se todas as esperanças que hoje sustentam nosso mundo, suas regras desapareceram porque não há mais ninguém em quem aplicá-las. Talvez as novas gerações não sejam tão sujeitas a prisões sociais, e por isso mesmo, possam estar livres para efetuarem mergulhos responsáveis no mundo de cores e sons sem nome, e delas trazerem não apenas o deslumbramento com o que viram, mas algo que possa fazer o conjunto da população aprender a pensar melhor, estabelecendo prioridades para ideias. Mentos que saibam aprender a entender os reflexos, sem querer dar a um dos lados a condição de objeto sólido. A imagem é que interessa, e ela tem tanta verdade quanto o objeto que teve de ficar em frente ao espelho para ver-se refletido.

E tudo boia na luz, assim como flutuam as notas não reveladas da música de meus sonhos, encobertas pela mesma bruma que nada esclarece. Dentro das coisas acontecem gritos de muitos tamanhos e pesos, e dentro de mim todas as outras, imagens e direitos, desejos e desistências, a flor dos céus brilha escura, para todas as horas, e no interior de cada pétala há as que tenham meu rosto, e dele fazem o uso que escolheram, soam como a cotovia, sem respostas, admiráveis em suas sombras. Nada mais. Porque eu sou a música que posso escrever, e ela me bastará enquanto não me tornar outras. Adoço pelos outros, porque pesa sobre eles a condenação “nunca serão a que sou”, sem amores compartilhados nunca encontrarei vossos ódios, mas, o que restará?

Adio resposta muda, a flauta cansada esgota seus esforços, e ainda me restam tantos anos e peso para carregar, meus dentes esgarçam alimentos empenando-se, num esforço que é repetição e parece tão ancorado ao tempo, que por isso sou gota de água no rio de gerações mastigadoras, orvalho faminto pela planta e sedento de madrugada. Arvoro quantidades de tantas qualidades que, depois de emergir mulher, encontro cada lado de mim colorido por um sexo, e eles todos, rebelam-se contra seus opostos.

Perscruto todas minhas idades descobrindo muitas pessoas que deveriam ser eu. Tudo tão inesperado quanto um sonho, nas camadas vividas de mim a língua não guarda sabores, o picante, é recordação, mas não azeda a boca.

Quando deturpo o dia encontro outras fingindo ser eu, são mulheres de todas as idades, e acho que também são homens, têm olhos oblíquos e parecem suspeitar que o que sou, é a representação de alguém querendo convencer-me de que sou eu. A desconfiança é doença pegajosa, engolindo qualquer certeza. O céu refletido no lago podem ser apenas nuvens brincando de transparências. Cansei de espelhos e janelas. Mas preciso escolher entre um dos dois. Como os espelhos parecem mais traiçoeiros, deixo que meus olhos contemplem o verde que se estende até o horizonte e onde não há nenhum movimento além da sutileza da brisa na vegetação.

O cavalo. Primeiro a figura imponente do animal negro e musculoso. Depois seu tamanho diminuído em relação ao resto da paisagem. A tranquilidade. Nada existe além da relva que serve de alimento. As patas escorrem preguiçosas emprestando graça ao quadro, a cabeça é doce e tem a rebeldia dos movimentos alegres. O pelo escuro reflete um pouco da luz do sol, a vida empina o corpo e relincha, e essa música é tão grande quanto aquela de meu sonho. O cavalo caminha na direção do riacho. Água. Flui sem esperar nada centrada e prateada, os reflexos são indiferentes.

Vejo o bicho abaixando-se para beber, separa as patas traseiras e enfia a língua vermelha na parte mais rasa do rio, a plenitude polvilha o prateado de flocos amarelos descidos do sol. Natureza. O animal saciado caminha movendo um corpo que não é diferente de todo o resto que enxergo. Desaparece de meu campo de visão deixando somente a relva e a noite.



## *Ano 1166*

Raimbaut de Orange, esse é o nome do amor. Através dessas sílabas encontrei uma promessa de caminho. Evanesceu todo o resto, escureceram as luzes e tudo passou a ser lembrança. Mas nesse percurso irreal a dor é verdadeira. Sua presença confundeu-se com o fantasma da ausência. Seus olhos são a sombra de minha vida, e desde que o vi pela primeira vez ele iluminou-me todas as noites, escureceu o cansaço de minhas vistas, não permitindo que nenhum sol raiasse que não fosse ele próprio. E não havia noite. Nem passado. Raimbaut é sempre presente. Não existem sobras. Nem eu mesma. Ele é meu começo circular, e por isso será meu fim. Mas isso não tem a menor importância. Quando o vi pela primeira vez desabaram todas as expectativas que não tivessem seu rosto.

Meus ouvidos sentiram o sabor de suas canções trovadorescas. As palavras narravam as aventuras de um arqueiro, que em cada cidade que chegava sempre apostava que teria a melhor pontaria. Ganhava seu sustento da flecha certa. Atravessava maçãs e até moedas atiradas para o alto. O personagem de suas canções, além de dinheiro, também arrebatava corações. Talvez a vida do próprio compositor não fosse tão diferente da de seu personagem, ao invés de arco e flecha suas armas eram seus instrumentos musicais e a graça de suas canções. E foi assim que aconteceu, numa apresentação no condado de Dia, nossos olhares se trocaram, encantada procurei me fixar no movimento de seus dedos enquanto tocava, e ainda havia a voz, máscula sem ser animalésca, aveludada, pronunciando as palavras com exatidão. Logo percebi que era ele o homem que nascera para mim, para me completar em meus momentos de solidão. Ele era a fresta onde nos esconderíamos durante os instantes de medo, nos tornaríamos um só, mas essa pessoa que surgisse seria muito

melhor do que as duas isoladamente. Não sei se a recíproca é mútua, ele procura-me nos cantos da corte para dizer que sou a mulher de sua vida, não sei se acredito, são frases tão bem construídas e entoadas, que parecem que foram feitas para a mulher da vez, mas isso não me perturba, é claro, preferia que ele me amasse, e só a mim, mas se não for possível aceitaria com o maior prazer dividi-lo com outra, meu amor é do tipo mais refinado, por isso não se incomodaria se mais dois ou três corpos estivessem participando do sexo.

E para dizer a verdade, sexo é o que menos incomoda, do que preciso é de sua presença, de seus grandes olhos azuis, e de sua voz cantando canções que falam de reinos distantes, e que provavelmente muitos de nós nunca poderão conhecer. É claro que não passa de teoria a aceitação de outras mulheres na relação, os ciúmes logo infestarão de ervas daninhas a lavoura do relacionamento. Mas não me importo, amo-o e vou lutar por ele com todas minhas forças. Sei que a serpente da suspeita já circunlocou os pés de Guillem, agora quando me olha procuro desviar, mas sei que não tarda o momento em que ele irá me chamar para que decidamos nossa situação. Perderei o título de condessa e todas as facilidades que o acompanha, serei desterrada em algum fim de mundo onde levarei uma vida sem luxos. Correrei o risco de Raimbaut não me querer mais.

Existiram casos parecidos que terminaram na forca. Mas Guillem não se atreveria, nossas duas filhas são minha salvaguarda, o que pode fazer é aceitar a relação, fingindo não saber nada, apenas para manter a família real unida. Isso seria terrível. O ódio acabaria descobrindo uma maneira de atravessar a barreira da civilidade e das gerações, atingindo minhas filhas, que sentiriam que pesa sobre sua mãe o cheiro apodrecido do adultério. E elas transmitiriam para seus descendentes a falta de certezas no que deveria ser sólido. Meu egoísmo chamado amor,

conseguiria se espalhar por séculos, mas nenhuma flor chegaria até lá, apenas os galhos secos.

Percebo como a generosidade pode ser matéria efêmera quando se trata de amor, ao amante nada interessa a não ser a realização de seus desejos, mesmo a figura amada fica em segundo plano, porque no fundo, poderia ser substituída por outra. A incoerência intoxica os sentidos e justifica qualquer atitude, o homem que se afoga fará qualquer coisa para poder respirar, até cortar a própria mão que o prende embaixo d'água. Mas agora, de nada vale a razão, é matéria esquecida como o membro decepado. Todo equilíbrio construído através dos anos se transforma em um grito desesperado no meio de um bosque, a natureza que me envolve testemunha a dor de não poder estar com ele. Sou martirizada pelas possibilidades. De quem serão os olhos que o admiram, os ouvidos que escutam suas canções?

Que a flecha de seus poemas possa cegar e ensurdecer a todas que ousarem invadir o território que descobri meu. Mas o que mais me aflige não são os olhos alheios. O medo escurece mais meus dias quando penso no interesse que dele possa nascer. Outra mulher escutará as mesmas palavras que me dirigiu em voz baixa, mas talvez para ela não precise disfarçar olhares nem esconder significados, gritará que a ama, e apenas o fato de poder fazer isso já seja razão para amá-la mais e começar a esquecer-se de mim. E por isso eu também o odeio. Dentro de meu sentimento cabem dia e noite. Para que ele viva preciso deixar de existir, mas também preciso matá-lo para sobreviver, e cada um dos casos existe sem que o outro seja excluído.

Daria tudo que possuo para extirpar o que sinto, a vida poderia perder alguns de seus brilhos se não latejasse de forma tão aguda, tenho a raiz dos dentes da alma inflamada, e preferiria nunca mais poder mastigar ou então jamais ter conhecido o gosto dos alimentos, se fosse poupada de meus momentos de dor. Em

outros momentos escolho enfrentar qualquer pena diante da recompensa de apenas olhar para Raimbaut, mas essas sensações são tão efêmeras quanto a maçã depois de cortada. Em outra de suas canções ele conta a história de um homem humilde que vivia no campo, mas queria ser rei, então dedicou o esforço de uma vida na construção de um castelo onde seria o soberano. Dia após dia planejou a construção e depois a executou. Fez tudo sozinho, cavou, carregou pedras e as empilhou. Os anos se passaram e lentamente as paredes iam se erguendo do solo. Quando já estava muito velho deu sua obra por concluída.

Depois de um ano dormindo dentro do castelo, percebeu que aquele sonho havia envelhecido e que já não fazia mais nenhum sentido. Então decidiu desmontar sua obra, desencaixaria uma a uma as pedras, procuraria na medida do possível recolocá-las em seus lugares de origem. Apesar de sua idade avançada, esse trabalho era muito mais rápido do que a construção. Em poucos meses as paredes começaram a perder altura. Quando já estava bem próximo das fundações, em uma manhã nublada, a morte tocou-lhe os ombros. As ruínas engoliram seu esqueleto. As poucas pessoas que sabiam da história foram varridas pelos dias, a chuva e o vento fizeram com que as pedras que sobraram parecessem uma formação natural.

Enquanto escutava seus versos reparava em seus longos cílios e na graça com que ele movia a cabeça e tocava alaúde. Eu havia construído meu castelo e se aproximava a hora de começar a desmontá-lo. Talvez a melhor herança que eu pudesse deixar seria a ausência de marcas pessoais. Mas aquela seria uma decisão dolorosa, que eu preferia adiar para a noite do dia que nunca chega. Enquanto isso esqueceria das palavras e ouviria somente a música. E nela, morreria para tudo que não fosse o instante.

Enquanto assistia a uma de suas apresentações, de repente encontrei meus olhos refletidos em um espelho, e percebi que por eles escorria obsessão, assustou-me essa constatação, pois nunca conseguimos dar forma externa a nossos estados de espírito. Pouco depois comecei a reparar melhor nos olhos de Rimbaut, mergulhei em um azul no qual talvez nunca tivesse ido além das águas rasas, dessa vez talvez tenha chegado até a camada aonde a luz não chega, foi quando me dei conta de como era importante para ele descobrir olhares obsessivos em sua direção, nutria-se disso, e cada ato de beleza orgulhosa era sustentado por essas energias alheias. Sem essa ajuda não haveria canções, olhares sedutores, não existiria Rimbaut. Descobri-o um personagem interpretando um papel, mas quem escrevia o texto eram eu e as outras mulheres que o cobiçavam. E nunca nos demos conta de nosso poder de modificar a história conforme quiséssemos. Rimbaut era fraco, superficial e vazio. Mas descobrir tudo isso não diminuiu em nada meu desejo de continuar amando-o.

A revelação de sua fragilidade apenas aguçou meu desejo de proteção, o cristal vibrava, reluzia, mas precisava ser mantido com segurança longe das quedas. Caso se espatifasse no chão quem sofreria não seria ele, mas nós, as que o desejavam, que não sabemos gerir nosso sonho e os escrevemos mortais, éramos nós que arcaríamos com as consequências dessa morte. Para ele o caso seria tranquilo, deitaria confortavelmente para nunca mais acordar. Pergunto-me se Rimbaut ainda conseguiria abdicar de todo seu jogo de cena e tornar-se um simples homem, e se caso conseguisse, se essa não seria a pá de cal na obsessão que escorre por meus olhos. Ninguém ama um homem normal, mesmo os mais simples servos, os mendigos, todos eles guardam na manga da camisa uma qualidade que os distingue da maioria. E essa carta de baralho vai fazer os olhos de algumas mulheres se encantarem por eles. Junto com essas virtudes outro

ingrediente do encanto é justamente o contrário desse vigor. O ser amado unge nossa solidariedade por sua condição de mortal, e esse talvez seja o grande segredo de Raimbaut, ninguém nunca me pareceu uma presa tão vulnerável do destino. Apesar da pele sem vincos, consigo enxergar os caminhos que o tempo percorrerá em seu rosto, e percebo a mágoa que isso lhe trará, e como se apoiará em recordações de quando achava ter sido feliz.

Sua árvore perderá as folhas, os frutos apodrecerão no chão, e os galhos secos serão espinhos de si mesmos. Desaparecida a fusão que outrora havia com o azul do céu, ele restará sendo cada vez mais o único companheiro de seu próprio corpo. E essas fraquezas, ao contrário do que possam parecer, só me aproximam mais dele, parece que os defeitos compensam a culpa de minha entrega, e os dois desavergonhados sacos de ossos dissimulados em pele e olhos, amarram-se, por que de agora em diante não terão mais medo dos efeitos do tempo. E até tornarem-se pó, que fugirá por entre as fibras da embalagem e será varrido pelo vento, até lá estarão na melhor condição para exercer o amor que dizem sentir um pelo outro, anestesiados contra o medo e as expectativas.

Mas ainda estou longe desse desprendimento, escolho os braços e pernas musculosos, finjo não saber como se desenrodam as coisas. Então, como um boi, ele executa seus movimentos repetidos de quadril. Depois que as pálpebras levantam-se do cansaço, o germe da insatisfação já lhe apresenta novas opções mentais, o círculo repete-se, a semente da morte está plantada e não para de viver. Meu amor transmuta-se numa imensa piedade “o pobre coitado está condenado a ser um homem”, e parece não ter a mínima noção da amplitude de sua pena. E enquanto não perceber isso, a condição humana irá gradualmente aumentando o peso que exerce sobre seu esqueleto.

Imagino alguém que está exatamente nessa situação, um sedutor que gosta de sexo e conta as mais absurdas mentiras, se elas o ajudarem a conseguir moças que aceitem deitar-se com ele. Esse homem não percebe, mas sutilmente está cercado de barras de aço que limitam sua liberdade, eventualmente até as enxerga, mas acha que são algum novo tipo de planta trazida do oriente. Quando por acaso esbarra em alguma delas sentindo a dureza do ferro, continua não suspeitando de nada, “devem ser plantas duras, elas normalmente dão os frutos mais amolecidos”, aos poucos vai percebendo que essas plantas exóticas estão posicionadas em lugares estratégicos, e que às vezes isso atrapalha seus movimentos. Ele deixa de ir a certos lugares por causa delas. Certo dia um exército amigo vem visitar sua fortaleza, chegam montados em suntuosos cavalos e acabam não conseguindo entrar em seus domínios por causa das barras de ferro. Foi então que ele começou a desconfiar que aquelas plantas talvez não fossem plantas, e que tinham sido dispostas de maneira a cercar-lhe a liberdade. Teve essa certeza quando, depois de se despedirem, seus amigos partiram em disparada, o que fez levantar poeira, que subiu alto, muito mais alto do que a casa onde morava. Só então começa a desesperar-se, precisa fugir dessa prisão, mesmo que dentro dela tivesse algum conforto, e do lado de fora só o que encontrasse fosse o sol inclemente e bandidos prontos para matar e roubar.

Então ele usa uma barra para alargar outras, até que não foi difícil, e quando se deu por conta estava caminhando em pleno deserto, e sentindo os efeitos devastadores do sol e da sede. Nos primeiros momentos o sofrimento não lhe incomodava tanto, pois sabia que sua recompensa valeria a pena. Esperava encontrar beduínos que seguiam em caravanas bem equipadas e nunca negariam ajuda. Mas o máximo que enxergava eram os truques óticos do deserto, pequenas povoações que somem para reaparecer em outro lugar. A liberdade tem o tamanho do que

conseguimos suportar. O suor e as lágrimas revelam seu parentesco. Ele maldiz os homens que fizeram a visita e o inspiraram a buscar novas fronteiras. O sol inclemente castiga sua pele e o que ele sonha é com um jardim repleto de plantas inflexíveis, que de preferência limitem a amplitude de seus passos, mas que delas consiga extrair toda a satisfação que os sentidos exigem.

Raimbaut é simples. Mas isso me encanta, porque talvez a vida seja mais simples do que pareça e ele é muito parecido com ela. Enquanto eu me afasto das evidências tentando descobrir as sombras do espelho, e apenas confirmando o olhar bovino, todo o resto permanece teoria. Meu corpo perde o encanto a cada dia. Preciso aceitar que ele buscará outra que mantenha o viço intacto. O boi também não é mau, apenas possui olhos que só enxergam o que lhe interessa. Eu sou a vaca que entrou no castelo, derrubou móveis, machucou-se e não consegue encontrar a saída. Assustada com as pessoas que tentam acalmá-la continua debatendo-se até que o proprietário decida que a única maneira de tirá-la daquele ambiente é abatendo-a. O que ela enxerga pelas janelas é uma insinuação de pasto livre, mas não consegue ordenar o espaço e as ideias, de maneira a conseguir pensar num jeito de sair dali.

Guillem talvez seja o constrangido proprietário do animal, que tem seu coração revirado pela dor de ter de sacrificá-lo. Sinto uma imensa pena dele, por tê-lo envolvido nesse estado mental do qual sou a única responsável. Gritei para todos “sigam aquela caravana, eles estão longe, mas consigo ver seus contornos longínquos contra o horizonte”, só que não havia nada, arrastei meu séquito para a perdição. Mas sei que meu marido não é inocente. Ninguém é. Condeno-o por, assim como qualquer outro, ser boi e sonhar em continuar sendo. Cumprindo seu papel com um respeito submisso. Desse pecado todos são culpados, à exceção de uma pessoa, eu. Separo-me do resto pela simples razão de nunca

ter sido eles, é sutil a diferença que me faz outra. Imenso é o peso que carrego por apenas não ser outra, que não sou eu.

Sei que cada indivíduo deve pensar a mesma coisa, e lamenta-se por dores que ninguém sentiu com tanta profundidade, e vangloria-se por características que julga absolutamente originais. Os outros são sempre o distante último repolho da horta, quase invisíveis em meio ao verde que se perde de vista. E eu, ao contrário, sou a folha sendo comida e transmitindo o sabor à língua, sou a boca que devora, sou a satisfação, sou a fome, tanta coisa, que quando chega o amor e cobra seu devido espaço, falta lugar para continuar sendo todas as coisas que eu era. O estômago cheio não resiste bem a mais um prato, mesmo que essa última refeição seja a comida mais desejada, o que acontece é confusão. A complexidade de sabores acaba expelida pelos intestinos, e a dor traz olhos irritados e arrependimento. E qual seria a saída para tantos entrelaçamentos de destinos, onde cada qual se julga o centro da trama, e a todos os outros como meros figurantes.

Além disso, há as expectativas e desejos, pois é apenas uma cegueira o fato de cada um não conseguir enxergar no outro exatamente o que é, e essa amarra de destinos é percorrida pela serpente do amor, que não se fixa em lugar algum, que parece sempre estar querendo fugir, deixando para trás o líquido gosmento que anuncia sua passagem. Qual será a resultante de tudo isso? E teria o indivíduo como agir, tentando de alguma maneira exercer sua liberdade condicionada? Para alguns, quanto mais apertada a bola de destinos, mais extensas serão suas zonas de segurança. Os passeios da serpente representam os inevitáveis males da vida. Afora isso não há razão suficientemente importante para que se desalinhe qualquer cerda do pequeno novelo embolado das consequências.

A confusão é confortável, irresponsável, mas às doces incoerências atiro-me com uma certeza dúbia, sou a desvalida que aceita as encenações das desventuras, esperando todas as noites

a mesma lua, mas também sou a semente deflagradora de um amor-morte, que mordisca todos os cantos do mundo, que é a paz que faz jorrar o sangue comportado, que se desvia de sua sina feita em caminho de veias. Sou duas para não ser nenhuma. E de que valem tantas certezas quando por serem muitas, acabam inúteis.

As cores... se pudesse medir o que sinto por Raimbaut com o espectro do outono, descobriria a primeira oportunidade que o verde-escuro encontra para enveredar pelo marrom, depois, o dia feito final, espalhando os restos de sol pelos carvalhos escuros, e mexendo suas luzes, como dedos ansiosos, esperando que o tapete escuro abandone a copa das árvores, circunde preguiçosamente o caule e engrosse a região das sombras. Mas meu sentimento não é feito apenas de folhas mortas, é o fulgor borbulhante que brota do porco abatido, é um azul sem dono, que é tanto olhos quanto céu, e todas as tonalidades que existem entre os dois. É a primavera inteira, cheia de pintassilgos cor de esmeralda, gorjeando uma glória de todos os sabores, que descobre recônditos mágicos, púrpuros, prateados, notívaga promessa de tonalidades-surpresa. É todo um verão resplandecente em amarelos-rubros, pálidos, gélidos, com a intensidade de uma manhã ou da grande tempestade, e desses momentos que transparecem pela força solar, destronam-se as camadas incolores do mundo, revela-se a vida, que contamina os espaços ociosos, onde a coruja soturna faz sua vez, esperando que o dia termine para ensinar por que a noite, como um par de olhos pode conter tantos capítulos feitos de pupilas, cor e movimento.

E finalmente meu amor fala de um inverno plácido, dos flocos de neve azulados que enganam os que acreditam na brancura absoluta. A mais suspeita das cores engole todos os sentimentos, encobrindo um rio de lava incandescente que decreta vida enquanto esfria a morte, e desses despojos revela a flor que está

além do lilás, e que do branco suga todo seu brilho. Qualquer nuvem tem a cor de meu amor, e também o poder de se transformar em outras realidades, gerando raios amarelos que riscam o azul-escuro a procura de vítimas, não conseguem descobrir aquela que ama, nem o que é alvo do sentimento, mas iluminam um caminho que servirá de guia ao personagem dos sonhos da enamorada, que usará a luz que vem dos céus para descobrir onde está seu amor, e principalmente, que cor possui o momento em que ele foi encontrado. Essa informação será muito importante para a enamorada, mesmo que esteja sendo representada por um personagem de sonho. Ventos dúvidos distorcidos trazem cores de longe, e misturam tonalidades, meu amor é o miolo de nuvens incandescentes e alaranjadas, e todas essas cores se espalham por meu peito, encontrando únicas saídas em meus olhos, que são múltiplos imitadores das luzes que estiverem em voga. Disseco o quanto de artificial existe no amor, a natureza aspergiu cores que talvez não a pertençam, da mesma forma senti, sofri, gozei, lados estranhos da percepção humana, uma programação que não deveria estar prevista na lista de experimentos dedicados às mulheres, foram amortecimentos, vontades de morder como um cachorro, de me encerrar dentro de um quarto roxo e alimentar-me somente de comidas da mesma cor, essas talvez sejam as tosses do amor, depois viriam os espasmos, com comportamentos ainda mais estranhos, ausência de luz do sol até acostumar as pupilas a enxergar no escuro, os cortes nas pernas para uma punição que desconheço a causa. O amor está minando minha saúde.

Descobri sob meus olhos marcas que avançam muito além de minha idade, nelas leio o peso do paraíso inatingível. E não é apenas o fardo de não conseguir pousar meus pés naquelas terras o que me torna tão incompleta, há também a culpa por saber esse território impossível, e mesmo assim continuar perseguindo-o.

Meu corpo entendeu que sou inviável e parece querer começar a romper os vínculos comigo, cada vez mais recusa alimentos consistentes. Quando pela primeira vez percebi minhas costelas salientes, logo as imaginei completamente expostas, envolvidas por torrões de terra. O apetite diminuído consigo saciar com caldos preparado pelas criadas, e já não foram poucas as vezes que devolvi o prato manchado por algumas gotas de sangue. Tive de implorar para que não contassem nada a meu marido. Sei que poderia tentar a cura, mas não percebo o bem que a extinção desse mal traria. Não quero sofrer nem apressar meu fim, mas acredito no ritmo dos acontecimentos, e não lutarei como uma desesperada contra as ondas da vida.

Tenho sono tranquilo e extenso, ao acordar misturo alegria com decepção, logo que ponho meus pés no chão lembro-me de Raimbaut, depois desses instantes de enlevo sou arrastada para a realidade, e com ela cada vez menos consigo lidar, os dias parecem ser escritos em língua estrangeira, então apenas espero que eles terminem de falar para que eu encerre a falta de entendimento. Das carnes não suporto o cheiro, qualquer banquete repleto de javalis e faisões obriga-me a marejar os olhos por tantas vezes quantas meu estômago pediu para ser esvaziado. A magreza disfarço com enchimentos sob o vestido, a maquiagem torna pálido meu rosto amarelo. Sou uma boneca magoada, cujo recheio começa a descosturar. Guillem percebeu que a saúde afasta-se de mim. Mas nada me disse, não quis procurar ajuda, talvez esteja esperando que a situação avance para que possa eleger outra condessa. Outro dia encontrei nos olhos dele um restinho de esperança que não deveria estar lá. No leito já não me procura mais, mas continua carinhoso comigo, reconheço nesse sentimento uma anestesia contra a culpa que sentirá quando eu morrer. Não sei se consigo decifrar Guillem por completo, pois ao mesmo tempo em que desconfio que ele quer que eu morra,

sinto em seus olhos um rasgo vermelho de um amor que parece ser verdadeiro, muitas vezes superior ao que enxergo nos olhos de Raimbaut quando se declara apaixonado por mim.

Nova encruzilhada, talvez conseguisse voltar a amar Guillem, a ter os pelos do braço eriçados quando ele se aproxima. Socialmente seria a saída mais inteligente. Mas acabo duvidando que isso seja possível, pois em minha mente Guillem está sempre ligado a tradições, normas, regras da monarquia, tudo o que representa o envelhecimento, o distanciamento da vida verdadeira. Ele precisaria flexibilizar-se e começar a aceitar um mundo menos prático e mais repleto de flores e canções. Fato que julgo impossível acontecer.

O amor por Raimbaut, ao contrário, poderia ser intenso, mas teria curtíssima duração. Extinta a palha que fornecia a luz e o calor, só o que sobraria seriam dois corpos esvaziados e duas almas com sede. Prontas para saciarem seus vícios em qualquer par de olhos atraentes. Minha escolha é quase impossível, e ainda sou premida pelo tempo que anuncia uma saúde cada vez mais frágil. Em breve talvez minhas vontades se esvaíam junto com o apetite. Vivo o dia esquecendo-me dos séculos que estão à frente, e onde qualquer decisão dramática passa a ser cômica. Sinto dores nos olhos que me fazem ficar três dias trancada em um quarto escuro sem ver ninguém, nesse período nem as recordações de Raimbaut são bem-vindas.

A única atitude que está ao meu alcance é tentar descobrir quem realmente sou, tarefa inglória. Desmorono tudo que achava que era, para dos escombros, descobrir uma menina mirrada, machucada pelos desabamentos que causei. Do meio dessas ruínas escuto a voz ansiosa do conde Isoardo II, meu pai. Em sua entonação descubro uma sutil decepção por eu ter nascido mulher. Os anos transformaram esse desapontamento em culpa, que aumentou quando lhe dei duas netas. Escavando esse poço

de emoções descubro que retribuo essa culpa com um ódio adocicado, construído de respeito e resignação. Aprofundando esse buraco descubro vagas semelhanças entre o que sinto por meu pai e por Raimbaut. Há reflexos de uma mesma sombra que tremeluzem entre a repulsa e o desejo supremo, há vinho, água e vinagre.

Encontro gotas de cada um de seus espíritos manchando a essência vermelha do outro. Ao peso da provável infidelidade soma-se algo ainda mais terrível, aos olhos que apenas passearem por esse mal indizível, é contumaz uma cegueira em brasas. Àquela que, além disso, sente-se feliz e orgulhosa por tamanho pecado, a eterna condenação a ser para sempre ela mesma. E depois que aprofunde-se o abismo, até que ela se torne eu, e prossiga nessa sina até que fundam-se eu, meu pai e Raimbaut. O risco do abismo parece cada vez mais iminente, os passos do mundo cambaleiam sem firmeza, e cada nota musical parece a descrição do colapso da essência de todas as coisas. Derrete-se a convicção das flores, o provável torna-se reflexo do impossível. Dentro dessa fornalha em implosão, quando me reconheço, o que enxergo são camadas ansiosas de egoísmo purulento, tornando-se fumaça. Por isso sou tão imensamente inviável e todos os vínculos que me prendem à vida são palha seca devorada por chamas azuis. Portanto como tudo queima e traz dor, escolho segurar no que de mais bonito consegui tocar, e talvez a esse adjetivo possa adicionar outro: ridículo. Cada vez mais minha consciência vai se tranquilizando. As chamas consumiram meus fantasmas e agora, com olhos pacíficos, observo a fumaça que dança suas escolhas aleatórias. Os desenhos parecem obedecer a alguma lógica, apesar de ter achado que mesmo ela havia sido consumida pelas labaredas.

A fornalha do mundo não consome diretamente o couro das pessoas, as florestas ou os animais. É um instrumento mais sofisticado que conduz pessoas, objetos e tudo mais aos seus lu-

gares de direito, e só são carbonizados aqueles que pelas leis da vida jamais poderiam fugir das chamas. A hipocrisia é a única religião existente, ela avança milênios para trás, e promete molhar com seus dedos sebosos os nossos habitantes do futuro. É a moeda de troca entre todos os homens, é aceita em qualquer país e situação. Nesse reino sem séculos, os homens de sorrisos amarelos prosseguirão suas negociações, vendendo os mais estranhos objetos, e orgulhando-se de lucros escusos, mas principalmente de nunca poderem se comportar como realmente são. Mas sempre acham que são seus colegas aqueles que levam mais a sério a utilização de máscaras, e que o efeito dessa tortura social nunca é tão grande sobre si mesmos do que sobre os outros. Portanto acabam julgando-se seres superiores, e os outros são a malta que corre pela cidade, esconde-se em cantos para surpreender eventuais clientes com propostas mentirosas.

Os superiores e os inferiores costumam combinar um século para derramamento de sangue, e depois esperam que a vida posicione os indivíduos que estão preparados para cumprir suas missões históricas. Depois da terra seca nasce um otimismo pontilhado de ossos. Aos doces cabelos que vagam ao vento, o tempo emprestou recordações que não flutuam na superfície, distorcem a imagem sob camada d'água, pedindo para ser tocada, decepcionando dedos ávidos que mergulham cheios de certezas. A mão volta molhada e vazia. Raimbaut boia dentro de profundidades misteriosas. Encontro-o e descubro recordações suas, em época que ainda não o conhecia. O peixe dourado atravessa a lagoa de minha infância arrastando consigo o exato instante em que vivo. Fazendo-me duvidar da solidez de minhas mãos.

Os martírios de meu corpo parecem que atingiram outro patamar. Agora posso dizer que sou uma mulher doente. Meu maxilar inferior está o tempo todo roçando no superior, e sinto que isso enfraquece os dentes, trazendo dores insuportáveis, forçando-me

a arrancá-los. E depois é que vem a dor maior “como me mostrei a ele com dentes faltando”, por enquanto vou usando o velho truque do leque, mas vejo que já desconfia de algo. Além disso, quase tudo que ingiro, ponho para fora através de vômitos ou diarreia. A fraqueza limita minhas caminhadas a uma pequena área ao redor do castelo. Perdi quase todas as cores, e o que sobrevive sob a pesada maquiagem branca é uma pele amarelada e cheia de imperfeições. Minhas vontades também estão mudadas, dias olhando paisagens, sem falar com ninguém, alimentando-me de sopa servida em canecas. Em outros, peço para que todas as criadas me acompanhem em um passeio até o próximo castelo, que fica cerca de seis léguas daqui, nesses dias não me faltam energias ou alegrias, na volta me interno em meu quarto por vinte e quatro horas, nas duas ou três horas que permaneço acordada, mergulho numa tristeza sem fim seguida de total desânimo. Finalmente o sono vem me socorrer, e quando acordo, aquelas sensações são memória levemente enterrada.

Chego a suspeitar que aquela mulher deprimida não sou eu. Algum espírito, aproveitando-se do cansaço de meu corpo percebe as resistências baixas e ataca, sugando minha energia vital e deixando como compensação os ossos roídos da depressão. Em um de meus sonhos recorrentes sou surpreendida por Raimbaut, sem ter um lenço para esconder minha boca. No sonho ele me diz que mesmo com poucos dentes eu sou a mais bela condessa que ele já viu. Estufada de alegria por suas palavras despeço-me e vou correndo contar as novidades para minhas amigas. Elas riem e me abraçam, congratulando-me por ser desejada pelo mais belo dos príncipes. Quando as conversas baixam o tom, o grupo de amigas escuta algumas gargalhadas de rapazes, as moças se aproximam na surdina, tentando descobrir se estariam falando delas. Ouve-se com clareza a voz veludosa de Raimbaut “A banguela é tão amarela quanto um boneco de

cera, uma mulher nessas condições e com a idade que tem, nunca conseguirá parir um filho, e se o fizer, esperem por uma aberração tão grande, que fará o anão da corte parecer um homem bem apessoado”.

O sonho continuava, eu corria para o mais longe que minhas pernas pudessem alcançar, sequei as lágrimas de uma vida inteira. Pedi para que as damas de companhia me deixassem em paz. Fiquei sentada a beira de um riacho tentando descobrir uma maneira de não me sentir tão diminuída com as palavras que havia escutado. Apanhei uma grande pedra, levantei em direção de minha boca, queria quebrar pelo menos mais uns três dentes. Antes que a pedra acertasse minha boca eu acordei. Repleta de um ódio que nunca havia experimentado, e que parecia feito de material resistente.



## Ano 1149

Está decidido. Em três semanas serei a esposa do conde Guillem de Poitiers. Meu pai não cabe em si de tanta felicidade, minha mãe, como sempre fez, acompanha seus sentimentos. Quanto a mim, não sei se é o que quero, mas o que sei é que não há escolha. Por outro lado sinto que novas perspectivas se abrem, aos quatorze anos me tornarei condessa, terei criadas só para mim e um grande castelo cheio de quartos dos quais imagino, que pelo menos alguns, o conde desejará encher com seus descendentes. Quando fui apresentada a ele, tudo já estava consumado. Ele tratou-me com um respeito religioso. Senti vontade de perguntar por que desejava casar-se comigo. Sei que a tradição não permite questionamentos, então fiquei calada, apenas achando tudo muito estranho. Como quando uma pessoa perde a vida e fica parada até ter de ser enterrada.

O conde Guillem é um homem muito feio. Mas se fosse bonito, eu continuaria achando esse casamento algo difícil de ser compreendido. Refaria a pergunta que imaginei “por que de agora em diante deverei conviver com o senhor, se não o conheço, não temos qualquer intimidade, e da minha parte não há nenhuma atração?” Sei que essas são respostas que nunca devem ser dadas, mas que são tão evidentes que nem deveriam ser perguntadas. “Devo me casar porque cheguei a idade em que todas as moças casam. Devo me casar porque não é de bom alvitre recusar a proposta de um conde bastante influente na região. Devo me casar para poder dar filhos ao conde e dessa forma garantir o futuro de seu reinado.” Agora é minha vez de confessar “Julgo-me muito imatura para casar com alguém, além do que, falta-me qualquer vontade para isso. O fato de ele ter bastante influência na região não me diz absolutamente nada. E quanto aos filhos, não tenho muita vontade de tê-los, se acontecessem, os criaria

com amor, mas não entendo por que eles precisam ser também seus?”

Ainda ontem corria pelo castelo brincando, e mesmo hoje, se me fosse dada a escolha entre a infância e o casamento, continuaria com a primeira opção. Sinto-me como alguém que é forçada a atravessar uma ponte encoberta por uma densa bruma. Só o que percebo são as vozes vindas dos dois lados, pedindo para que me distancie e avance. Sob meus pés a correnteza é mistério. Dentro d’ água há tentação e ameaça. Como é duro me tornar mulher. Os seios crescendo dentro do vestido rasgaram os sonhos de criança. Preciso destruir meu mundo para que a nova vida nasça. No último ano derramei lágrimas suficientes para um peixe poder sobreviver confortavelmente. Não sei se é certo sentir-me assim tão sozinha.

Minha mãe perdeu parte do encanto que derramava sobre mim com seus olhos. Suas mãos parecem não ter mais o mesmo calor quando me tocam. Gostaria de falar-lhe de como todas as coisas estão mudando, que já não tenho o mesmo corpo, e por si só isso já seria algo importante, mas desse fato derivam outros, os olhares dos rapazes, o cochicho das moças... e dentro desse baile de novas sensações e obrigações físicas, sinto-me perdida. Acho que as últimas camadas da infância me ajudaram um pouco no comportamento que deverei ter de agora em diante, é de bom tom que quando uma baronesa ou condessa, que chegue ao poder aos 13 ou 14 anos, que lhe sejam ainda permitidas brincadeiras e jogos. O corte com a infância não poderá ser abrupto. A moça aos poucos, e dentro de seu ritmo, escolherá os momentos adequados para assumir responsabilidades mais sérias. Nesses instantes as jovens soberanas normalmente são separadas de suas amigas de infância, e apresentadas a outras mulheres muito mais velhas, e que terão como função ajudá-las e instruí-las no exercício da nobreza. Minha solidão vem justamente daí. As

mulheres que me foram dadas como damas de companhia, são muito mais velhas que eu, mas isso não acende nelas qualquer instinto maternal, sou tratada com um frieza áspera, não consigo encontrar olhos, eles estão sempre fugindo dos meus. Quando ordeno que me escutem, elas todas riem, quero falar das modificações de meu corpo e de como minha mente parece tão veloz como uma flecha voando, mas elas sempre me respondem com as mesmas risadinhas tolas, ou então com frases repetidas “você vai melhorar, essa fase é sempre assim”.

Eu queria gritar todas as dores que sinto, falar de minhas dúvidas e das coisas que vejo e não encontro qualquer sentido. Elas trazem-me roupas, comidas e principalmente chás calman-tes, que normalmente têm o poder de derreter qualquer dúvida. Quando acordo dessa tarde de sono não programada, a memória está ocupada com outras coisas, e as dores foram anestesiadas. O novo dia nasce cheio de sol azul e o que mais quero é aproveitá-lo. A juventude sempre escolhe as cores externas em detrimento de um arco-íris de ideias. Imagino onde vá parar a raiva que sinto. E se tudo isso for apenas o início de minha solidão? Por que minha mãe não para de fingir que está tudo bem? Seria muito fácil começar a odiar o conde Guillem, mas sei que talvez ele não tenha culpa pelo que sinto.

Outro dia fui até o riacho, enfiei a cabeça embaixo d’água e abri a boca tentando gritar. Esse grito é inviável. Engasguei. Talvez fosse o alívio que eu precisava. Acabei me sentindo um pouco melhor. O que tento fazer é pensar no lado bom do casamento. Deve haver algum. São os acontecimentos encobertos pela bruma. Gostaria de aprender música, falar através da flauta. A natureza tem tanto a dizer e ainda consegue ouvir. Percebo que algumas amigas de infância sentem inveja de meu casamento com o conde, mal sabem que não trocaria uma tarde de conversas irresponsáveis à beira do riacho, por aquilo que elas invejam.

Mas esse defeito no que chamam amizade, me entristece. Sonho com um coro de vozes onde não haja dissonâncias, as mesmas que me viram crescer eu veria envelhecer, enxergaríamos nos olhos umas das outras todas as cores da vida, eu encontraria toda a solidariedade nos momentos de sombras e pariria seus filhos, companheiras para sempre... mas parece que há algo mais forte, e que para fazer sobreviver o indivíduo, é preciso que seja sacrificada a comunhão entre eles.

Vamos em frente, as gerações se empurram em busca do sol de existir, quem cai no chão vai sendo deixado para trás, perde importância, vira sombra, e é isso que aconteceu, a folha foi arrancada do galho, e ele cortado da árvore, não há vida nem sangue, se replantados não haverá broto, as que me olhavam com esperança agora só espalham complacência, e é isso. Ponto final.

Que venham outras, e que possamos trocar alguns instantes de solidariedade, dividirmos a mortuária eternidade, até que interesses menores do que deveriam, nos separem. Acolho em meu ventre as pétalas sopradas pelo acaso, e já tenho em meus braços o estranho par de olhos que ainda não existe, e, em posse deles, comparo-os, exhibo-os, eles representam minha suprema virtude, a homenagem e servidão que presto aos dias, para que eles prosigam sendo observados. O pôr do sol precisa de testemunhas, e talvez a vida não seja nada além da tentativa de fabricá-las.

Em meus quatorze anos encontrei estranhos pontos iluminados, descobri as sombras nos quais eles flutuavam mas não identifiquei qual era a regra e qual a exceção. Tudo me parece tão estranho. Se as águas do rio são meu porto, então não preciso de margens. O que acontece é alheio aos meus sentidos, mas eles mesmos, os sentidos, procuram chão firme para ser pisado, tenha ele qualquer consistência. E meus pés, pequenos descobridores de texturas, precisam perder o medo de se afogar, tenho de aprender a caminhar com minha cabeça. Nessa falta de relevâncias, onde o

absoluto é o que não existe, só o que me sobra é descrever esquisitices das quais eu mesma desconfio serem grandes bobagens.

Outro dia descobri por qual parte do corpo humano o tempo inicia suas escavações, a resposta poucos conseguiriam descobrir: as gengivas. Os sorrisos infantis são muito discretos com relação à exposição de gengivas, mesmo que elas sejam mostradas de maneira frontal, logo são recolhidas, possuem cor rosada tendendo para um vermelho saudável. Na juventude essa cor torna-se mais sanguínea e diminui a velocidade com que os lábios as cobrem, após expô-las. A idade adulta pode trazer algumas manchas arroxeadas, e são nesses anos que pela primeira vez se percebe que há uma espécie de fio invisível, que instalado na mandíbula, tem por função esticar as gengivas o máximo que puder. A partir da idade madura essa tensão passa a ser identificada no rosto, o que vai formando a famosa “boca de velho”, gengivas roxas, quase se separando dos dentes, partes vazias de dentes, que ficam parecidas com carne podre pendurada. A essa realidade amolecida opõem-se a força cada vez mais possante dos fios invisíveis, que pretendem deformar a boca, primeiro esticando-a para depois fazê-la murchar. Essa batalha gengival ocorre até o último dia da vida, e sempre termina com vitória daquelas forças escondidas, que desde cedo trabalharam discretamente para que a boca fosse perdendo todas suas esquinas.

Anoitece. O castelo silencioso mergulha nas sombras do dia. Todo o acontecido tornou-se nada, ou recordação. Fico pensando em meu futuro e na maneira como o que vivi até esse momento vai descobrir uma forma de sumir. Estou morta. Cheias estão as conchas do fundo do rio. Elas são as possibilidades abertas. Aos poucos a água vai secando e os fatos acontecendo (e deixando de acontecer), daí passo a viver, só por um instante.

O barulho vacilante da água faz com que eu perceba acontecimentos dos quais não me recordo, portanto eles devem estar

posicionados ainda dentro da camada das possibilidades, arrastando dessas impressões algumas cores e formatos de narizes. Vou então tentando reconhecer a quem pertencerá aquele nariz enrugado e aquele pedaço de pano verde. Sem sucesso. A única pista que tive de alguns desses objetos foi numa cena de perseguição que aconteceu durante um sonho, dois grupos a cavalo perseguiam-se, o líder de um dos grupos possuía o nariz alheio à minha vida. No outro grupo uma mulher escondia-se atrás de um xale da cor do pano verde. Pronto, o mistério estava resolvido, mas para que serviria essa resolução?

Somente como uma dessas respostas que vamos dando ao longo da vida, certeza parcial, falta de convicção, desânimo, justificativa pela escolha... mas não quero isso. Prefiro amarrar tudo e descobrir qual é a linha que une os objetos, e que de repente, conforme a vontade da maré, conduz tudo numa só direção, e dentro da confusão do novo, vão camadas de mim, de todas as épocas.

Há também pedaços de crianças que foram se perdendo no caminho, e dentro da grande balbúrdia buscam seu devido encaixe. Eu renasço com surpresas, e sugiro que quem quiser me fazer uma mulher muito feliz, que se entregue ao reino onde a lógica é difícil de ser encontrada, e lá descubra perguntas que apavorarão aos lógicos. E dentro dos detalhes, perceba que ali é que nasce a razão das coisas.

As conchas esvaziadas dizem não a oportunidades, a água balança suas possibilidades nas curvas ósseas dos acontecimentos. Lá me vão os dias tremulando suas realizações, e como me flutuo dentro deles? Apesar de mim, sopram todos os ventos, encontro tantas mulheres abandonadas que possuem meu rosto, e a partir dele, acolhem todos os sons de um mundo estridente, escrevendo na pele a música dissonante. Gente cheia de gritos sob os olhos, repleta de sopros surdos esticando a testa... olhos mudos murmurando chiados anônimos, que a noite esconde

para preservar um mistério que não é necessário. Depois a dor alada perde fôlego, mas mesmo sem ar, não há dia que não peça seu amanhã. Também não há hoje, que não suspire pelo decorrido, e dentro dessa luz, tudo que não sou eu é escuridão.

As flores do castelo exalam o perfume da noite. Não tenho como deixar de aproximar-me dos caminhos... espriam-se pelas sombras, banhando todas as sensações na estranha condição de ser riacho. A música é a costura entre sombra e cheiro, porém não há exceções, tudo cavalga aprimorando inclusões, todas as sementes enfiadas na terra também trazem consigo aquilo que não é planta, nem é nada, porém pertence ao resto, e sem o qual não há sobras. Todos os dias têm a cor de seu respectivo sol, e para que nada aconteça, seria preciso que as conchas dos acontecimentos permanecessem ao mesmo tempo cheias e vazias. O ponto de equilíbrio mancharia de um vermelho cheio de vida e morte todas as unânimes luzes amareladas, que adoram pairar incógnitas sobre canteiros de rosas, anunciando a mudança de dia e o ruído das cigarras.

E em meio a essa força que pede licença, e diante da qual a vida deve respeito, são descobertas todas as fronteiras que os olhos costumam aceitar, e que logo transmitem ao cérebro como veredicto do julgamento. Distinção de cores, texturas e profundidade, são os indícios desses delitos. A condenação da noite é plena. Em poucas horas estará morta. O sangue do equilíbrio estará dissolvido nas amarelas e ondulantes plantações de trigo, e o vermelho apenas aumentará a força do amarelo. A natureza brilha sem medo de morrer, dando voltas por todos os desejos, decepções, temperaturas, aceitando chuvas e neve, conseguindo apenas ser, a essa técnica muitos outros poderiam obedecer, esquecer-se de todas as obrigações e partir, atravessando reinos, alimentando-me de plantações e da generosidade alheia, gastando dias olhando para grandes árvores que parecem ter algo a dizer, mas escolhem se calar.

Não existe nada tão essencial quanto o farfalhar da noite de verão, os muitos ruídos distantes empilhando-se em busca de alguém que os escute, o calor nebuloso soprando arbustos até que a gota de suor no rosto de quem dorme molhe o lençol, e deixe de existir quando for manhã. Distante, há um horizonte iluminado por réstias de lua, a terra parece continuação das nuvens pesadas do céu, que se tivesse olhos, seriam tão repletos e exauridos quanto os de um afogado. Além do som, da temperatura, das cores e do movimento, outra variável espalha-se pelo mundo, essa noite, a de hoje, possui uma camada sem nome que desce do céu e eleva-se da terra, sinto-a, não há palavras, só um existir maciço feito dele mesmo, e que é tanto imagem quanto reflexo. Nessa noite o que foi desejo está realizado, e uma grande fatia de mim mesma se vê transformada na escuridão salpicada de raios lunares, e que acabam revelando o contorno solitário de flores, que agora, e é isso que importa, são escuras. De mim emanam vontades que não precisam de luzes, aqui mesmo, embaixo dessas ondas misteriosas do existir, formulam-se minhas verdades e, alheias a elas prossigo, durante o dia, sendo o que sou. Não encontro restos sólidos da essência que perturba os intervalos que separam a mobilidade da noite, no desassossego cada sombra é uma declaração, e para cada ausência de dia tenho novas cores em meus olhos.

Guillem, gostaria poder-te falar sobre essas coisas. E que teus ouvidos fossem tão pacientes quanto o lírio que aguenta ventanias sem reclamar. Que teus olhos pudessem aceitar aquilo que os meus calam. Mas suspeito de ti, meu futuro marido. Desde minha tenra infância acompanhei meus pais em visitas a outros condados, convivi com a pompa da nobreza dos jantares de boas vindas organizados por meu pai em homenagem a longínquos soberanos, atravessada a pequena infância, onde as cores e rituais embriagam os sentidos, tudo aquilo passou a me parecer, primeiramente um gigante desprovido de razão, que com seu

corpo volumoso e falta de inteligência, esbarra em cristais deixando que caiam sobre crianças que dormem, e em um segundo momento, os olhos parados de um corpo cujo coração parou de bater, mas que ainda não ganharam a rigidez do olhar característica dos mortos. Desconfio que os símbolos dos brasões, que tremulam em bandeiras agitadas pelo vento, sejam o que de mais vivo e verdadeiro encontrarei nas cortes, e não há desconfiança mais cruel do que essa. Talvez pudesse chamá-la de desconfiança profunda, mas a ironia vocabular torna difícil nominar algo por seu exato oposto, temo que Guillem torne-se o agente dessa falta de convicção viva, e que construa para nós dois uma vida feita de tradições e símbolos mortos. Então todos aqueles tapetes escuros, os candelabros pálidos, as pesadas peças de mobiliário feitas de troncos maciços, tudo servirá para diminuir a vida que sinto escorrer por minhas veias e que faz, sem razão específica, com que eu derrame lágrimas simplesmente por estar viva.

Essa árvore cheia de seiva escorrente, de flores e frutos, não quer deixar ser embalsamada pelo conjunto de normas, regras e tradições que doutrinam a realeza. Sei o que vai acontecer. Os dois mundos irão se chocar e o mais fraco, o meu, terá de se sujeitar ao vencedor, não há escapatória, apenas uma possibilidade distante. Só saberei se essa possibilidade conseguirá se realizar, depois de algum tempo de casada com Guillem, mas creio que talvez possa influenciá-lo, mostrar o que acontece durante a noite, falar dos ruídos, da brisa, mas também da matéria misteriosa que está lá, e que só podemos senti-la.

Não vejo em seus olhos o desejo de ceder às vontades da esposa, se ele não quiser entrar em meu mundo ainda resta a possibilidade de eu entrar no dele. Esquecer o que enxergo a mais, não mais pensar nos símbolos que a vida parece escrever em linguagem cifrada, abandonar minha intuição e tornar-me uma comportada chefe de estado, interessada somente em acompanhar

o marido, cuidando de seus detalhes de vestimenta, e de como serão organizados os banquetes para os convidados.

Sinto vontade de gritar em busca de seu olhar solidário. Sinto medo de nada encontrar além de seus olhos. E de ter de conviver com eles fingindo que encerram exatamente tudo o que os meus buscam. A desistência tem o peso do mundo. Quem é aquele a quem chamamos deus, senão o que nunca, jamais, desiste. Tenho o direito de tentar copiá-lo, e certeza que em sua divindade, não se sentirá ofendido com minha humilde tentativa. Por isso vou lutar por minha noite e suas matérias misteriosas, e quero compartilhá-las com todos que quiserem me ouvir.

As raízes da realeza estão plantadas sobre área pantanosa, são frágeis em argumentos “há quinhentos anos estamos aqui...” E eu, a menina que acabou de sair da infância, a futura soberana de um condado importante, respondo “quinhentos anos não seria tempo demais?” Que tal rasgarmos algumas daquelas bandeiras. É por elas que rios de sangue são derramados, em seguida destruiremos as armas, exércitos, nada disso é verdadeiramente necessário.

Depois dessa mudança desapareceria o medo que um condado menor sentia ao estar ao lado de outro maior, mais bem equipado, então minha imaginação se espalharia por todas as áreas da organização de vida em sociedade, por exemplo, a figura do servo aos meus olhos é inadmissível, e aqui não vai nem um pingão de piedade cristã, os servos são desastres econômicos, poderiam receber remuneração e trabalharem onde quisessem. A liberdade e o dinheiro que recebessem gerariam outras riquezas, que por sua vez também se espalhariam, quebrando esse muro de atraso, todos os outros aspectos da vida em sociedade viriam a reboque.

As terras dos castelos poderiam ser vendidas e divididas entre todas as famílias que desejassem trabalhá-las e têm condições

para isso. O dinheiro não precisaria deixar de existir, mas assumiria papel secundário, o escambo é a forma mais natural de negociação.

Sonho com estradas construídas somente para trovadores, “estradas da poesia”. Sonho também com uniões entre homens e mulheres baseadas no brilho do olhar que cada um despertasse no outro. Não descarto também que esse mesmo tipo de união possa ser efetuada entre pessoas do mesmo sexo. Outro item de minha cartilha revolucionária: todo homem ou mulher terá plenos direitos de não acreditar em deus, e nem por isso receberá represálias de qualquer tipo. Com homens mais educados e éticos diminuirá a necessidade de exércitos e polícia. Mas a grande questão é como tornar os homens mais educados e éticos?

Atravessar o inimigo com uma lança, é hoje considerado algo heroico, mas para mim é apenas uma atitude estúpida e covarde. Estúpida porque você estará matando um semelhante que nenhum mal contra ti cometeu, e é covarde porque para assassinar, você precisa da proteção de um grupo, que não apenas te ajuda nessa tentativa, como depois justifica legalmente o assassinato cometido.

Isso tudo tem que acabar. É muito estúpido. Quantas famílias choram porque os soberanos decidiram que as coisas devem continuar como estão. Acredito que os castelos devem ser demolidos, pois eles mesmos são símbolos de um poder belicoso que gera e perpetua o sofrimento. Com as pedras poderíamos construir milhares de casas para os antigos servos e escolas para os filhos da nova classe social emergente. Seriam escolas diferentes das atuais, a religião seria colocada do lado de fora da sala de aula, e a criança iria aprender a pensar e a criar, e a aplicar isso em sua vida prática.

As raízes de nosso velho mundo são mais frágeis do que parecem. A mudança precisa de olhos cheios de esperança, e

generosos por saberem que não será sua geração que usufruirá das benesses da nova sociedade. E esse será apenas o começo, deus repensará seu papel, recusando a antiga missão de premiar e castigar, nesse novo mundo, deus deverá ter uma relação de sócio, com o homem que busca objetivos nobres. Esse novo deus conhecerá algo que não existia quando atuava da outra forma: a dúvida.

Enternecido com sua própria fraqueza, o novo deus minúsculo terá olhos cheios de lágrimas e uma inútil espada, que em momentos de fraqueza usará para bater em uma montanha de pedras. Seu reinado frágil fará de cada homem e mulher seus contemporâneos e conterrâneos. Os raios aniquiladores poderão partir de ambas as direções, e não seria raro ver um bando de mortais carregando o corpo sem vida de algum deus. E sobre seu túmulo escavado em terra dura, tremulará a bandeira sem símbolos nem cores.

Tudo parte desse grito sem voz. O céu áspero empresta do horizonte uma esperança que meus quatorze anos fizeram envelhecer, o tempo espremido perdeu suas agarras, porém, sobraram eu e minha consciência, antes houvesse restado apenas um dos dois. O fato é que nós duas não conseguimos conviver. As nuvens cinzentas desenham um triângulo difícil de ser engolido. Não há eternidade. Só a paz doída de conviver consigo mesma.

Guillem, em menos de três semanas serei tua esposa, e espero que a voz aguda de teus olhos esteja pronta para gritar um pouco do que preciso ouvir para sobreviver. Não quero que os dias façam com que eu perca o cheiro selvagem que contamina minh'alma. Julgar-te-ei culpado por minha desistência, e a piedade de que sou dona terá o tamanho daquela que tem o leopardo quando devora o javali. Por outro lado, se aceitar viver a lua que se espalha pelas lagoas, então poderei amá-lo, não exatamente a ti, mas ao mundo que se manifesta através de ti. Esse sentimento terá a profundidade de uma caminhada sobre a relva

com olhos vendados. Pouco importarão nossas personalidades e minúsculos desejos, o alheio viverá o que sou e nos tornaremos reflexos de nossas entranhas. Já enxergo a luz que desenha nossas núpcias e contemplo as duas possibilidades ao mesmo tempo. Como é complexo o desejo, e quantas cores ele possui, não há recôndito que permaneça indevassável ao toque do querer.

Porém. Nós somos as cascas. Ao sumo do fruto é dedicada a vida. Homenagem dançada pela polpa amarela sendo inutilmente sugada pela terra cor de malva. Ainda menos importante será a gota de chuva que enfraquece a mistura e sobre a qual mergulha o pé arisco do pássaro azul.

As luzes têm seus momentos de fraqueza, e são nessas oportunidades obscuras que brilham as linhas coloridas da íris de meus olhos, e dessa maneira enxergo o que está perdido, mas continua permanecendo longe do alcance de minhas mãos. O som desse encontro tem a forma de uma montanha pontuda que deixa pedras pesadas escorrerem por suas ladeiras. Tento escavar os muros que me encerram na prisão do desencanto, mas os instrumentos com que cavo se deterioram, sobram minhas mãos na disputa com a pedra dura. É escolha. Elas não resistiriam. Tampouco eu suporto o que restringe meus passos. Gostaria de saber quanto da dureza dessa cela é feita de Guillem? Sei que há também meu pai, minha mãe, a educação que recebi, e muitos outros fatores que desconheço e que tornam os blocos de pedras tão pesados e duros.

A piedade que dedico às minhas mãos é semente geradora do ódio que sinto por essas pessoas que colaboraram, cada uma à sua maneira, para a colocação dos blocos que restringem meus movimentos. A dúvida. Liberdade privada de ambas as mãos, ou ser uma prisioneira intacta? Pergunto-me se também ao redor de Guillem não há algo parecido, provavelmente com símbolos diferentes, mas que oprimem com a mesma crueldade, e limitam seu

caminho de maneira tão manipuladora, que para ele, o que sobra é representar, e essa representação chama-se corte, lá dentro todos são atores, as peças não tem enredo, mas quando se encontram os espetáculos acabam funcionando. O encaixe é tão perfeito que muitas vezes não sabemos quando começa uma peça e quando termina a outra. Não há plateia. Só atores, cada um recebendo os aplausos internos, que normalmente vêm de mães mortas, ou esposas distantes, e que invariavelmente terminam em rios de lágrimas.

Outono. De tantas esperanças derrubadas. Em meus poucos anos muito observei. Os pés ágeis do homem universal caminham sobre um denso tapete de folhas mortas. O verde vivo das copas é a canção da falta de permanência. De cada flanco surge uma possibilidade, deus, eu, o que já foi, todas as coisas que vivem dentro de mim (e que não são eu), os outros (todos aglomerados, possuindo poucas distinções entre si), mas nenhuma dessas opções me é tão querida quanto a imensa qualidade de apenas ser, deixando com que a noite pese sobre o lírio, e a flor revide, acontecendo no escuro, espontânea, imersa na substância líquida da música soprada pela brisa anônima. Destacada do horizonte pela condição essencial de raiar sua permanência contra o fundo obscuro que a engole, e ela, a misteriosa, sem data ou nome, a sujeito da ação de não ser, que não tem sexo, mas permanece feminina, flor sem pétalas nem frio, objeto com formas que não existem, ela, a estaca que sustenta os céus, ou a Terra, e que dilata pessoas, árvores e pensamentos quanto isso se fizer necessário, e faz também o movimento oposto quando houver precisão.

Força que empurra as cabecinhas sujas de sangue para dentro dos ventres maternos, e faz os olhos das mães abrirem-se esperançosos, desejando com que o filho permaneça na barriga mais uma semana, um mês, um ano, a vida toda. Esperando uma

vida que por fazer parte dela, não se separará de seu corpo. Que os pequenos olhos que trazem no ventre, permaneçam lá para vigiar o estômago, os pezinhos poderiam servir para ajudar a assentar a comida nos dias de excessos, aos bracinhos seria dada a incumbência de resolver todas as coceiras internas, e lá permaneceriam, uma vida dentro da outra, a carcaça superior tendo suas exigências básicas atendidas, a carcaça inferior nutrindo-se das gorduras de sua mãe. Em seu pequeno cérebro não cabe nada além de gratidão.

Mas há casos que depois de 3, 5, 23 anos, ou o feto começa a incomodar, ou a mãe decide, movida por sentimentos misteriosos, que é chegada a hora da criança ou do homem que tem no ventre, conhecer a luz do sol e todo o resto que por ela é iluminada. Esses confusos e envergonhados seres são retirados das barrigas das mães, choram sem parar, e nesse pranto abafado o que há é um pedido. Pedem para voltar, não querem conhecer suas mães. Nos poucos casos em que foram feitas apresentações, quando seus olhares se encontraram a boca emudeceu, nenhuma palavra foi dita. Não havia qualquer emoção.

Aquelas pessoas que passaram as vidas dentro das barrigas das mães, eram vistas por elas como apenas um órgão do corpo, não tinham importância maior do que um rim ou fígado. Os seres rosados rangiam os dentes, o sol derretia-lhes a pele, eles esvaziavam seus intestinos e com gritos agudos pediam para voltar para onde estavam. Os que conseguiam retornar aos ventres de suas mães, de lá de dentro gritavam suas alegrias, e procuravam escutar se ainda restavam muitas pessoas como eles, abandonadas ao sol inclemente.

Cada nova pessoa que retornava para a segurança do ventre, ouviam-se urras comemorativas e emocionados. Essas pessoas são muito unidas. O medo é a semente de suas vidas, e os anos fazem com que galhos frondosos espalhem contra a noite

nublada tudo aquilo que não pode ser confessado. É urdindo sonhos que o ser recria suas frustrações, por isso, às vezes, imagino estar de volta a uma infância da qual ainda sinto o cheiro, a ausência de obrigações mais sérias, soa hoje para mim, como chão firme para aquele que desistiu de nadar e entregou-se à sorte das águas. As primeiras recordações da vida ocorrem sem os anteparos de quaisquer receios. Naqueles dias eu ainda não estava inoculada com a essência daquilo que me faria querer retornar ao útero materno, para de lá, estar protegida contra toda decisão que me visse obrigada a tomar. Mas sei que uma vez mergulhada no dúbio mundo das bifurcações, não há volta, e a partir dessa constatação eclodem desejos profundos, que podem ou não ser controlados, mas se conseguem vir à tona, aparecem como uma vontade imensa de destruir o útero que te originou. Como a sociedade não permite tais atos de crueldade, então esses desejos assassinos transformam-se em mania de contar aos outros as vidas alheias, ou em simples agressividade que pode ter por alvo animais, criados, ou qualquer outra pessoa, com a exceção da própria mãe, que foi quem originou todo esse ódio.

Mas aquelas mulheres que foram feridas por suas mães, nunca se resignam. E no fundo, sabem que para o ódio ser executado, o melhor mesmo seria que a mãe não estivesse presente, e fossem utilizados outros símbolos para que o desejo negro seja saciado. Elas sabem que os símbolos não importam, nem os nomes dos personagens, a única exigência é que a história comece e termine da mesma maneira. Então, dentro de três ou quatro opções todas muito parecidas, elas escolhem de que maneira vão espalhar seus ódios, preferirão jogá-los aos poucos, ao longo de toda uma vida, que se não fosse por esse sentimento espalhado, seria uma vida feliz. Ou preferem logo de cara despejá-lo sobre uma única pessoa, e depois de feito isso, aguardar as consequências e possíveis revides.

Não sei em qual dessas categorias me enquadro, sou tão nova e talvez tenha tempo de descobrir uma terceira possibilidade, onde consiga derreter minha dor sozinha, sem transmitir sofrimento adiante. Talvez a música e o humor sejam os instrumentos que utilizarei nesse intento. Antes de entrar efetivamente na corte como esposa do conde Guillem II, já estou cansada de todas as formalidades administrativas e de toda a pompa da corte. Quando criança observava tudo isso sem entender, gostava das cores dos vestidos e de algumas cerimônias que não eram muito longas.

Mas agora sei que herdarei todo o ritual, horas de pé, intermináveis orações, jantares com soldados que provavelmente perecerão nos campos de batalha. Terei de olhar em seus olhos e dizer que eles não têm nada a temer, pois o senhor Jesus e todos seus santos estão a postos para protegê-los do exército inimigo, e eles voltarão intactos para suas famílias. Também terei de escolher uma ama de companhia e só a ela deverei confessar meus mais encobertos desejos, e talvez a ela diga, dos sentimentos que obscurecem meu peito, e a quem escolhi dirigir meu ódio, e por quem tremo de medo quando ele se aproxima. E ela será para mim como um feto grande que vive fora de meu corpo, me ajudará a vestir, me acompanhará em viagens, no banho, em todos os momentos de maior intimidade, até que certo dia, quando ela estiver cansada e distraída, vou perguntar o que realmente sente por mim.

Depois da primeira resposta pensada vou tentar uma segunda, prometendo que não importando o que diga, nenhuma represália será tomada contra ela. Mesmo assim ela resistirá, mas começará a dar sinais de fraqueza, o interrogatório prosseguirá de maneira obstinada “se você me disser a verdade, vamos lhe presentear com uma pequena fazenda em nome de teu marido”.

Os sinais de fraqueza começarão a aparecer em grande quantidade, gaguejava, perguntava se não haveria mesmo nenhuma retaliação. Então eu a olharia nos olhos e diria a ela que

ficasse tranquila, não haveria vinganças, e ela e o marido seriam libertos do castelo e ganhariam terra de boa qualidade onde poderiam plantar o que quisessem. Depois de horas de negociação seus olhos encontrarão os meus, então soube que ela iria falar.

“Eu odeio você. Todos os dias meu estômago revira-se quando me lembro que tenho de vê-la. Você não é para mim nem um ser humano, é apenas um corpo estúpido que foi posto no poder como uma vaca reprodutora e depois de cumprir tua única missão, cairá no esquecimento, o conde raramente te verá, e quando o fizer será para pedir-te que cumpra alguma tarefa burocrática, que ele mesmo não aguenta mais cumprir, tarefa que aliás, não vê sentido algum.

A condessa, é apenas parte de um jogo do qual não tem culpa ou méritos. Mas talvez parte do ódio que te dedico venha justamente do fato de eu não estar em seu lugar, e cada uma das mais desprezíveis e superficiais atitudes que tomas, são alvo de minha mais suprema inveja, o que me torna um ser ainda mais abjeto que você. Entretanto, descobrir-me inferior, não diminui o mal estar que sinto em tua presença. Já pensei em misturar veneno na tua bebida, mas acho que nunca teria essa coragem. Em teu lugar viria outra, e já estou acostumada com o que sinto por ti, teria de recomeçar do zero, e as sementes de meu sentimento são mais espinhosas que os frutos. É estranho dizer isso, mas de alguma forma sinto alguma espécie de apego pela raiva que te dedico, chego até a desconfiar que seja um pouco de amor.

Apesar de eu ser muito mais velha que você, gostaria muito de ter a oportunidade de te ver envelhecer. Reparar em teu olhar de desencanto quando a pele começa a perder a firmeza e você lê nos olhos dos homens que já não é mais objeto de desejo, mas apenas espaço sem utilidade, uma perda de tempo que encobre a visão do que é belo.

Gostaria de ver como procurará desviar os olhares, encontrando desculpas internas para a falta de interesse masculino, e como a simples aparição de uma mulher bela e jovem, pesará sobre ti como uma ofensa que te arrancará lágrimas.

Que deus possa te dar numerosos filhos e que todos sejam repletos de saúde, e que eu também consiga viver o bastante para enxergar o dia em que teu filho te olhe cheio de enfado, e toda palavra carinhosa que a ele dirigir seja respondida por outra de indiferença, e da mesma maneira que os homens deixaram de te desejar, teu filho esquecerá o amor que lhe dedicou durante a infância. E sobre qualquer ato de amor que algum descendente te consagrar, pairará a sombra escura da desconfiança, o olhar inocente da criança só pede teu carinho porque, no fundo, quer algo em troca. Esse desejo, de todas as maneiras de odiar, acho que é a mais profunda e plena. E mais sincera.”

Então ela encerrará seu discurso com o rosto molhado de medo. Sustentará com muito custo os olhos nos meus, depois os soluços convulsivos tomarão conta de sua figura. Eu afagarei seus cabelos pedindo para que ela se acalme e agradecendo-lhe pelo manifesto de sinceridade. Ela segurará minha mão e continuará sendo sincera:

“A senhora manterá a promessa? A fazenda em nome de meu marido?”



## *Ano 1151*

Se for dado a cada ser humano uma quantidade de felicidade limitada, temo por meu futuro, pois sinto estar usufruindo de minha cota de uma só vez. Seguro pela primeira vez em meus braços a menina que foi retirada de meu útero. As dores físicas são anuladas pela montanha emocional que faz o mundo tremer e modifica as cores de todas as coisas. O futuro, que se estende sem prazos, é florido de reflexos e também matriz dos odores mais agradáveis que a imaginação possa encostar.

A criança que tenho nas mãos descobriu o tão desejado antídoto contra a morte, e na posse desse tesouro derruba suas gotas sobre o resto da humanidade. Junto da possibilidade de um fim para a vida, esse remédio também cura qualquer resquício de falta de generosidade, a paz suprema está representada no desassossego desse choro, e para cada oposto tenebroso encontro em minha filha uma qualidade que pode purgar dores alheias.

Sei que esse estado de intoxicação logo dispersará suas brumas e o mundo voltará a ser o que sempre foi, mas enquanto isso não acontece, o mar no qual eu e ela mergulhamos, não tem fundo nem margens, e dentro desse berço, dormiremos abraçadas ao sono daqueles que atingiram todos seus objetivos.

Guillem apanha-a de meus braços. Ele sorri. Mostra-a orgulhosamente a todos. Para meu desespero a criança é passada de mão em mão até voltar para Guillem. A menina chora convulsivamente e estendo meus braços para que ela me seja devolvida. Ela procura o bico de meu seio e enquanto suga sinto a sensação mais estranha que já experimentei, cócegas, depois um certo prazer sexual, e então a grande onda perfumada que fracassei tentando nominá-la de outra maneira, a única palavra que se encaixa ali é amor.

Guillem parece feliz e oferece vinho a toda corte, mas não acho que seu sentimento consiga chegar perto do meu, talvez o que sinto seja alegria, sei muito bem que para sua felicidade plena, o sexo da criança deveria ser outro. Mesmo assim, é cheio de cuidados com a menina. Posso dizer que nos instantes em que me encontro, quando a bruma ilusória não dissipou completamente os reflexos de eternidade, a gratidão que sinto por Guillem por ter me dado uma filha, poderia ser chamada de amor. Essa é a primeira vez que ousou pronunciar essa palavra, nunca antes havia ido além do respeito. Espero que de agora em diante nosso casamento comece de verdade, e eu deixe de ser apenas uma peça necessária para o bom funcionamento da corte. Gostaria que esse sentimento se prolongasse por toda a vida, mas sei que isso não é fácil.

A vida é cheia de distrações, basta um piscar de olhos para que nos esqueçamos de verdades que há poucos instantes eram para nós obsessões, as distrações somadas vão aos poucos desviando a rota que imaginávamos dar à nossa vida. Surpreendi-me olhando para Guillem e tendo esquecido completamente de minha filha. As ideias correm em rios, mas é preciso que tenhamos alguma espécie de controle sobre a correnteza e o curso das águas. O seu filho macho não veio, e apesar de todos os olhares de ternura que ele dedica a mim, sei que no fundo há um pouco de ódio e uma ameaça velada, “da próxima vez faça tua parte direito, senão...”

A mão de minha filha. Ainda não descobri nada mais adorável do que o movimento de seus dedos. Neles percebo o quanto pode ser doce a inutilidade. Dez pequenas respostas sem perguntas. E o que mais? Como descrever a graça? Não. Ela é justamente aquilo que não precisa descrição. Nem a comporta. O sono tranquilo, o sutil movimento dos lábios passeando por seios mentais, ela flutua em uma substância vazia de formas e

densidades, e nessa independência é absoluta e mínima. Se me fossem reveladas as verdades escondidas do mundo, que força elas teriam diante desse instante em que paio?

E minhas próprias decisões, sempre tão definitivas, como soam ridículas agora. Desse instante em diante qualquer definição passa a ser mais flexível. É preciso que nenhum ângulo reto perturbe seus sonhos. Esvaziada dos rancores e diminuída dos amores sou só ela e suas pequenas mãos, transformei-me nos dedinhos preguiçosos. Todo o resto é a floresta escura que a noite faz desaparecer na linha do horizonte, e também os seres adormecidos que se escondem em suas sombras, animais condenados a um anonimato profundo e a um esquecimento de si próprios. Sobre essa camada negra que encobre as árvores distantes, há uma mancha prateada. Essa luz que ganha corpo à medida que sobe, é minha filha. Espalhando serenidade pela natureza, é contemplada dos castelos e dos campos onde dormem os trabalhadores, e um deles acordou por causa de uma fresta em seu casebre. Nos poços, lagoas e riachos, minha filha reproduz sua tranquilidade, espalhando milhares de retratos seus.

Nos traços de seu rosto há crateras e montanhas, o berço do mistério a torna ainda mais bela. Qualquer camada de terra ou vegetação que receber respingos de sua luz, estará aceitando a brilhante estrada dos mais sensíveis olhos. E se eles decidirem dispensar intermediários e mirarem diretamente na direção da luz pálida que emana de minha filha, sentirão a paz plena que não permite que nenhuma discórdia floresça.

Envolvei seu berço com ramos de flor de lavanda, o brilho precisa cheirar bem. Apesar de parecer cruel e injusto, o mundo tem alguns momentos de uma beleza que tem mais força que todas as guerras e doenças juntas.

Nesses quase dois anos de casamento experimentei todo o

espectro de sentimentos, muitas vezes não enxerguei caminhos ou luzes. A falta de ânimo não permitia nem que eu soluçasse, mas então o fio secreto emendava os instantes, e novamente aconteciam as distrações. Quando percebia estava sorrindo, talvez a juventude ajude a fazer essas transições mais bruscas. Guillem apresentou-me a diversas sensações que desconhecia, arrancava-me lágrimas e depois emprestava o ombro para que chorasse, aprendi a ser flexível, frágil, observando suas contradições passei a ser mais tolerante com o gênero humano. Aceitando suas manias descobri o quanto poderia ser mesquinha. Acreditei na religião do corpo. Suas pregações fizeram-me aceitar encontros desconhecidos, a madrugada arrancava-me das coerências e sua pele tornava-se minha praia. A única. A entrega passou a ser irracional. Não havia nenhuma necessidade de afastar-me da fração animal. Mesmo que para isso tivesse de abandonar o que julgava ser minha parte mais luminosa.

As manhãs traziam algum arrependimento, a luz inocente banhava um corpo roliço que começava a envelhecer. A mera lembrança de que aquilo havia sido o agente transmissor de meu desejo, repugnava-me. As noites pareciam inimigos ideológicos dos dias, e eu, alguém tentando intermediar um acordo, e sofrendo pressões de ambos os lados. Talvez o prazer de minha entrega tivesse relação com a possibilidade de gravidez, o que de certa maneira, serviria para me afastar dele. Depois do segundo mês de gestação exigi que dormíssemos em quartos separados, fato que ele aceitou sem reclamar.

Conforme meu corpo se modificava muitas ideias passaram por minha cabeça, hoje não sei como pude pensar naquilo. Descobri um chá abortivo que destruía o feto sem afetar a saúde da mãe. Estive muito perto de tomá-lo, fui dissuadida por uma pequena distração, a linha do tempo esticou-se até que o chá esfriasse, e de repente Guillem olhava em meus olhos fazendo

planos para o menino que eu deveria estar esperando. Mas essa explicação não se faz tão necessária quanto a pergunta: por que desejei abortar?

Não sei como responder, o que tenho são apenas algumas indicações que podem dar pistas, talvez desejasse feri-lo em sua condição de macho reprodutor, um tirano frágil, que como tirano nem desejou saber de minhas vontades, e como frágil, representava peça sem vontade própria no tabuleiro do jogo social. Minha vingança seria encher-lhe de esperanças para depois manchar muitos lençóis de sangue e lágrimas, que lhe pediam solidariedade, então, mesmo que estivesse chorando por outra razão, eu o forçaria a lamentar meu destino.

Há também outra possibilidade, eu temia o ser que pudesse sair de dentro de minha barriga. A criança poderia herdar o nariz cheio de berrugas de Guillem, ou sua pele amarelada e sem vigor, e poderia ter herança ainda pior. O que temia era que meu filho ou filha trouxesse consigo o desespero de estar vivo. Sensação que senti apenas umas três ou quatro vezes, mas que me aterrorizaram tão desesperadamente, que desde então perdi boa parte da alegria de viver. É como estar se afogando num grande poço de fezes e não há nenhuma possibilidade de escapatória, tudo é pena, dor e nojo, que começa com nosso próprio corpo. A simples visão de minha perna, mão ou braço são motivos para que eu vomite.

Talvez esse fenômeno represente a maneira mais profunda de odiar-se a si mesmo. E o medo de que esse mal atingisse meu bebê, seria razão suficiente para retirar sua vida. Mas, talvez o motivo fosse muito mais simples, eu iria abortar para não perder as formas de meu corpo e continuar sendo desejada por criados, príncipes e visitantes. Qualquer uma dessas teorias pode ser verdade, ou talvez uma mescla de todas, o fato é que durante a gravidez senti-me como uma naufraga que se agarra a um navio

à deriva, e sem conseguir subir no convés apenas aceita o movimento da maré e agarra-se com todas suas unhas na madeira molhada que consegue segurar.

Os dias às vezes amanheciam esfuziantes, não havia mulher mais feliz do que eu, sentia que enxergava uma ilha bem próxima de mim, nela havia pessoas que me amavam, o clima que mais me satisfazia e minhas comidas favoritas. No dia seguinte eu voltava a agarrar-me ao fundo do navio, engolia água, passava frio, e tinha muito medo de ser atacada por peixes, que me surpreenderiam vindos do escuro.

Agora. No auge da montanha amorosa, temo que a inconstância não tenha ido embora de vez, e que surpreendida por mim mesma... sinto um nó na garganta só de pensar... apunhale minha filha para depois morrer, mesmo continuando viva. Não há desconfiança mais ácida que a de si mesma.

Mas preciso construir essa fidelidade, os olhos dela vão me ajudar a firmar os pilares que ainda se movem em terra amolecida, eles têm a fragilidade da luz sem testemunhas, são tão ociosos quanto a essência das coisas, e por isso tenho a obrigação de ser sólida para sustentá-los. As duas doces promessas azuis são capazes de não me enxergar. Entretanto são feitas para isso. Vacilam docemente, assumindo suas incompetências, disfarçando-as em forma de pedidos que não podem ser negados. E eu me transformo em obediência.

Não há cor que eu não desacate, doutrinando-a para que vire nota musical e possa ser soprada no ouvido de minha criança. Desacordo todas as sintonias, expulso as dissonâncias, sou a grande lua discrepante iludindo olhares que precisam de branco e confiança, de dentro de mim mesma abro a porta que dá acesso ao que tenho de mais eu, e convido-a a entrar, ela aceita, entra trazendo aqueles olhos de nada sei. Sua presença dentro de mim

é temporária. Os dias vão fazendo com que consiga me enxergar, e até compreendo uma pergunta que me faz, é a mais óbvia questão: quem sou eu? Sou sua mãe.

Gostaria de poder te dizer mais coisas sobre mim, e também sobre como todas as coisas funcionam, tenho tantas dúvidas que prefiro calar a te responder uma inverdade. Eu é que teria muitas perguntas para fazer, mas não espero respostas, por isso achei melhor calar. Teus olhos em silêncio na penumbra parecem quebrar a espinha dorsal do animal que engole perguntas para evacuar respostas. Diante deles a reação mais sábia é a contemplação que sempre acaba em sono, transformados em sonhos vívidos, cheios das mesmas luzes e cheiros que havia no quarto da criança.

Às vezes sinto-me tão contaminada pelo amor que desconfiço que isso possa não ser bom, nem para a saúde de minha filha nem para a minha. Nessas ocasiões procuro afastar-me dela, vou ver o poente, mas qualquer cor mais pronunciada, o dourado escondendo-se em bolas disformes, o rosáceo que uma nuvem traz nos últimos instantes antes do sol desaparecer, nada disso permite que eu esqueça as duas bolinhas azuladas que fazem força para conseguir me enxergar.

Não há cores suficientemente sólidas e profundas em comparação com a dos olhos de minha filha. Para essas equivalências não entram somente a quantidade de pigmentação, ou o tamanho da área colorida, nem mesmo a beleza das combinações de cores em movimento, que a cada instante criam novas formações. O que conta mesmo é o que o olho transmite, vindo de não sei onde, carrega a sabedoria das gerações anteriores, traz também um compêndio de tudo que foi apreciado na vida, mesmo que ela seja curta, e traz principalmente um brilho sem definição que é a marca dos que estão vivos.

Supremo manifesto irrealizado, a mão tentando alcançar os céus, depois os ossos vazios com a mesma arrogância da carne, erguendo-se contra as constelações... as mãos de minha filha eternamente imunes a qualquer deterioração, protegidas da morte por falta de testemunhas, afinal, isso pode soar loucura, mas desconfio de tudo que meus olhos não conseguem enxergar, portanto para mim o mundo é a curta fatia que inicia-se com minha consciência e termina quando ela deixa de existir.

Ao sol, apenas as sombras que por mim atravessam, eis a coerência da mãe que ama sem confirmações, e pela falta delas, aceita um bocejo como prova da existência divina, e depois boceja esquecendo-se que deus acabou de sair de sua boca.

Mas nenhum ser mitológico, nem mesmo o que ocupa o mais alto degrau do pedestal, possui o poder de fundir tempo e desejo, e juntos mergulharem num espaço sem raias. Para essa missão só quem está apta é o amor feito criança, que balança suas perninhas arcadas na forma de meu útero. Nesse supremo ato de egoísmo ignoro qualquer propósito que não seja a meu favor. Assumo o papel daquela que pede e da que realiza desejos, sou a presença dentro da ausência, e cansada de opostos, abandono as vagas constatações para imaginar-me a maré, e não a água.

Volto à minha filha para falar de seu momento mais sublime. Ou do meu. Como os movimentos deixados por uma pequena pedra quando cai no centro de uma lagoa, ela suga a seiva de meu seio. O que se desprende de mim sou ela, e tudo, somos essa vibração do acontecer, cardíaca maneira de espalhar verdades pelas cores, sombreando veias até que as ondas construam seu ritmo, que terminará comigo seca e com ela saciada, mas minha secura é tão repleta como um oceano. Escorrem por meus olhos abandonados as sobras dos líquidos felizes que molham minhas roupas, transformando-as em roupas felizes.

O douro do dia triunfa sua mortalidade, para que dentro dos escuros, do denso néctar de minha realização, deguste os instantes flutuantes e as percepções congeladas. Renuncio ao empastelamento do passado, para que os raios de luz vindos de dentro de si mesmos, explodam em instantes, junto comigo... o sol mancha os pés de minha filha, o futuro passeia pelas paredes sem forças para se aproximar, protejo-a da luz, mas também sei que devo deixá-la ser iluminada, e que o que está no alto dos muros descera, e tudo que hoje posso tocar, descobrirá uma maneira de se afastar.

As afirmações são feitas de suas sombras, e agora sou atravessada por todas as quantidades de memória, a vela do barco é inflada... vento, o movimento e os acontecimentos brigando pelo gargalo da garrafa, sua sagrada hora de escorrer, a tépida madrugada, aperto sua mão, preciso saber que ela apenas dorme e que desenrola-se o tapete entrelaçando milhares de noites, e por ele poderá caminhar, e se quiser, refazer os nós e as possibilidades. Talvez em um hipotético dicionário de significados reais, essa seja a palavra que mais se aproxima de filho, sinônimos, um livro aberto que pode ser povoado com fantasias extraídas de realidades que nesse instante estão acontecendo.

Muitos são aqueles mergulhados na substância, todos se sentindo o ator principal. O barco afunda. Cada um preocupado com sua garganta, é ela que deverá permanecer seca, o resto são detalhes, os tempos serpenteiam pelas águas, gostam de espaços amplos, por isso escolheram os oceanos, as ondas são as encarregadas de despejarem as mudanças nas areias das praias.

Depois a paz, incoerente destruidora de ansiedades... a corte e a obrigação de voltar à rotina, a cúpula mágica perdendo as dádivas e transformando o dia na matéria opaca da qual são feitos os olhos das criadas. E dentro das coerências sou a mulher

que tenta escalar as paredes de um poço, e depois desiste de gritar, de agarrar-se a pedras, de flutuar, tudo tão vão... tão miseravelmente desesperador, um sopro mergulhado no abandono, e as mãos novamente apontando para o alto, para a saída do poço, onde a primeira estrela brilha durante o dia. Anunciando que o sol ficou para trás, e junto com ele qualquer réstia daquele lago de sensações sem tamanho, que fizeram parte de mim, e agora se desgrudam daquilo que acreditava fosse eu, gerando desconfianças, reflexos, distorcendo palavras e as imagens que elas formam.

Mas que inferno tenebroso seria a vida se fosse feita somente de momentos gloriosos, e o instante prosaico fosse tão raro quanto o arco-íris antecedendo a aurora.

Agora sou obrigada a interpretar. O castelo enche-se de visitantes que vêm saudar minha filha. Para cada um necessito de uma palavra polida de agradecimento. Preciso escutar bênçãos, elogios, confissões verdadeiras de inveja disfarçadas de brincadeiras, e a elas preciso responder com falsas palavras de confiança e apreço. Vejo-me constrangida a discorrer sobre uma felicidade linear que tem muitas vezes o tamanho de minha paciência.

Desgostosa de toda essa hipocrisia, divago... volto ao medo maior, misturo-o com a mais drástica das atitudes, a mãe que após receber uma visita coroada de presentes para a criança, elogios e felicitações, agradece a todos com um sorriso plácido, discorre sobre a felicidade de ser mãe e as novas obrigações que isso acarreta, depois levanta-se calmamente, vai até o berço da menina e atravessa-a com um punhal. Com o corpo morto da criança nos braços, oferece-o a todos os convidados, dizendo para eles não se assustarem pois a menina está apenas dormindo. Volto de meu devaneio tentando encontrar nos rostos que cumprimento,

as expressões que eles assumiriam se eu realmente tivesse perpetrado esse assassinato.

Esse passatempo torna as visitas menos tediosas. Guillem faz questão de mostrar a menina a qualquer pessoa, sejam servos, reis, trovadores ou viajantes, homens e mulheres que jamais conversaria se não existisse o pretexto da criança. A visita sempre terminava da mesma forma, depois dos elogios proferidos pelos visitantes Guillem dizia a todos que em breve, talvez menos de um ano, outra criança nasceria, mas dessa vez seria um menino. Nesses instantes desaparecia qualquer gratidão que sentia por meu marido, tudo passava a ser construído por gelados pedaços de egoísmo. Inclusive minha filha.



## *Ano 1153*

Treze meses após o nascimento de minha filha dei à luz a uma segunda menina. Dessa vez Guillem não conseguiu disfarçar sua insatisfação. Logo que soube da notícia destruiu boa parte das louças do castelo e agrediu violentamente um servo que tentava acalmá-lo. Depois disso desapareceu por uma semana sem ao menos desejar conhecer sua filha mais nova. Nesses dias, confesso que cheguei a me questionar se, no fundo, ele não teria razão. Culpei-me pela incompetência de não conseguir gerar um herdeiro homem, e tive de recorrer a uma ama de leite para amamentar a criança. Não conseguia segurá-la nos braços.

Quando voltou de seu isolamento Guillem veio me ver. Seus olhos pareciam secos, perguntou como andava minha saúde e a da criança. Tentou sorrir. Pedi que parasse. Qualquer coisa menos aquele tipo de gentileza. Quis argumentar, eu precisava me acalmar. Gritei. Com todas minhas forças. Aquilo eu não suportaria. Se insistisse mataria as duas meninas e me suicidaria. Ele deixou a sala em silêncio. O fingimento tinha limites, e nós há muito tempo o havíamos atravessado, e agora vagávamos em uma zona nebulosa onde nada era concreto, não havia leis nem promessas cumpridas, tudo era feito em função da dissimulação, e mesmo os objetivos que se tentava atingir com esses estratagemas, tinham perdido a clareza.

Essa falta de propósitos espalhava-se por todas as camadas de convivência social, infectando com o que poderia ser chamado de insanidade, todos os tipos de almas, fazendo-as acreditar que aquele era o comportamento correto, e que a aparência deveria sobrepor-se a qualquer conteúdo.

Raciocinei sobre o falto de eu haver percebido esse comportamento patológico, e de não me deixar contaminar por ele.

Pensei principalmente sobre o que deveria fazer, fingir também me comportar da mesma maneira, ou deveria bater de frente alertando-o para o poço sem fundo em que estava mergulhando.

Chorei. Solitária. Pedi para que me trouxessem minha filha mais nova. Abracei-a até que ela compartilhasse o choro comigo. Não participaríamos desse mundo de loucos, deveria haver ainda alguns escombros de sanidade espalhados pelo mundo, e nós os recolheríamos e traríamos para dentro do castelo. Quando parou de chorar ela tentou me olhar com seus olhos frágeis, aceitei isso como um sim para minha proposta. Depois ela bocejou e dormiu. Embalei seu sono com algumas notas musicais que consegui tirar de uma flauta.

Os dois anos de coadministradora da corte me fizeram rever quase todos meus conceitos, em minhas leituras religiosas aprendi que todos os homens eram iguais perante deus, mas ao mesmo tempo deus havia designado uma pessoa(o rei), que comandaria as outras, e portanto não era igual a elas. As incoerências, hipocrisias e mentiras eram os pilares que sustentavam a monarquia. E parecia (talvez isso fosse também parte de toda a insanidade), que quanto mais descíamos na escala social, maiores eram as crenças nesse sistema de dissimulação.

Os reis sabem que o sistema pelo qual têm de lutar até a morte, é incoerente e mentiroso. Mas então eles precisam optar, deixar do jeito que está, ou tentar mudar. Como os reis normalmente chegam ao trono já com certa idade, eles preferem apenas manter as coisas do jeito que são, alguns deles depois de desistir das mudanças, sabem que elas seriam muito benéficas para toda a comunidade, e então transformam-se em reis tristes, que afogam suas mágoas na bebida e não costumam viver muito tempo. Há também os reis irônicos, que depois de empossados e cientes de como funciona o sistema, vão utilizar de todos os meios para

perpetrar pequenas crueldades, e julgam esses atos a maneira mais pura do exercício do poder. De todos esses soberanos nada resta, nenhuma grande obra, nenhuma alteração na espinha dorsal da sociedade citadina e castelar. O que sobra é o vazio, o “poderia ter feito”, “pelo menos não prejudiquei”. Quem pensa está condenado à tristeza e à violência (seja ela ativa ou passiva).

Diante da encruzilhada divina, o homem é a frágil divisão de si mesmo, aceitando as circunstâncias da vida como uma flor que permite ser sugada pela abelha. Dentre todos os mortais cabe ao rei a tarefa mais penosa: enxergar a inviabilidade da vida humana.

No seletivo grupo dos nobres há um em especial, cuja missão é ainda mais árdua, a do rei sábio. Após descobrir que cada escolha é completada por sua negação, e que também a falta de posição constitui uma tomada de caminho, esse nobre homem, imbuído de todas suas lágrimas e gargalhadas, cheio de ser doce e ridículo, e cômico de sua inutilidade, se vê obrigado a dar conselhos e acreditar no que diz. Então se desespera, pedindo ajuda ao deus em quem não mais acredita. O que dirá aos fracassos que precisam de suas palavras?

O silêncio reina. Dos céus não chega nenhuma resposta. Não quer iludir ninguém, nem indicar qualquer caminho de sua preferência. Nos instantes em que titubeia só aumenta o apetite de quem precisa que lhe digam por onde devem pisar. Seus próprios pés doem para que essas dores sejam poupadas aos outros. Tenta aliviar todos os desconfortos físicos aos que lhe pedem conselhos, assumindo para si os incômodos. Depois de sobrecarregar-se das penas alheias, o próprio rei acumula em si dores insuportáveis, que logo se transformam em dúvidas, ao mais desqualificado dos homens o rei estenderia uma lista infundável de perguntas. Mas isso não aconteceu. O rei preferiu silenciar para refletir antes de responder.

As cobranças aumentaram de intensidade e começavam a questionar a autoridade real. Grupos de jovens formaram movimentos que tinham como objetivo a dissolução da monarquia. O rei sábio morreu de medo, poderia haver violência, inocentes perderiam a vida. Recolheu-se ao castelo, isolou-se em seu quarto dando ordem que não permitiria a entrada de ninguém, nem mesmo da rainha.

Em seu isolamento examina a vida, o que é ilusão, o que conduz à felicidade temporária, depois examina tudo que traz sofrimento, em teoria seria uma tarefa fácil, separar o que é razoável daquilo que só serve para trazer destruição. Mas ele não consegue, depois de fazer suas escolhas, elas voltam a se misturar com seus pares de opostos, a mistura torna tudo rigorosamente igual, e nada do que saísse dessa sala serviria para ajudar alguém.

Entristecido, o rei sábio decide sair do isolamento. Precisava de olhos sedentos de perguntas, mesmo que ele não soubesse respondê-las. Foi o que fez, escutou-as, algumas sobre os mais estapafúrdios assuntos, outras pareciam fáceis demais, mas deixou todas sem respostas. O povo comentava que o rei sábio estava se negando a responder perguntas e pararam de procurá-lo. Cansado, abatido, ele não se sentia rei e ainda menos sábio.

Deitou-se para descansar sobre a relva que começava a formar gotas de orvalho. Sobre ele um céu cheio de todas as estrelas possíveis. O azul escuro contrastava com os inúmeros pontos esbranquiçados. O universo parecia estar abrindo uma boca enorme. Azul com dentes brancos. Observou-a e descobriu que a boca parecia sorrir. Levou um tempo pensando sobre o que tudo aquilo queria dizer, finalmente chegou a uma conclusão: como deus não respondera às minhas perguntas, acabei ficando em silêncio quando fui perguntado. Copiei-o. E agora ele ria para mim, porque fui disciplinado e não quis responder qualquer

coisa às vezes que me perguntavam. O universo sorriu porque eu me calei. A incompetência e o medo me conduziram a um patamar que considero intelectual e moralmente superiores ao homem mediano. As raízes apodrecidas acabaram gerando árvores frondosas, mas qual será a durabilidade de suas madeiras? A inconstância é a grande força do mundo, desejos irrealizados servem para unirem-se a outros que ficarão pela metade. O destino do homem parece sempre desfazer-se em gotas de suor, e ele, o destino, confunde-se com nossos corpos, que da mesma forma, esvaziamos de nossos líquidos, permitindo às seivas conhecerem o brilho do sol antes que endureçam e sequeiem.

À medida que vai percebendo esses fatos, o rei sábio vai movendo os lábios. O instinto tenta encontrar para eles alguma posição conhecida, alegria, desdém, ironia, mas nenhuma delas satisfaz seus desejos internos, a falta de respostas prossegue por seus músculos labiais, o que acaba causando grande estranheza em toda a corte. A população do reino passa a considerá-lo louco, desiste de questioná-lo e pede para que outro rei seja posto em seu lugar.

Sem qualquer remorso o rei sábio renuncia ao trono e vai viver isolado nas montanhas. Deseja encontrar a serenidade, inclusive para seus lábios.

O rei, como súdito dos anos, permite que seu vigor físico e sua rapidez de raciocínio fiquem para trás. Entretanto o tempo ajudou-o a pensar de maneira menos emocional. Sua primeira conclusão foi que cometeu uma grande bobagem quando renunciou espontaneamente ao trono. Se não tivesse sido rei, provavelmente nunca conseguiria adquirir nem a metade de sua sabedoria, e quanto a ela, hoje, mais experiente, não hesitaria em trocá-la por um par de lábios comportados, que se movessem apenas em caso de real necessidade.

Ele agora passava longas horas deitado olhando para os céus. Às vezes murmurava algumas palavras de sua própria criação, mas na maioria dos casos permanecia calado, bebia bastante água e depois acabava dormindo sob as estrelas. Seus lábios aquietaram-se. E esse foi o final do rei sábio.

Depois de sua morte aconteceram peregrinações para conhecer seu túmulo, uns milagres lhe foram atribuídos, e algumas crianças recém-nascidas receberam seu nome. Um grande quadro foi pintado, no centro da tela o rei com uma auréola em volta da cabeça, impunha as mãos sobre um aleijado que sorria. A pintura não esclarece se o homem voltará a andar ou se apenas está feliz por receber uma benção. Essas peregrinações impressionaram muitos jovens que gostariam de se tornar iguais ao rei morto. Gente inescrupulosa usou crianças para dizer que um toque de suas mãos poderia curar qualquer doença, só o que pediam em troca, era fé e uma contribuição para a alimentação da criança-deus.

Mas... não vou julgar a monarquia. O mais humilde dos servos erige para si mesmo um trono cravejado de rubis, e sentado nele, executa seu plano de eternidade. Dali exime-se de culpas e grita condenações. No conforto de sua almofada real sofre as dores de saber seu governo inútil, percebe-se poroso aos ataques do tempo e frágil quando se trata de conhecer o que mora dentro de si. Essas faltas engrandecem sua magra convicção, o que faz desconfiar de todos os veredictos que diariamente é obrigado a proferir.

Então esse homem passa a carregar o peso de ser injusto. A culpa por essa falha acaba anistiando a de outros males que eventualmente possam ser cometidos. É quando os monarcas sem coroa acabam se dividindo em dois grupos, os hipócritas, que julgam suas fraquezas inerentes ao gênero humano, e por isso não fazem qualquer esforço para diminuí-las, e os cruéis,

que apesar de serem mais honestos que os primeiros, usam todas as suas forças e possibilidades em benefício próprio, sem se importarem com quaisquer custos que isso possa acarretar a outros. É nessa bifurcação que a humanidade escolhe seus caminhos e maldiz os alheios.

Há reis vestidos com andrajos e outros cujas roupas são costuradas com fios de ouro. Há também aqueles que leem poesia e tocam instrumentos musicais, e outros que não sabem ler e são violentos até com os animais, mas a nenhum deles é poupada a escolha: crueldade ou hipocrisia, o mundo necessita dessas magníficas forças para continuar funcionando, e o homem precisa de algum mundo para pisar. Se ele sustentou os pés de nossos pais, é porque também deve ser bom o suficiente para suportar os nossos.

Mas há também os que descreem das tradições e tornam-se cruéis reformadores ou revolucionários hipócritas, de todos os indecisos, fracos e tementes da dúvida, esses tipos são os mais vulneráveis. Cegos, procuram guiar outras pessoas (que enxergam mais do que eles) por terrenos pedregosos, rodeado por precipícios e repleto de armadilhas que foram colocadas lá por aqueles que preferem o velho mundo. Quando percebem as dificuldades que terão pela frente, muitos desistem e voltam para a terra onde conseguem enxergar. Os que não desistem destroem-se em desfiladeiros acreditando até o último instante que conseguiriam bater asas e voar. Um pequeno grupo consegue apalpar pedras, rastejar por vegetação espinhosa e chegar a uma clareira onde há árvores frutíferas e um riacho fervilhando de peixes.

Mas longe do que possa parecer, a situação não está resolvida. Em suas ilhas de prazer, esses homens num primeiro momento sentem-se vitoriosos, mas com o passar do tempo, as perguntas começam a arder, uma vida confortável responderia a todas minhas dúvidas existenciais?

Em caso negativo eu terei de criar um mundo do zero, e não simplesmente usufruir de um que já está pronto, e isso pode ser desesperador se eu falhar, mas ainda pior se obtiver sucesso. Precisaréi me transformar em um guia fundador, esquecer todas minhas dúvidas da mesma maneira que um homem louco esquece que não deve pular de uma janela. Para seguir tal tarefa inglória preciso destruir-me e permitir que um desconhecido habite meu corpo e tome decisões por mim. O que me leva a ser alguém além do que penso, e que só eventualmente, sou eu mesma.

Como seria curto e absoluto ser uma só. Porém... a palavra dispersa minhas intenções, desde sua criação, ela age como uma rocha que ergue-se no meio de um rio dividindo suas águas e criando espumas. Desde então se tornou tão mais difícil ser apenas eu. Cada palavra arrasta consigo três ideias, ela mesma, seu oposto, e a derivação de si, e cada um desses galhos bifurca-se em matemáticas incontáveis, carregando junto as consciências, que deveriam obedecer a um governo central.

Então, a pessoa, passa a ser uma ficção, encenada em frente a espelhos cujos reflexos possuem tanta realidade quanto os objetos neles refletidos, e nesse sonho iluminado por velas, desenrolam-se todas as nuances do drama humano. Encontro-me dentro das pupilas de meus tataranetos enquanto vago confusa, porque durante um dia escaldante preciso parar e olhar para o horizonte, e não há nada no que pensar, e esse instante não tem qualquer significado transcendente, é só um hiato, a emenda de um momento em que não sou, e onde talvez a consciência esteja pulando para outro galho. Separa-se de mim qualquer apego, agita-se a agonia ácida daquela que grita por sua parte animal.

Afogada no caldo do fingimento, flutua o corpo que acreditou em seu reflexo, escutou a palavra e julgou compreendê-la.

Flácidas revelaram-se as certezas, e dessas carnes amolecidas escorrem os líquidos que impulsionam os sorrisos e constroem as convicções. Nesse mesmo oceano dissolvem-se descobertas em águas ignorantes, há peixes cuja sabedoria é sua própria cor, para outras vidas a falta de luz é o grande tesouro.

Nada brilha. Além de minha presença eterna. Ao contorno imóvel de minha filha mais nova, sobrepõem-se camadas de sombras feitas de quietude e memória pronta para acontecer. O uivo distante de algum lobo não perturba seu sono, mas acende em mim a chama de um pessimismo descrente, valerão a pena os anos inconscientes de desenvolvimento físico, o esplendor, a decrepitude, o nascimento das expectativas, a aceitação do destino, o sopro da desilusão? Não seria melhor que o uivo solitário interrompesse de uma vez seu sono, e que seu choro de recém-nascida revelasse que a vida deveria ser uma longa planície, onde nenhum aclive esconderia qualquer parte da paisagem?

Ao lobo encoberto pelas sombras, que fala com os céus através de sua tristeza, dedico a solidariedade de meu silêncio. Minha filha é meu grito. E ela dorme. Mergulhada numa escuridão maciça que dela me separa, e que me une à loba e a seus filhotes, ou ao coração agoniado do macho que ameaça predadores e treme de medo ao saber que suas crias estão vulneráveis a perigos soturnos. Agora o silêncio. A fera, conformada com sua falta de certezas, consola-se no calor do corpo de seus filhotes, mas eu não me aproximo dela, deixo com que minha filha flutue sobre seu lago noturno de encantamentos.

Mas... não será minha segunda filha apenas a repetição da primeira, e todos nós, somente insistentes representações de uma mesma pessoa, frutos viciosos do tempo, embriagados pelo hábito de prosseguir?

Temos certeza de que não é necessária resposta para que haja a sequência, e que nessa convicção inabalável não há qualquer irresponsabilidade. Entretanto não comungo dessa força sem contrapeso, duvido daquela em quem deveria confiar acima de qualquer realidade. Não tenho certeza da validade de minha vida, e a partir dessa constatação todo o resto me parece suspeito. Em treze meses esse bebê que agora dorme ensaiará os primeiros passos e substituirá esse olhar vago pela convicção dos sorrisos. Os dois pergaminhos se desenrolam exatamente da mesma maneira, e no final, terão o mesmo comprimento, mesmo que a duração das vidas seja diferente, na extensão do papel estarão contidas as mesmas informações.

Quem dirá qual é o número exato de pergaminhos que uma biblioteca deve ter? Se alguns deles simplesmente nunca forem escritos, como saberemos que deveriam ter sido? Assim também percebo as pessoas, o mar sem ondas pode oferecer uma boa possibilidade de reflexão, e nenhuma resposta. No espelho encontro a imagem da questão inicial, e ela apresenta-se com olhos vazios de esperanças rasas. Em compensação carrega o peso daqueles que se sentem responsáveis, e por isso, nunca permitirão que o mundo simplesmente aconteça sem que eles tenham, ou acreditam ter, participação ativa nessa revelação.

Enxergo-me inteira. Nua. Cheia de protuberâncias e sombras. Não há respostas. Só uma luz trêmula que encobre aquilo que minh'alma acredita ser, e deixa visível o contorno pálido e dourado de um rosto conformado, doce e triste, mas que sobretudo ama a originalidade.

Nada. Isso não é pecado. Nunca ter sido, não existir. Nisso pode haver grande generosidade. Descabida de qualquer pretensão, a folha seca permanece caída, recusando aspirações e nem ao menos lutando contra elas, e por isso mesmo iguala-se a ela

mesma, quando ainda não existia. Dois espelhos colocados um em frente ao outro. Com uma vela cheia de si entre eles. E o que mais? Sopro. Renúncia. Aos fantasmas dos que não nasceram dedico tudo o que no mundo, poderá florescer. Encontro no sono de minha filha os esboços da morte, mas está tudo bem, a estrela repousa tranquila nas águas da lagoa, esquecida de que nunca deixará de ser madrugada.

E. Porém. Anulado o desejo, persistem as sombras, espalhando honestidade pelos horizontes, e horizontes dentro do destino humano. As cordas têm a capacidade de resistência, mas, novamente as palavras contaminando as escolhas, haverá alguma delas com o poder da desistência? E depois? Poderão os homens trançar-se com o sisal da luz, e ir desaparecendo, conforme as fibras se sobrepõem? Abandonando resultantes, que passam a não precisar de direções. Assim como a música, que junto com a poesia formam o refúgio daqueles que depois do desespero, só o que podem é fechar os olhos para enxergar uma vida feita de versos e sopros.

Em seguida percebem que toda a beleza da arte não passa de um eco daquilo que consideram repetitivo e sem sentido, desconfiam então, que a saciedade dos sentidos não passe de um vício abjeto, e que tudo o que foi produzido seja ainda menos digno do que a longa espera cotidiana. Então procuram se esquecer do reflexo, e examinam o objeto que deu origem à imagem. Atenciosos, tentam descobrir se foram bons observadores, ou se alguma impressão enganosa diminuiu o tamanho do que enxergavam, encheu-os de preconceitos, e os fez esquecerem-se de camadas que seriam a porta de entrada para inteiras dimensões.

A floresta oferece tantos perigos, mas mesmo assim vou caminhar nua, numa noite sem lua, tão grávida quanto a madrugada pronta para dar à luz ao dia. Com a intensidade do orvalho

vou espalhar minha sombra, mesmo que ela seja apenas parte da escuridão. Esqueço-me dos deveres do sol, e apesar de todas as árvores, meu caminho é plano e sem empecilhos, possuo a velocidade que quiser, e em meu voo tenho asas e mãos dadas com minhas duas filhas.

Sobre nossas cabeças pairam nuvens cor de terra, e que desenham os rostos de Guillem, de meu pai, da monarquia e de minha velhice, e sobre esse tapete escuro acumulam-se muitos outros que têm os cheiros de quando eu não mais existir, e sem que eu os consiga sentir, percebo-os.

Mas há algo que nem isso consigo, que está além, uma nuvem tão difusa que não pode macular nenhum de meus sentidos, não satisfaz desejos ou gera memórias, e que apenas a intuição, sutilmente, encosta-se a sua existência. É a imensa condição, de sempre, tudo ser provisório.

## *Ano 1159*

Gostaria de registrar uma terrível sensação vivida. Pensei que talvez se nunca mais falasse dela, se deixasse com que o tempo a soterrasse, eu poderia fazer com que ela simplesmente desaparecesse. Mas haveria os ossos, enterrados sob minha cama, espetando meu sono. Para voltar a dormir preciso retirá-los dali, lavá-los de suas impurezas, depositá-los em sua devida sepultura e tapar o buraco.

Seis anos transcorreram desde o nascimento de minha segunda filha, e desde então Guillem não me deixa em paz em sua desesperada busca por um herdeiro homem. Nesse período cheguei a engravidar duas vezes, mas meu corpo abandonou os fetos. Acontecimentos que a muito custo consegui esconder de meu marido, e que se tivessem chegado a seu conhecimento teriam triplicado a pressão que exerce sobre mim. O fato que desejo contar vem acontecendo há muito tempo, a noite específica, em que tudo transbordou, foi igual a muitas outras, o que mudou foi minha percepção.

A repulsa ao corpo de meu marido, ao seu cheiro e hálito, nunca parou de crescer. Durante algum tempo acreditei que ele havia se conformado com o que meus olhos lhe diziam, mas quando eu menos esperava, ele vinha bater na porta de meu quarto e me via obrigada a ceder. Mas esse contato cada vez representava para mim um sacrifício maior. Sem encostar em palavras, usei de todos os outros recursos para que soubesse como eu me sentia cada vez que me tocava. Inútil. Minhas vontades não tinham peso. Pensei em falar, se as duas filhas que tinha lhe dado não eram suficientes, então que eu fosse punida, exilada, que ele arrumasse outra mulher, eu não me importaria, contanto que não tivesse mais de dormir com ele.

Temí o desmoronamento do mundo que já me sufocava, fracassei, calei. Ele pareceu perceber minha covardia e aproveitou-se dela, passando a me visitar com mais frequência. Se eu não conseguia ter coragem deveria ao menos aprender a me conformar com a situação. Mas também nessa tentativa não fui bem sucedida. Era uma noite como qualquer outra. Bateu na porta. Meu coração gelou. Quando abri, algo me disse que, não sei por qual razão, dessa vez o sofrimento seria maior. Ele me tratava com a frieza habitual, tinha os modos e cheiros de costume. Era eu quem estava mudada.

Deitou-se na cama e puxou-me pela mão. A fera iria devorar sua presa. Meus globos oculares seriam mastigados por seus caninos. O egoísmo abria sua bocarra mostrando suas gengivas sangrentas. É só o que eu poderia fazer seria fechar os olhos e esperar pela dentada. Torcer para que ela não doesse muito, ou melhor, que fosse tão eficiente que extinguisse de vez minha consciência. Tinha o hálito de carne crua. Sua cabeça avermelhada estava embriagada pelo mais unânime dos instintos. Não tomou conhecimento de minhas vontades. Nenhum argumento ou lágrima teve força para ser notado.

Mordi-o até encontrar pontos vermelhos em seu braço, mas isso não foi suficiente. Desisti. O ciclo animal cumpriu-se, e me vi contaminada. Resfolegando, olhou-me sem dizer nada. Talvez encontrasse ali um pouco de arrependimento ou piedade, mas eu poderia estar enganada, e o que enxergava eram as cascas vazias do instinto preparando para revigorar-se. Pedi solidariedade. Abracei-o disposta até a perdoar, ou fingir que conseguia. Suas pálpebras pesaram. Escondia algum sentimento?

Um sopro forte antecedeu o primeiro ronco. Meus braços precisavam se afastar daquele pescoço, sentia a inutilidade de quem abraça um cadáver, as gotículas de sangue só aumentaram

minha repulsa. Precisava de água. Purificar-me. A sujeira espalhava-se pelos cantos, escalava as paredes e manchava o teto. Não podia mais ficar ali. No meio da madrugada saí do castelo e caminhei até o riacho. Na noite quente deitei-me nas águas rasas e deixei com que elas me lavassem.

O céu acumulava nuvens escuras sem permitir estrelas. A correnteza diminuiu a pressão que começava em meu coração. Fui sendo acolhida até ser acordada pelo rio. Deitei-me nas margens ainda sentindo o calor do mundo. Equilíbrio. As águas transbordadas recuavam manchando de memória os níveis mais agudos. Meu corpo voltou a me pertencer. Pelos ares espalhava-se natureza. Coaxava um sapo que naqueles instantes era também eu. E todos somos o cheiro da noite, e éramos a nuvem muda de formas... até que as dores diminuíram, e por todos os culpados senti piedade. Era tão difícil ser absoluta, e agora o sofrimento me aproxima dessa amplitude.

Os ferimentos servem de antídoto contra a condição de ser rasa. Prefiro ser cotidiana e plena. Que minhas veias permaneçam intactas, e com elas, eu possa saborear esse esplêndido mundo escuro, repleto de poças sem dono... percebo que dentro de cada ente, há sua respectiva dor, seu oposto, e a luta entre eles, a resultante dessas batalhas chamam-se pedra, flor ou homem.

Os que conseguirem enxergar a guerra de longe verão todos os sobreviventes desprovidos de certezas, mutilados, arrasando seus corpos para marcar os horizontes com suas sombras, e delas se orgulhando, pois é tudo o que possuem, e seu único possível legado. Todo o resto ficará para trás. Abandonado. E desse levantar-se sem pretensões, quando a coluna ereta e os olhos formam uma linha de coerência com a terra e o céu, desse prumo alinhado, simples e quase mecânico, nasce a planta da dignidade, e então surgirão os homens, as civilizações e também

tudo que se tornará o contrário deles. A morte florescerá para que resplandeça a vida.

Já enxergo alguma luz tentando romper a barreira maciça de nuvens noturnas, os escuros envelhecem, o fim das coisas alterna posições, caminhando de um lado para outro cheio de impaciência. O riacho começa a perder seu mistério. O sapo se cala. Reparo em como minhas mãos são brancas, essa constatação me enche de alegria, porque parece que me libertou de toda contaminação e sujeira. A plenitude passou por aqui, mas parece que já foi embora, o que sobrou é igual a essa luz noturna que insiste em não morrer. Mas se isso acontecer, ela promete voltar logo. Preciso retornar para meu cotidiano raso, mas agora sabendo que existem esses momentos, onde o espírito iguala-se ao corpo, ambos ao mundo, e todos eles à vida. A luz desafia a noite. As tintas escuras perdem o vigor. O ar nunca foi tão fresco, e qualquer de meus atos tão soberano. Sinto que a independência acompanha o movimento de minhas juntas, e alegra-me o fato de ter de responder por eventuais arroubos insanos. Alguma doce chama bruxuleia nas águas. A noite está mudada.

As cores renascidas carregam recordações. Sou tão jovem. Começo a sentir frio. Deveria voltar para o castelo. Estou cheia de sementes... não sei como devem brotar, mas a força do nascimento dignifica meu corpo, empresta a meus membros uma força desconhecida, mas em mim nasce um dia com todas suas consequências.

As dores são das raízes desenrolando suas teias pelas possibilidades dos dias. Preciso de pulmões elásticos espalhados como cavas, e preparados para suportar a força da novidade. De tanto tentar enxergar encontrei a primeira coroa de raios de luz vibrando sobre a vegetação, e muito poderia dizer sobre ela, falaria, ou falo, de como as coisas se encaixam e sinto música, e sou o sol, e depois a poesia e o mundo voltam a ser noite, que ama-

nhece, deflorando expectativas, aceitando, negando para voltar a render-me, entregar-me, enquanto eclodem manhãs, decepções. Preciso voltar. Estou molhada. Fui estuprada por meu marido.

Os passarinhos começam a cantar. A maré do equilíbrio recua. São amargos os versos que escreveria. O dia demora. A indefinição de luzes incendeia meu desespero. O canto das aves parece um hino à fragilidade. Preciso tomar cuidado para não ser engolida pelas águas do riacho. O castelo parece tão distante, e a ajuda de que necessito poderia vir de lá, ou então, é justamente de lá que não quero que venha ninguém.

Abandono. Sigo margeando o rio até algum vilarejo, vivendo no mundo do preconceito sem paredes. Tabernas, algumas moedas, prostituição, doenças femininas, acabando como mendiga que aceita as gentilezas das igrejas para ojeriza dos padres. A mulher é um pássaro que precisa viver dentro de uma gaiola, senão não sobrevive. Torço a barra de minha saia que está encharcada de medo. Vou tentar conversar com ele, o que fez não é humano. Ele não é um homem mau. Esqueço a fuga e caminho na direção do castelo. Todos dormem inclusive os homens que deveriam permanecer acordados para vigiar as torres. O castelo está tão vulnerável, e justamente eu, que me sentia fragilizada, agora sou a única consciência desperta.

O sol vence a noite, e nesse instante eu sou como ele. Sinto-me portadora de toda a juventude a que alguém tem direito. Minhas pernas e braços fortes não têm receio de gerar atos irresponsáveis. Todas as palavras que saírem de minha garganta estarão embebidas em justiça líquida, e ninguém poderá contradizer-me sem que esteja cometendo um crime contra todos os homens. As primeiras pessoas que começam a acordar assustam-se com minha presença àquela hora da manhã, talvez fiquem ainda mais surpresas com o que meus olhos dizem.

Quando atravesso o portão principal e chego no pátio, há umas vinte pessoas que me olham e cochicham entre si. Quando as encaro elas baixam o rosto e fingem estar fazendo algo. Tenho vontade de dizer algumas palavras, coisas que já deveria ter extravasado há muito tempo. Mas não sei... de nada resolveria meu discurso, os trabalhadores não modificariam seus comportamentos e eu receberia uma punição, quase desisto, vou caminhando mais devagar para ver se ainda resta coragem suficiente para falar. Quando vejo uma menina de uns nove anos colhendo vegetais na horta, percebo que se não falar nada, meu arrependimento vai me fazer sofrer mais do que qualquer castigo que me possa ser aplicado. Vou para o centro da praça e peço que todos sejam acordados porque a condessa tem algo muito importante a dizer.

São as mulheres que arrastam seus homens sonolentos das tocas onde dormem uns empilhados sobre os outros.

“Meus súditos, concidadãos, servos, empregados, não sei como nominá-los, melhor seria chamá-los, meus homens, mulheres e crianças... sei que todos vocês foram ensinados a me tratar com a mais alta reverência, a condessa, mas de agora em diante podem me chamar somente de Beatriz. Gostaria de falar sobre a monarquia, esse sistema que faz todos vocês trabalharem para o senhor do castelo. O que vocês ganham serve apenas para mantê-los vivos e trabalhando. O lucro é todo dele.

Sei que então algum de vocês vão argumentar que ele fica com todo o lucro porque é um enviado de deus. Vejam as condições em que moram, pequenas casinhas de palha sem qualquer conforto ou privacidade, quantas crianças morreram de frio no inverno passado? Vou dizer uma coisa para vocês, se há algum deus ele é justo, e não distinguiria seus filhos presenteando alguns com palácios e outros com casebres imundos. E me falem da vossa alimentação, vocês comem repolho cru, eventualmen-

te alguma carne de porco mal conservada que já matou muita gente. Os banquetes dentro do castelo são regados a carnes nobres, não faltam faisões, patos cozidos ao molho de vinhos sofisticados, doces de todos os tipos. Os colchões são recheados com penas de ganso, são macios e com eles não passamos nenhum frio. Agora quero que me respondam, que tipo de deus, colocaria seus filhos em lugares assim tão diferentes? A resposta é: um deus mau. Ou um que não existisse. As terras do rei estendem-se até se perderem de vista, depois há outro imenso território de outro rei que possui os mesmos hábitos e legitimidade que o nosso. Porque vocês não cruzam o portão central e vão plantar e viver em terras que de direito são suas, e apenas foram usurpadas pelo poder real? Lá poderão plantar o que quiserem e ficar com toda a produção para vocês, podem até vender ou trocar o excedente. Eu conheço todos os meandros dos castelos, e posso vos dizer que nada ali é baseado na honestidade ou na vontade de auxiliar o próximo. A podridão começa no tapete de entrada e vai até a mais alta joia incrustada no trono do rei, esses tesouros foram conseguidos com o vosso suor, nada mais justo do que os pertençam.”

Eles me escutaram em silêncio. Enxerguei no rosto de alguns a surpresa pelo conteúdo de minhas palavras, em outros vi apenas o cansaço. Se dissesse o contrário manteriam as mesmas expressões entediadas. Aos poucos foram se dispersando, voltando para seus casebres ou iniciando as atividades de mais um dia. Os primeiros machados começaram a rachar lenha, as mulheres carregavam balaios de roupa para ser lavada no riacho, e eu fiquei parada, sentindo-me ridícula, vazia... qual a serventia daquele discurso? Sentia a desonestidade de minhas palavras, nem eu mesma acreditava naquilo. Como eram feias todas aquelas pessoas e que vidas miseráveis levavam, mas talvez fosse exatamente o que merecessem e nada devesse ser modificado.

Agora. Pergunto-me de onde surgiram as frases de minha fala? E a necessidade de dizê-las? Eu vou me disfarçando de defensora de vítimas enquanto escondo nas mãos o punhal sujo de sangue? Meus antepassados conduziram-me à condição social da qual usufruo, sou a consequência de um joguete histórico, e também o elo com o futuro, e que diferença faz em que parte do tempo estejam as consciências? O novelo de lã desenrola-se nos dois sentidos e não consigo enxergar suas pontas, o que vejo é sentimento, e sobre o buraco que sou, desabam pedras de não sei onde, e cada rocha que cai aviva uma grande ferida piedosa, que lamenta o inteiro gênero humano, seus sorrisos, espreguiços e amores. E depois da piedade vem a digestão.

Com minhas manias interiores destruo os mais nobres sentimentos e sensações, sinto-me plena e nobre, e nenhum pequeno problema conseguirá se aproximar para pedir resolução. A neutralidade invade minha alma, e de todos os estados de espírito que já experimentei, considero esse o mais verdadeiro.

Então eu percebo que em todos os aspectos da vida, no mundo das plantas, no animal, e em qualquer outro, sempre há partes dos vegetais, pedaços de memória dos homens, cavalos anões, que estarão desintegrados, e que precisam se misturar com seus opostos. Dessa panela nasce um caldo de vidas distanciadas do peso social. As novas crianças cumprirão todas suas responsabilidades, mas apesar de tudo, e em razão disso, serão egoístas. A sociedade que substituirá a miséria monarquista, o fará em detrimento do sumiço de um mistério. Esses hipotéticos homens e mulheres, muito mais belos e melhores alimentados, estarão protegidos do uivo noturno do lobo, do açoitado de soberanos sanguinários e do medo da peste assassina. Mas apesar disso, derramarão lágrimas pela falta de sentido que encontram no dia e no espelho, e desejarão voltar aos tempos em que as coisas

eram mais simples. Enfraquecidos, confessarão que o único caminho que enxergam é a satisfação extrema de seus mais miúdos desejos. As vontades servirão de alimento ao vício, e o coletivo será justificativa para comportamentos individuais. A miséria pós-monárquica encontrará novas maneiras de fazer com que as costas fiquem arcadas com o peso de uma pedra.

E é por isso que meu discurso foi mentiroso, porque o que teria a propor como alternativa à monarquia seria a civilização da beleza entediada, e de que vale a troca de um sofrimento por outro? Esse é o objetivo supremo de um tirano, fazer com que o sofredor acredite que sua dor terminou, mesmo que isso não seja verdade... para aceitar o dogma, preciso esquecer da lagoa de águas escuras, engulo as palavras religiosas, fecho os olhos e escuto meus pedidos serem realizados, e tudo está pleno, a luz não tem reflexos nem camadas, aos interesses políticos respondendo com meu apoio ou protesto, e ser contrária, é uma forma de aceitação, porque tudo está compreendido dentro da bacia opaca onde flutuam velas inúteis, que logo deixarão suas chamas serem consumidas pelas águas, e esquecidas, para que sobre a pilha dos seres apagados triunfe a vontade que não pertence a ninguém, e tem muitos rostos, mas nenhum deles consegue deixar marcas sobre os céus, terra ou ar.

Abstêmias de qualquer posição, as nuvens aceitam o sopro caótico, desapegando-se de suas formas espalham e espelham... a elas não é dado o direito civilizatório, escoraçadas de quaisquer garantias vivem o ritmo dos ares, não se constroem em perder a personalidade para formar uma grande irmã em forma de castiçal. O material de que elas são feitas é tão frágil, que parece que até mesmo o tempo tem mais dificuldades de cobri-las com os efeitos de sua própria deterioração. Nuvens velhas, quando muito são encontradas em sonhos.

Apesar de qualquer decisão. Paz. Guerra. Matar a fome do povo. Distribuir terra para quem quer plantar. Orgulhos patrióticos engalanados, bibliotecas com nomes de velhos soldados criados de medalhas e buracos de espada. Casamentos reais unindo dois povos. Nada disso fala à alma. São meros pretextos para que no fim ergamos o dogma às alturas, e a ele dirijamos nossas preces que nunca serão obedecidas. Mas nós, seres amolecidos por protocolos sociais, precisamos de papéis com nossos nomes para ser assinados, necessitamos de homens que nos protejam contra assassinos, de títulos honoríficos para nos localizarmos e sabermos exatamente o que somos. Porque até agora vamos vivendo, e isso é tudo o que podemos fazer, mesmo que a maré sempre nos conduza a novas praias de sofrimento.

As amantes coléricas têm suas reivindicações, mas de onde sairá o dinheiro que sustenta seus luxos? A perversão atinge a todos. E é exatamente dessas pessoas que, com ímpeto e entusiasmo, acreditando e lutando pelos métodos pré-preparados de poder, gera-se o sangue que vai escorrer em pequena quantidade por entre os dedos do homem, para depois, numa segunda etapa, quando outras populações vindas de países distantes engolirem a mesma injustiça, que também é justa, esses sangue borbulhar como a nascente de um rio, e manchar crianças vindas dos quatro cantos do país, levando-as a bufarem de ódio, com armas em punho, aceitando as ordens das bandeiras. As cores para elas não farão diferença, e atirando contra todos e tudo, algumas morrerão e outras se transformarão em heróis. Que depois de mortos serão considerados adultos. A infância haverá desaparecido.

Aos naufragados de cada lado, ambas as partes dedicarão uma repulsa fedorenta, que só nos fará desejar distância. Dentro do feixe indeciso de cores, os olhos esconderão os desejos e seus contrários. A espera estará manifesta em qualquer azul, e antes

que sejam decifrados os sentimentos, escorrerão pelos poros do mundo todas suas necessidades. Escandidos os instantes amarelados, sobrar  a fruta fanada e o pássaro saciado, e por esses, todos, que são, estão, sopra o amadurecimento, a flor acontece comigo, meu grito invade todos os ouvidos, e não encontro raio de sol que não me turve as vistas.

Com meu pranto vítreo confundirei lagoas, ensinando chuvas mentirosas aos peixes, e nessa substância aquosa fecho meus olhos para respirar, espero tons e toques, mas o que recebo   memória. A vida morta solidifica seu mármore, e eu sou apenas aquilo que ainda não endureceu, mas que também não se formou, nem existe, a mistura de uma promessa com o resultado destruido de um sonho acabado, por isso sou a mulher de olhos sem cor, que suspira em busca de ar, mesmo quando o vento sopra meus cabelos. Nessa encruzilhada perco as certezas em meu sexo, mas vou além, desconheço a pessoa que me faz abrir os olhos e mastigar comida, difícil dizer isso, mas suspeito que ela não seja eu. E não existe nada pior do que isso para quem acredita ser alguém. Entre o que está por vir e o que já foi, há sombras e restos de pedra, relva que cresce em desalinho e o som noturno de animais escondidos, e é nesse ambiente hostil que devemos fincar as estacas da vida, e por ali permanecermos, até que as promessas desapareçam, a brisa acabe e nos tornemos memória de outra pessoa, que terá outro nome e viverá em outra época, mas nem por isso deixar  de ser suspeita, de ser eu mesma.

Sobre os séculos atravessam folhas desprendidas de grandes galhos negros, de l  de cima observam gerações esticando o novelo da vida. Visto das alturas o processo é isento de dramas. Mas eu tenho dúvidas. Quem desenrola novelos não   pessoa com qualidades suficientes para descobrir o que existe entre os passos, portanto, o espaço delimitado pelos p s, e também

o intervalo que existe antes do pulmão se encher, esses espaços vagos de certezas, o instante do olho piscado, permanecem sendo mistérios, e não, nunca, ninguém atravessará os mares para fincar os pés na ilha sem realidade. O navio longínquo suspeita de seus contornos, que aparecem nos sonhos enevoados dos marinheiros, para depois desaparecerem na dureza inútil da luz derramada sobre a água. E a que servem as convicções, quando tudo o que resta é o movimento salgado do imenso? A procura por horizontes e a sobra seca de um mundo sem ilhas.

Paro. Sobre minha cabeça voa a folha arrancada de sua árvore em épocas ancestrais, e ela prossegue com a certeza das brisas outonais, distanciando-se de mim, e aproximando o cheiro do futuro, as chuvas não acontecidas misturam vozes sem nascimento, e em cada eu, há outra folha de séculos diversos que sobrevoam sua cabeça. Não preciso das distinções a que os dias me acostumam, se decidir pela honestidade, mergulho, desenrolo e outros abandonos... às causas perdidas dedico meu dia, e a ele, o dia, infesto com as sobras de luzes esquecidas pela noite.

A música é um caminho sem volta na floresta escura. O medo é o espaço vago entre duas notas, as marcas musicais são o grito do homem para espantar o animal selvagem que quer devorá-lo. A combinação de vários gritos consegue espantar qualquer fera sanguinária, e tem o poder de acalmar aquele que temia. Sinto-me cada vez mais dependente dos sons, preciso imaginá-los e combiná-los, só assim conseguirei sobreviver. As composições são os remédios para minh'alma, e não me importo se tem qualidade ou não, o imprescindível é que continuem existindo para que eu possa fazer o mesmo.

As notas musicais são o único elo que tenho com o mundo, do jeito que eu gostaria que ele fosse, mas elas não me transportam até lá. Apenas mostram através de um tubo fino, que eu pos-

so me comunicar com ele, e receber algumas respostas do outro lado, e esse simples contato já me enche o coração de esperanças, é um refúgio contra a falta de sentido da vida e do mundo.

Depois que comecei a tocar com mais frequência, desapareceram as crises de choro e desânimo, encontrei mais tempo para o fingimento e dissimulação, e eles me fazem menos mal, porque tenho meu refúgio, que posso ir visitar quando quiser. Prefiro tocar flauta à beira do riacho ou então na floresta. Os sons dos pássaros complementam minhas músicas, e até o vento soprando os galhos de árvores frondosas, parecem adicionar outros timbres, e eu estou nesse zumbir, amparando o silêncio entristecido pela perda dolorosa da batalha, descobrindo-o parecido com a vida, toda feita de interrupções, flores arrancadas pela tempestade, que quando se esquecem de serem flores, viram memória, e o canto-melancolia de um pássaro pendendo sobre um cacho de avencas, manchando de verde um horizonte que transpira sol, a frase incompleta construída pelo pensamento tortuoso, e o desejo irrealizado de que tudo se encaixe, para que nenhuma sobra espinhosa perturbe a certeza, que possui a solidez de algum reflexo espalhado sobre o vinho.

Flutuam em mim as dimensões distorcidas pelas camadas de luz, sou o elo entre os retalhos de imagens vacilantes, e para que haja essa união, é que existo. Tudo possui seu som, que goteja sobre as consciências, que se expandem e concentram, e os arpejos fluidos brilham como estrelas. Escuto as cores dadivosas das notas musicais, e toda-eu, sou a costura entre adivinhações sonoras, e graças a esse antídoto alcanço a sobrevivência, e depois dela grito, não quero ser esquecida, minha flauta tem sua religião, cheia de recônditos louvores, onde escondo lágrimas e transes, e dentro deles descubro, cada um, que é alheio a mim, poços escuros onde ressoam vozes diversas, cujos ecos formam pessoas, que oram, pedem, e suam. E que também são música.



## *Ano 1168*

O turbilhão parece ter arrefecido sua fúria. Os cabelos prateados parecem possuir o poder de controlar o coração. Aprendi com os erros, e orgulho-me muito disso. Acalmiei meus ímpetos, tornei-me menos mulher, mas ao contrário do que imaginava, isso está sendo ótimo. Não tenho mais por quê disputar em bailes qual será a mais bela, sou uma mulher de trinta e três anos, encaminho-me para a sepultura, mas ainda tenho palavras a dizer para as gerações mais novas, só não sei se alguém quer ouvir a voz de minha experiência.

Abandonei os amantes, sou fiel a meu marido, o que para mim é um grande esforço, pois preferiria simplesmente nunca mais pensar em sexo. Meus dentes se acalmaram, não doem mais, os que caíram dificultaram a mastigação de carnes. Ganhei peso e acho que dizem que pareço mais saudável. De minhas duas filhas a mais velha casou e espera uma criança para a próxima primavera, a mais nova está prometida para um príncipe que vem do sul, lindíssimo rapaz, educado, de boa família, e mesmo assim ela titubeia quando ouve a palavra casamento.

Eu a entendo, quando a vejo chorando seguro sua mão, acaricio seus cabelos, e tenho muita vontade de dizer tudo o que sofri, mas só o que faço é perguntar-lhe se quer chá. Depois vou passear pelos jardins do castelo, reparo nos pássaros, nas árvores, alguma melodia retorna à minha memória, mas dessa vez não há mais o fluxo de lava de vulcão incandescente que a tudo destruiu, agora o que existe é uma sutil nascente de água, com seus ruídos murmurantes, que depois pode crescer e virar um rio caudaloso, mas nesse instante é paz.

Aproveitando-me dela imagino onde colocaria notas musicais na paisagem que enxergo. O difícil é encontrar cantos onde

a música não se encaixe, qualquer pasto banhado pelo sol já se transforma em uma sonata. As opções em demasia confundem e me conduzem ao silêncio, e ele à melancolia, mas agora esse sentimento não vem recheado de raiva, é plácido, cheio de aceitação e sono. Não sei por qual razão acho que ele tem uma cor, é amarelado, e é dessa forma que soa minha flauta, é por esse túnel que enxergo minha infância e percebo o peso de todas as substâncias. Escuto o que precisa ser sonhado, desisto do muito sanguíneo para que a pluma vadia atravessasse o raio de sol e impressione a memória. Dissolvo as reentrâncias concretas, a voz do dia acontece quando a chuva molha a pele, ou quando eu dou a dolorosa luz a um corpo confuso com olhos atordoados. Mornos são todos os afagos em que não consigo encostar, às mãos desaparecidas encolho as minhas e prossigo, como feto retraído, protegendo-me contra o que é proibido definir.

A meu carnal marido dedico o peso de meu espírito e de todas suas repulsivas excrescências, na manhã nunca vivida gostaria de empatá-lo em alegrias e desgostos, ofereceria a indiferença como compensação... assopro a flauta sem pedir a meus dedos nenhuma nota musical, o som agudo de um mundo sem noite transforma-se na religião sem deus em que acredito, então, meus olhos molhados precisam de estrelas, e eu peço a alternância dos ritmos do ar, o que escuto ganha a turbulência de um nascimento, o relâmpago marca o céu com sua falta de permanência.

Descubro gotas do que sempre será, na fraqueza fértil das sementes. A lembrança de apegos passados revela a sombra da contradição, antes de conseguir analisá-la surge uma dúvida ainda mais cruel: não seria meu corpo a sombra daqueles contornos cinzentos que se arrastam pelo chão conforme a posição do sol? Sem conseguir responder à questão, a descubro inútil, qualquer que seja a resposta em nada alterará minha vida, deverei continuar tocando minha flauta e sentindo-me melancólica quando

não o faço. Como uma pergunta conduz a outra, agora quero saber por que existem grandes dúvidas filosóficas, que quando respondidas não servem para absolutamente nada. A magnífica questão só admite definições vazias.

É por isso que gosto de música, ela não pretende responder a nenhuma pergunta, é mais parecida com o sangue que circula em nossas veias, e acaba de maneira secreta, navegando pelas árvores, montanhas, florestas e cidades. Há alguma substância invisível que mantém tudo isso pulsando, e a música é somente a soma desses sons misteriosos, que na verdade amarram o mundo. E isso não é resposta, ou perfaz qualquer questão. Suficiente.

Nas madrugadas encontro a paz extinta pelos ruídos do dia, observo como a água se move dentro de um copo, molhando suas extremidades, os mares tem o tamanho de minhas praias. Antes de o sol nascer brinco de inundações, desaparecem todos os efeitos de meus atos perversos. No fundo da taça estão todas as luzes que se acham possíveis, que antecedem as cores, elas se manifestam em camadas que se sobrepõem umas às outras, quando a lágrima as atravessa, elas logo se regeneram, inventando desculpas para permanecerem coloridas.

Quando o sol invade meu quarto, fujo. Cada vez menos suporte a luz do dia. Em meus sonhos é sempre noite. Meus dedos mergulham nas transparências aquosas de um líquido desconhecido, de lá retiro algum reflexo, que carrego entre o polegar e o indicador, enquanto ele pinga encharcando minha cama com fábulas. Essa seria minha felicidade. Se ela fosse possível.

O resto são grandes javalis abatidos para banquetes, tão imensamente carnais, tão condenados ao desaparecimento... a decoração com frutas só consegue aumentar a mortalidade dos animais. Mas não tenho essa sensação de ojeriza somente durante banquetes, quando olho para minhas filhas sinto uma fração do

que senti quando vi o porco assado. Em qualquer ocasião acontece o mesmo, enxergo em tudo e todos, a podridão que eles são hábeis em esconder. Por isso tenho cada vez mais dificuldades em conviver com qualquer pessoa, sinto que elas exalam um cheiro de carne queimada, e percebo que a primeira coisa a fazer é afastar-me de gente assim, mas elas são tantas, teria de me afastar de minhas filhas, de meu marido, de meus pais.

Como preciso conviver com isso, o negócio é travar uma relação superficial, cumprimentá-los, dizer-lhes algumas palavras agradáveis, mas nunca permitir que se aproximem de mim, pois todos eles, sem exceção, causam-me nojo. Se fico muito tempo na presença de alguém sou capaz de vomitar. Conheço as terríveis consequências que serão geradas por minha nova condição. Mas só o que posso fazer é refugiar-me em meu quarto, e quando todos estiverem dormindo, passear pelos jardins do castelo, ou eventualmente ir até a floresta, levo minha flauta, que em muitas ocasiões nem uso, mas quando o faço, são nesses momentos que as coisa parecem fazer sentido, todas as cores estão em seus devidos lugares e eu sorrio, mas esse é o meu mundo, não o dos outros. Impasse.

Já pensei em todas as soluções possíveis, mas nenhuma resolve meu problema, então vou suportando e me tornando infeliz, as madrugadas são as horas menos pesadas de meus dias, permito que a música que vou criando se perca, não escrevo notas musicais, o que despejo sobre a natureza é um pedido de socorro.

Sou tão incompetente no trato com minhas filhas. Desvio os olhos porque não sei o que dizer. Há o assunto delicado. A dívida que não pode ser quitada. Elas respondem pelo passivo da vida, e sei que em algum momento me culparão por tê-las colocado nessa situação. Minha consciência incha por essas cobranças não reveladas, desconfio de que a maneira que elas encontrarão para

se vingar, será impingir o mesmo caso a outros inocentes. E se o que brotou de meu maior íntimo são esses pedaços de estranheza, então o que dizer de todo o resto. Teatro.

Uma longa peça representada por maus atores, e sou terminantemente impedida de deixar o recinto. Não há música. Se quiser ouvir algo, preciso imaginá-lo, mas fazer isso o tempo todo gera um custo muito alto, e o desespero tem tantas portas de entrada, e com quanta vontade eu desejei não mais viver, e como eu repeti manias, fui obsessiva, descobri feridas e depois as cicatrizei, em seguida as manhãs se tornaram noturnas e deixei de ser surpreendida por olhares sonolentos, e me descobri tão só que se vivesse trancada em meu quarto não sentiria a falta de ninguém, não havia horizontes e o futuro era uma bruma dissolvida num presente diáfano, não me seria revelado o tamanho do mundo nem a proporção que eu ocupava em relação a ele.

Alguns sons furtivos atraíram-me para a margem de conforto. Havia descoberto um anestésico. A combinação de notas musicais preenchia parte de minha perda, e sentia que a cada dia entrava mais em contato com as sensações que realmente valiam a pena, afinava minha sensibilidade e intuição, começava a perceber as sutilezas da vida. Com os momentos, o cotidiano normatizado e sacralizado, eu não me importava.

Alguém dentro da corte, não sei se foi meu marido ou outra pessoa, percebendo isso, respeitou meu espaço e até criou anteparos para que eu continuasse vivendo de meu modo e sem interferir no ritual da monarquia. Agradeço a essa pessoa anônima, que salvou minha vida, caso contrário já teria me atirado de alguma janela ou usado meias de lã para me pendurar no caixilho da porta de meu quarto.

Sou feita de duas camadas, na primeira está minha cabeça, minhas palavras e expressões fáceis, elas servem como casca

para a segunda camada, que é onde me escondo, lá dentro estão todos meus ódios mortais, meus amores escondidos e desejos pecaminosos, essa vida é a que deveria estar do lado de fora, e não o contrário. Mas se isso acontecesse o mundo estaria definitivamente mudado. Teríamos grandes soluções para problemas com os quais nunca sonhamos, de cada fruta enterrada nasceriam árvores de carços, e nesse mundo de avessos, não seria só o bem que encontraria espaço para suas raízes, a hipocrisia também previne grandes catástrofes.

Invertida em minha essência, descobriria que só o que sabia ser eu, eram águas rasas, e que muito mais havia de mim, e de todas, quantas, múltiplas, duplas, estavam acontecendo para desespero de suas consequências. Ninguém era ouvidos para a música nunca executada, e nessa ausência que vai acontecendo sob a neblina que se ergue na madrugada, o escuro, azul, respinga amarelos, um sol, seus reflexos, raios perpendiculares, oblíquos, o vermelho rasgando as águas, um ponto dourado de luz, o azul enfraquecido e o grilo cantando seus dilemas para a nova noite.

Pressinto que algo está próximo de se romper, talvez as águas transbordem e minhas fronteiras internas desapareçam, e eu me transforme em uma pessoa-plenidão, todas as necessidades saciadas, contemplação protegida de qualquer investida do tempo, no único dia sem começo, a pessoa primordial se deitaria sob o sol do eterno meio-dia e degustaria os efeitos calmantes do calor. Esse prazer seria espalhado por todo seu corpo, e quem conseguisse ler seus olhos descobriria que talvez, aqueles olhos sempre estiveram ali, e que mesmo ele tendo visto o homem deitar-se sob o sol, que tudo aquilo pode não ter passado de uma encenação, e talvez aquele homem simplesmente não exista, nem braços, nem orelhas, e depois, quando refletir melhor, talvez desconfie que o homem relaxado, era ele mesmo, e no momento em que foi verificar seus olhos, descobriu-se.

Então teve de filosofar, aceitaria passar uma longa vida tranquila embaixo do sol, sem precisar fazer nada, nem mesmo se alimentar. Apenas usufruindo dos prazeres da temperatura, que amolece todos os sentidos, colocando a pessoa numa espécie de casulo de calor, mas, essa longa vida tranquila possui apenas um risco, poderá durar para sempre.

Há outra escolha, poderá viver uma vida regular, trabalhando como servo, dormindo em casas mal cheirosas e dividindo seu espaço com mais vinte ou trinta pessoas, e estando exposto a todos os tipos de doenças, que vão de males da cabeça até a peste negra. Estará também sujeito a dores dentárias, a acidentes, mutilações, viverá se tanto cinquenta anos, e esse período será longo o suficiente para ver crescer muitas árvores de sofrimento, assistirá a morte de muitos entes queridos, derramará lágrimas e amaldiçoará teu deus, para pouco depois pedir desculpas pelas palavras mal pensadas. Sentir-se-á pequeno, fraco, desconfiará que em algum ponto da vida errou, e no resto dela, pagará por esses erros. Depois virão a decrepitude, onde normalmente será abandonado por seus filhos tendo de viver de esmolas na porta de alguma igreja. E então aqui vem a pergunta: qual dos dois caminhos escolherá? O calor sem responsabilidades traz os brilhos de uma plenitude acolhedora. Um mergulho sem o dever de voltar à tona. Mas o sofrimento é um vício que também reluz. E escuto outras respostas que não as minhas.

“Engana-se Beatriz, sou teu meio. Poço. Profundo.”

Desconfio. A quem pertencem essas vozes? Serão as camadas mais afastadas de mim, eu mesma?

“Sou tão tua quanto pode acontecer. De minhas entranhas desprendo camadas sulfurosas, das tuas recebo o gosto alcalino das chuvas, preciso de teu movimento e você...”

Nada. Nenhuma confirmação, nem mesmo desconfiança, o

que escuto são frases que ficaram em meus ouvidos. Sem peso ou realidade.

“...da calma de onde eu vivo. E do que sou. Em minhas águas mais fundas, nascem novas cores e palavras, grená, cavalo, e greválo, Roxo, folgado, e xolgado, e é dessa maneira que eu faço com que teus pensamentos emirjam na tua consciência... então você lava essas palavras, limpa-as de seus intestinos, cabeça, e deixa somente o que é mais palatável aos ouvidos, e agradável aos olhos. Se você não fosse uma mulher covarde Beatriz, descobriria cores que nunca foram sonhadas, encontraria fusões púrpuras entre o amarelo-ovo e a cor de vinho, e essas tonalidades todas invadiriam teu espírito, expulsando de lá qualquer ideia escura. Você poderia também desenvolver a gramática das palavras misturadas, elas dizem mais e fazem pensar mais longe, têm rimas tão sofisticadas que podem ser entendidas em todos os países. Grande parte de tua dor vem do simples fato de não ser compreendida, as palavras que pronuncia são fracas, não tem peso ou brilho...”

A loucura pode ser divertida. Descobrir o espanto nos olhos alheios, ou fechar os próprios quando há qualquer contrariedade. Permitir ao turbilhão desordenado de realidades que invada minha casa, meu crânio e depois, tudo aquilo que chamo de eu. Legar à enxurrada todos seus desejos, e que vá instaurando seu caos ordenado. Engulo palavras que vão me saltar pelos olhos, e por falar neles, quando os fecho, a nova cor que aparece quase não tem nome, é casca de ovo com abóbora madura, troco algumas letras de palavras, e as inverte dentro de frases, quem escuta me olha com estranheza, mas eu os olho com arrogância, ninguém me entende, mas tenho muito medo de não ser entendida, volto para os tons pasteis e as palavrinhas curriculares.

“...você ainda não provou dos sabores... se tivesse feito, esqueceria o alinhamento de sílabas, e a obrigação de uma grafia única para a mesma palavra, mergulharia na nova língua de

autoria de cada ser humano, e gritaria teus sons, tão diferentes quanto a vida deveria ser, depois estranharia a própria voz, se arrependeria das bobagens ditas. Encruzilhada. Porque quando sonhas continuas encontrando as cores misteriosas de que falam as vozes ocultas, e aquelas tonalidades embaralham-se dentro de ti, fazendo com que durante aqueles instantes, você seja aquelas cores, e só pense em misturar-se com outras para tornar-se mais bonita, e acredita, que essa beleza te trará a felicidade...”

Eu. Encontro nas rochas do castelo formas de rostos. Descubro outras cabeças nas cascas de árvores. Nas flores encontro narizes-estame, pétalas de bocas e o carmesim de olhos persistentes. E sobre essa humanidade disfarçada, as nuvens narram a história do suor derramado por esses rostos. Encenadas as vitórias, logo são empurradas pelo vento, que mostra uma derrota, mas nas alturas é difícil que qualquer forma permaneça intacta, e o derrotado se ergue do chão, para não agir permanece um desistente até que as nuvens mudem de direção e eu não consiga distinguir qual parte do círculo escolherá ser mostrada dessa vez. Essas descobertas me fizeram sentir dentro de um aquário, onde a substância que tudo envolve é muito mais densa do que o ar, e por isso mesmo há mais camadas de vida flutuando entre os dois extremos.

Mas a grande questão não é identificar rostos em toda parte, é saber se atrás deles se esconde uma consciência. Até algum tempo atrás eu ria de quem me dissesse que um rosto de pedra pode ter vida. Não acredito que estátuas tenham alma, pois elas são objetos artificiais e frutos da vontade de uma pessoa, mas no caso dos rostos que aparecem em árvores, pedras e até no desenho das folhas, o que pode haver ali é uma manifestação universal incompleta, alguém que não encontrou um casal disposto a pari-lo, consegue fugir de onde estava e deixar marcas, que não são completamente vivas nem mortas, nesse limbo sombrio

poderá haver alguma espécie de consciência rudimentar, mas que somadas, pois estão por toda parte, podem representar algo como o humor do mundo, ou o temperamento oculto que paira entre as árvores, invade as cidades e influencia as pessoas.

Depois que descobri como esse sistema funciona, procuro me afastar o máximo que posso de regiões com grandes concentrações de rostos ocultos. Queiramos ou não eles podem alterar completamente nossos desejos. Por isso de agora em diante só toco flauta em meu quarto, e procuro deixá-lo bem escuro para que eu não seja surpreendida por alguma boca desdentada sem nada a dizer.

Outro dia quando passeava pela floresta decidi fazer uma experiência, reparei que caminhava por uma região coberta por rostos ocultos, então me aproximei de um pinheiro e fiquei reparando na infinidade de faces que havia ali, pequenas e incompletas, outras eram grandes cabeças avermelhadas cheias de vigor nos traços e com olhos que davam medo. Descobri uma cabecinha azulada que tinha traços tão inocentes. Senti pena. Seus olhos carregavam o mesmo tipo de impressão, daqueles homens que foram muito oprimidos por seus pais, e resultaram em homens frágeis, obcecados por qualquer distração. Mas como não são muito inteligentes, acabam desperdiçando as oportunidades.

Puxei conversa com o nó da árvore. Não obtive respostas. Depois de insistir muito encostei minha orelha no tronco e ouvi um barulho que se assemelha a uma pernáquia, aquele ser estava dentro da árvore, seu rosto era apenas uma representação aproximada de como ele era. Perguntei seu nome, depois de ouvir mais duas pernáquias, senti um murmúrio que vinha de dentro do tronco, a voz fina dizia palavras incompreensíveis, aos poucos fui me habituando e conseguindo entender, ele ou ela misturavam palavras, sílabas, frases, mas o pensamento era coerente, queriam

melhorias para suas condições de vida, pediam ajuda, na verdade, queriam que descobríssemos uma maneira de eles deixarem de ser limbo, pedra, flor, cascas de árvore, e virar gente. Testei o mesmo procedimento em outra cabeça e a resposta foi idêntica, ali se armava uma revolução contra os homens, e talvez eu fosse a única pessoa capaz de evitar o derramamento de sangue.

Sem saber o que fazer enfiei minha flauta num dos buracos ociosos que encontrei. A bocarra aceitou meu instrumento sem tentar empurrá-lo de volta. Toquei. O melhor que pude. O que eu julgava ser mais celestial. Houve silêncio. Talvez aqueles quase-homens estivessem reunidos no centro da árvore para tomar uma decisão sobre o que fariam de agora em diante. Enfiei minha flauta em mais três buracos, não houve qualquer resistência. Silêncio. Não seria tudo fruto de minha imaginação?

Eu precisava acreditar em algo, então tratei de esquecer essa pergunta. A brisa moveu folhas e balançou de leve alguns galhos, os seres revoltosos moviam-se nos estômagos das árvores. Retiro minha flauta das entranhas botânicas com medo que ela seja sorvida, não posso perdê-la, se isso acontecesse todo o resto estaria... toco para o céu e para as cores, um grande figo verde e roxo pende indeciso, abandono a música para vivê-lo, rasgando suas carnes descubro o vermelho suculento. Sanguíneo. Agora, essa fruta é minha religião. Seu gosto meu pedaço de verdade. O prazer faz meus olhos marejados. A felicidade tem o tamanho de meu desespero. Luz. Relva. Céu e chão. Odores. Raízes. A essência se espalha e escorre, para onde? Essência do quê? Vindas das canaletas cítricas do mistério frutoso, esta pasta de percepção alcança minhas esperanças fanadas, depois volta-se sobre a ida...

“Beatriz, cara amiga que comigo compartilha um crânio, gostaria de falar sobre os olhos de tuas filhas, ou seria melhor

dizer, de nossas filhas. São dois belos pares de olhos juvenis, carregam consigo as levezas das manhãs e a gota d'água iluminada pelo sol, e que se torna ela mesma uma bola de fogo. Mas... cara compatriota, há também uma ilha escura no meio desse oceano azul, seus rochedos são quebradiços e não há vida que sobreviva ali. Nessas pupilas desencantadas enxergo a mesma desilusão, delas origina-se o som triste de uma flauta tocada por um homem cego. As duas moças sofrem por encontrar nos olhos da mãe a confusão de todos os sentidos, e mais do que isso, o que as faz derramar lágrimas é encontrar nos olhos da mãe uma petrificada ausência. Que todos a sua volta chamam de loucura."

Prosseguem. Os escuros manchando minhas esperanças, e elas, a noite. Desequilíbrio. Escuto os mugidos distantes de uma vaca desaparecida, enquanto soam mudos os lábios dos que estão ao meu lado. Percebo todos os meus odores, e isso faz com que eu destrua o resto de amor que sentia por mim. Mas ainda amo. Não sei a quem nem o quê. Espalha-se por horizontes púrpuros esse imenso sentimento sem controle. Não encontro nenhuma pessoa capaz de suportar esse peso, por isso meu amor não possui rostos, prefiro o arco-íris, amo ainda mais quando através dele gotejam cores, nessas ocasiões derrete-se qualquer amargura, e por alguns instantes chego a pensar que a harmonia triunfou, inclusive sobre o tempo.

Com a chegada das sombras vou guardando meus amores, os enterro e depois tenho dificuldades para descobrir onde. Fico vazia, correndo de um lado para outro, as pessoas me pedindo para parar, e quanto mais me pedem mais corro. Não quero conversar com ninguém, nada do que me dissessem tem o menor interesse para mim.

A solidão me amedronta, mas entre ela e a companhia das pessoas prefiro ficar sozinha. Encontro uma árvore distante e deito sobre suas raízes, as pequenas sombras cinzentas começam

a cobrir meu corpo, perco minhas cores e retiro de minha alma as possibilidades de alegria. Mas esse é só o começo. Conheço o processo, depois disso vão começar a desmoronar os muros que dividem sentimentos, num grande tacho a inveja se misturará com o amor e esses com o ódio, a generosidade também entrará nessa mistura, e virá em doses generosas. Gotas de mesquinhez serão derramadas sobre esse cozido, e o sol inclemente terá a missão de fervê-lo.

A sensação de quem carrega isso no estômago é a da derrota total, as vontades estão todas derretidas, o mundo e todas as pessoas passam a ser objetos sem serventia, nada tem qualquer importância, nem mesmo alguém que vem para ajudar a minorar suas dores. Vivemos no meio de um deserto, e para qualquer lugar que desejemos fugir, a fuga será frustrada pelo próprio fugitivo, porque ele foge de sua fuga.

Mas há algum germe que propaga a peste da ressurreição, e todas as manhãs os homens derrotados pela noite acordam com alguma esperança no coração. Durante as próximas vinte e quatro horas essa perspectiva será diminuída, e quando o dia nascer de novo sobrarão apenas algumas vértebras com carniça em volta, e esse será o material que impulsionará o início do dia de alguém. As madrugadas são hábeis em transferir esperanças de homens para outros homens, principalmente se eles dormem uns perto dos outros. Descobri que o sono é tão contagioso quanto a peste, e tem sobre a peste a vantagem, que desde o início da humanidade, todas as pessoas que já existiram e existem, são subordinados a ele e sentem prazer com isso. Mas poucos são os que pensam que correm riscos, duas cabeças dormindo uma perto da outra, a contaminação será certa, os ideais, a força de vontade, a memória, a intuição, tudo isso poderá ser adquirido ou perdido durante o sono.

“Desgraçada. Eu, de ti guardo o repudio, e de mim, o espelho. Não reconheço tua sombra, nem percebo se os anteparos ao sol, com que manchamos o chão, tem o mesmo comprimento. Abolida de meu desejo, só o que encontro é o caminho circular, e tua nuca. Corro o risco de ser alvo de teu amor, porque sendo você alguém que perdeu o juízo, louva aquilo que mais te faz sofrer. E eu sou a raiz inflamada de teu dente. Cultivas uma dor porque sabe que eu venho de dentro, e você sempre foi uma obcecada por buracos, mas eu moro no ainda mais fundo, e daqui não posso ser extraída sem que se destrua tudo o que você é.

Em teus diários, é claro que os leio, pouca coisa encontrei de verdadeiro, falseia situações, nomes, sentimentos, mas de mim não consegue escapar, compreendo os símbolos que ali estão, e através deles leio a verdadeira história da condessa Beatriz de Dia, ou pelo menos, uma versão um pouco menos mentirosa. Porque assim como eu estou para você, há algum ser abaixo de mim, que conhece minhas raízes e é poupado do sol inclemente por causa de minhas sombras. Os medos que ele me impinge eu transfiro para você, somos elos da corrente, que provavelmente não termina em Beatriz. Imagine tuas epifanias com árvores, flores, e luzes, agora saiba que aqui embaixo fazemos o mesmo, mas não precisamos de símbolos físicos para entrarmos em êxtase, as ondas mentais agitando a memória, em seus mais frágeis e sofisticados recônditos, geram um imenso contato com o universo em todas suas formas.

Mas não posso negar, Beatriz, que a ti estou ligada com laços indissolúveis, e que por isso muito me preocupa teu estado mental, a mim me parece que teus pensamentos são uma série de tapetes empilhados que estão à venda, mas como os mais valiosos estão na parte de baixo da pilha, você sempre perde muito tempo e energia para tentar encontrá-los, e esse esforço está acabando contigo.

Você quase nunca conversa com suas filhas, esse poderia ser um começo. Com você resolvida, sobrarão mais energia para mim, ainda não decidi o que faria com essas eventuais forças suplementares. Talvez mergulhe numa lagoa de sentimentos, em geral são muito coloridas, e fique por lá aproveitando os prazeres da alma, descobrindo que no fundo desses grandes aquários há sempre restos de pessoas, sonhos abandonados, ódios mortais, as águas verdes desses lugares também escondem almas, dos dois tipos, mortas, apenas procurando uma viscosidade que diminua o ritmo de apodrecimento, e as vivas, que acreditam que esse suco grená, onde acontecem as misturas, é um excelente fortificante. O que acaba revelando o quão medíocre é a maioria das almas, e como tem dificuldades para enxergar cores. O prazer solitário acaba sempre sendo pago por alguém, que não o exerceu. Beatriz, você na condição de pessoa mais amarga que já conheci, tem sofrimento acumulado para muitas gerações.

Sobre tua flauta, ela é a única coisa que te resta. Tuas filhas já pertencem ao mundo da monarquia, dos castelos, só o que te sobra é a música. Não tenha medo dela, a engula, ela é tua cruz e salvação. Que escorra o sangue “afinal ele foi feito para isso”, que desencaixe-se o maxilar e depois sequem as gengivas, e que gloriosa e estupefata, arraste-se a noite até virar manhã, para todos os pintassilgos, e cada um, e você, trilem a alma da única música, e quando estiveres cansada lembre-se do amarelo do rabo de um passarinho sem nome, avistado de relance, quando você era criança, e todas as coisas se aquietarão, porque a música também precisa dormir, e seu ronco são os barulhos da noite, que invadem os sonhos, e se transformam em notas musicais.

Não há nada tão divino quanto a música que aparece nos sonhos, é despreendida de qualquer estilo, a sonoridade é tão presente e ampla que tem cheiro forte, e se esse odor provier de

comida deteriorada, devemos comê-la mesmo assim, para poder deglutir a pureza da sonoridade divina, e se formos tão porcos, se aceitarmos a mendicância, em busca da nota essencial, nossa vida será muito mais rica e divertida, mas teremos de beber em cascas de melancias apodrecidas os sucos escuros que lá estiverem, sem reclamar, sairemos com nossas flautas, desafiando cores que cobrem o meu corpo, pensei que a música poderia ser um imenso cavalo “talvez com cem metros de altura por duzentos de comprimento, talvez de um transparente avermelhado, e muito, muito saltitante e brincalhão. Então, nós duas, sei que não gosta desse tipo de tratamento, então vou tentar te respeitar, então, você Beatriz, iria dançar ao redor do cavalo vermelho de cem metros de altura, e tocará tua melhor música para ele. E ele dançará para você e não temerás as enormes patas brincalhonas que passeiam perto de ti. Apenas toque para o gigante dançar, faça das fibras das pernas dele o começo de tua música, depois de usar força bruta em tua composição, agora é a vez das sutilezas, nessa parte aceito vento, folhas, luzes cinzentas de uma manhã domingueira, depois a paz.

A folha caída, a longa raiz estabelecida, que vai lentamente engordando. Esse, Beatriz, é teu começo, mas se quiser tocar a música que congela homens em suas posições, que ressuscita mortos, que faz crianças nascerem sem que seja necessária a gravidez, então Beatriz, você precisa ir bem mais longe. Deve começar misturando os três níveis de realidade de que te falei. Em seguida precisa construir algo com essa mistura, que depois, aliás, deverá destruí-la.

Seguido esse itinerário, prepare-se, ele pode ser falso (risadas), desconfie, quem sabe não sou eu a porção apodrecida de ti? E tudo que exala de você é o doce sândalo da lucidez, e tua dor é só amargura, por não ser insana, tua voz, o hino de um mundo que não se completa, estridente manifestação solitária. Dentro

de teu desespero acontece a poesia, que se transforma em nuvens sem captura, para depois chover, brilhando o movimento soturno, que faz a rosa desabrochar na madrugada e deteriora as carcaças abandonadas ao sol do meio do dia. E essas contundências da vida são tão sentidas por quem tem um olho, e dois, e nada entre eles.

Desistidas da beleza voam as pétalas, incólumes, para o observador solitário elas tornaram-se ainda mais belas, serpenteando vermelhas pelo horizonte acinzentado. Assim te enxergo, Beatriz, afundando num lago de mel, tornando-se uma mosca dentro de uma pedra de âmbar, as cores da pedra te acompanham para onde quer que vá, são teu peso, e por estar dentro delas, há muitas notas musicais que não consegue tocar, e falta-te a capacidade de engendrar composições menos protocolares ou mais lunares. Na prisão de âmbar a mulher envelhece mais devagar, mas paga um preço por esses remoçamentos. Beatriz, tenho uma suspeita e um desejo, talvez se você usasse todos teus pulmões e alma, fosse possível que conseguisse soprar notas que rachariam o âmbar, saída de dentro dela, estranhando as cores e luzes, você terá tempo para sentir os odores que a brisa de primavera trará, enxergará a natureza, e constrangida, enxugará algumas lágrimas que há tempos não vinham.

Depois desse período de ambientação, você irá até a floresta levando tua flauta, e lá tentará ser um passarinho, encontrará muitas frustrações, a desistência se aproximará, você a acha sedutora, e está pronta a ceder, mas, como sempre cedeu em tudo, resolveu ter seu momento de ser do contra, sacou da flauta e afugentou a desistência com golpes no lombo. Aquela música foi natureza, orvalho formando-se sobre notas musicais, e ela as recuperando, onde quer que estivessem, os sons circulavam, deixando suas cores respectivas espalhadas pelos contornos dos homens e crianças. A flauta contou mágica, falou de outro mundo, que fica muito

próximo e distante, passeou por lugares que eu não sabia que existiam, e que cá entre nós, ainda tenho minhas dúvidas. Depois tudo se torna presente, e as notas soam porque nunca houve silêncio.

Deixo minha prisão, atravesso as paredes, as consciências espalham seus reflexos nos dois sentidos, e também nos outros, e tudo é curto, ou sobra, do para sempre. A prisão numismática encerra o significado, dentro da moeda perdura a mão não alcançada do menino afogado, pela memória do desejo esvai-se a plenitude da riqueza... nenhuma aventura jamais igualou o tamanho dessa palavra.

A outra se transforma em mim e a mulher perde sua dignidade monetária, a dor dos partos me iguala a uma esponja-marinha, manchando o mar azul com suas excrescências rubras, matéria sem quilates ou nobreza, a vileza de meus dias é do tamanho de um camundongo esmagado, mas meu grito ósseo ressoa assustado, e não encontra perdão ou arrependimento. Meu filho sonhado, brincando à beira do riacho. Seus três anos imaginados correndo e sorrindo. Um pensamento fugitivo. A distração e seu desaparecimento. Minha vida encerrada. Continuei afogada. Jogando dinheiro no rio, que já havia levado o que tinha valor. Passei a contemplar moedas, tentando encontrar nelas o rosto da criança, paguei com material noturno o conteúdo dos dias. Encontro a tranquilidade do voo de um pássaro de asas longas no líquido esforçado de uma gota de suor... quem mistura mundos está condenado ao pior dos dois, que me cortem a cabeça para depois descobrirem que há muito ela já tinha sido arrancada, e apenas pairava sobre meus ombros, estranho reduto onde se condensam fatos ocorridos, esperanças e um pulsar bovino repleto da conformidade. Daquele que acorda, olha para o dia, levanta-se e vai se vestir.

Heroicos são os que percebem o amanhecer e voltam a fechar os olhos murmurando entre dentes “nada do que está fora de meu quarto, guarda para mim o menor interesse”.

## *Ano 1167*

Raimbaut. Mentira. Desespero. O nobre trovador que vivia de poesia e generosidade, era na verdade um riquíssimo lorde, cujas propriedades incluíam as cidades de Orange, Aumelas, Frontignan e Minerval. Suas posses só eram menores que a vaidade. Não hesitava em destruir vidas e famílias se isso garantisse suas conquistas amorosas. Os versos eram seus trapos contaminados com a peste, e se depois de saciado seu desejo, as cidadelas se enchessem com o silêncio mortal de uma civilização destruída, tanto melhor, orgulhava-se disso.

Todas as juras que me fez, as rimas que descrevia como difíceis, e que só faziam louvar minha pele, meus olhos... a alma, que ele jurava enxergar quando escutava minha música, tudo isso a mais pútrida mentira, revelada durante um jantar para um duque gordo e feio que divertia-se contando as conquistas de Raimbaut como se fossem suas. Meu marido compartilhou dessas risadas, e fui obrigada a deixar a mesa para esconder minha dor. Desde aquela noite tudo passou a ser diferente. Não consigo descrever essa mudança em palavras, mas parece que o dia passou a ser menos luminoso e a noite perdeu parte de sua escuridão, as luzes atravessaram a fronteira enfraquecendo o que torna as coisas absolutas. As codornas temperadas com amoras silvestres não são mais meu prato favorito, passaram a ser uma ave morta que traz consigo a recordação de quando batia suas asas falhas pelas pradarias, sobrevoando o terreno encharcado e enchendo-me de inveja por poder se aproximar do poente. E tudo aquilo me parece tão mais bonito do que o pequeno animal sem cabeça e depenado.

A beleza foi perdida e não há como recuperá-la. E em todos os aspectos da vida isso também parece acontecer, os tesouros

foram ficando para trás e de agora em diante teremos de construir nossas vidas com material apodrecido. O presente é feito de confusão, e é essa bagunça que estará moldando o futuro, portanto só o que nos resta é a magia das coisas que já se foram, e que tiveram seus auge. Viver o presente ou esperar o porvir são duas possibilidades absolutamente assustadoras. Então me fecho, recordo de minha infância, e de como naquela época eu daria tudo o que tinha para tornar-me adulta. A satisfação é arisca e nunca se fixa por muito tempo em lugar algum. Sou um cataclismo, ou parte de um abismo, a queda, as rochas, e quem cai. Meus longos dias, são feitos de braços desesperados se movendo no ar, de pernas exaustas e abandonadas, e o chão que se aproxima, é só espera.

Guillem se conformou. Não lhe darei um herdeiro homem, nem servirei mais como objeto sexual. Trata-me com um respeito distante, e procuro retribuir com sorrisinhos que me custam caro. Outro dia foi ele quem me sorriu, mas dessa vez havia algo diferente, senti um cheiro sutil de solidariedade, talvez estivesse enganada, mas parecia que ele tentava ser meu amigo, seus olhos queriam pedir perdão por todos aqueles anos de casamento, eu baixei os meus, acariciei sua mão e sai do quarto.

Não sei se quero perdoá-lo, mas também não sei do que deveria perdoá-lo, ele é só mais uma peça no jogo, assim como eu, que nunca tive coragem de abandonar o barco que naufragava. Ambos fracos, e nesse caso, não sei se é do feitio dos fracos, abraçarem-se com uma força que não têm, a eles é mais comum o abandono de braços e os pares de olhos baços procurando o sono. Que venham os anos, e já que são longos, que pelo menos eu arrume alguma coisa para distrair minha cabeça. A pessoa descrente aparenta ser o mais humilde dos seres, mas na verdade é um grande egoísta.

Nosso reino está enfraquecido, há desobediência entre os níveis de poder e desorganização interna no castelo. Talvez não precisemos de ataque algum para que tudo desmorone. Guillem parece não se interessar mais pela defesa, não há manutenção, e já chegaram rumores de que um rico nobre que tem um castelo não muito longe do nosso, estaria arregimentando um exército de mercenários para nos atacar. Já disse a Guillem, que talvez o melhor fosse abandonar esse castelo aos bárbaros, e construir outro a algumas milhas daqui. Ele repudiou a ideia com veemência, e disse que seus arqueiros estavam preparados para rechaçar qualquer ataque.

Sei que isso não é verdade e temo muito pela morte indiscriminada de crianças, idosos, e até pela minha morte. É estranho, depois de tanto tempo desaparecendo-me, estando pronta para desencarnar e virar música, quando me aproximo de um perigo real choro escondida, rezo para que minha vida seja poupada, não peço pelas vidas de minhas filhas, nem qualquer outro sentimento que melhore o mundo, acho que a monarquia foi aos poucos me ensinando a ser egoísta, e isso não tem mais jeito, estou completamente tomada pelo egoísmo, para mim, todos os outros são assistentes feitos para nos servir.

Sou aquilo que condeno nos outros. Portanto, apesar de tudo, também desejo que um exército bárbaro invada meu castelo e destrua, inclusive minha vida. Sangrando, sacio o mistério escondido entre olhos, descubro a nulidade ou os vagos parentescos entre minhas primeiras recordações e esses novos dias, encontro qual será essa substância a que estarei misturada, descubro o comprimento de meus novos dedos, e a maneira como essa nuvem esparsa se dissolve por tuas vistas. Depois minha infância traz a palavra perdida, por teus cabelos esparramam-se os ares de muitas consistências, as cores incisivas confundem

sabores, e na manhã nublada perco meus pés. O instinto percorre o caminho que começa na repulsa e volta para o desejo.

E a espada, a que consistências me apresentará? Os contornos de meus primeiros dias preencho com galhos secos de ciprestes, era tão fácil esquecer que existia, enviava meus gritos irresponsáveis pelos ares e aquilo era tudo o que importava. Acho que já enjoiei de acreditar em minhas certezas, preciso renovar o espectro de acontecimentos que se encadeiam através de mim, tornar-me a própria corrente que envolve meu corpo, assim poderei aparentar-me com as pessoas que encontrarei quando for finada, e para ser honesta e contraditória, essa é a única força que continua me impulsionando a viver. A música é apenas o instrumento desse poder. Gostaria de voltar a correr em disparada esquecendo-me do destino, mergulhar na água de boca aberta e comer todo doce que quiser. Dormir horas tão preguiçosas, que têm a capacidade de tornar a pele lisa como uma garrafa.

Outro dia, visitando meus pais, encontrei meus antigos brinquedos, que eu costumava esconder embaixo de uma velha escada de madeira, e foi nesse lugar pequeno e escuro que comecei a descobrir como a gente percebe a vida, lembro-me da aspreza das madeiras, dos pregos espetados, do ruído pesaroso dos pés dos adultos quando desciam os degraus, foi ali que escutei os primeiros sons e mentalmente comecei a combiná-los para fazer minha primeira música.

É tão cinza quando enterramos alguém, aqueles cheiros de flores velhas, a palidez do rosto, não há qualquer indicação de que aqueles despojos estão prestes a iniciar vida nova, entretanto esse é o único consolo dos que ficam. As flores de nossos sonhos... talvez seja dessa matéria que se construa a vida renascida. Os árduos vermelhos e a consistência do ferro ficaram para trás, os mortos têm suas preferências e sabem quando estão perden-

do tempo, mesmo que para eles o tempo seja eterno. Mortos são pessoas solitárias, vivem de recordações, não têm futuro, e sabem disso, por isso suas vidas são tão medíocres, sopram-lhes o rosto perdido um vento vindo de momentos opacos, e na prisão da memória fecham-se os círculos, e eles, permanecem mortos. As espigas dos gladiolos derramam lágrimas róseas, e as almas sem corpo são uma chuva de pétalas entregues às poças d'água, cujas sombras não possuem cor.

Às vezes, quando fico muito tempo contemplando essas sombras, e depois reparando na maneira com que os cachos de flor sutilmente transitam entre a glória e a decadência, nessas horas procuro desviar olhos e tapar ouvidos, porque sei o que costuma acontecer. Surgidos de não sei onde, e vindos normalmente em duplas, mortos chegam até mim, a conversa sempre começa com amenidades, mas sei que isso são apenas preparações para suas opiniões esdrúxulas, com as quais querem me doutrinar.

“Você tem se alimentado direito? Tem bebido bastante água? Sabia que o pior desconforto de um homem morto é a terrível sede que sente? Por isso é bom se prevenir, não acha? Gostamos de subir em árvores altas. Aos olhos daqueles que conseguem enxergar, às vezes nos parecemos como uma árvore carregada de frutos... pesarosos... perdidos, apesar da proximidade não gostamos de conversar entre nós, os mortos costumam achar seus pares grandessíssimos chatos, por isso ficamos em silêncio acumulados no alto de uma árvore, só observando os vivos. Apreciamos especialmente seus gestos mais simples, a maneira como uma mulher ajeita o cabelo para ir trabalhar, o bocejo que vem depois do almoço, os olhos escondidos sob a aba do chapéu, e que freneticamente procuram desvendar as formas femininas encobertas pelos vestidos. Todas essas pequenas atitudes são o alimento para continuarmos mortos saudáveis, bons observadores, sempre nos

escondendo em lugares onde ninguém está olhando (revelado nosso segredo).

Nossas vidas são vazias, dias tão iguais quanto dois filhotes de javali, não temos para onde ir, não podemos escrever ou tocar instrumentos, nem brincar com as crianças ou com cachorros. Nossa vida consiste em tentar atrair um dos vivos para o nosso lado.

Desconheço a razão pela qual essa é uma obsessão entre os mortos, parece ser um acordo interno que há por aqui já faz muito tempo, e todos obedecem sem questionar. Prometem tudo o que for possível alguém acreditar, menores desejos realizados com um estalar de dedos, o encontro de parentes mortos (aqui vai uma dica para os que já receberam esse tipo de promessa, mortos não querem rever parentes, a família dissolve-se na Terra, e lá onde eles estão, os parentescos não existem, nem as amizades, estão todos alheados dentro de uma névoa onde só eles enxergam). E essa condição durará o tempo necessário para que os mortos comecem a envelhecer, e suas velhices são muito parecidas com as dos vivos, tornam-se mais lentos para subirem em árvores, precisam de bengalas para andar, e são ainda mais rabugentos que os mortos jovens. Quando não podem mais caminhar, sentam-se no chão e ninguém mais presta atenção neles, de repente não mais existem, e é isso.

Talvez haja uma razão sábia na captura de vivos para conviver conosco, precisamos nos equilibrar demograficamente, e os vivos vêm substituir os mortos que morreram.

O certo é, quando qualquer vivo percebe o lugar onde está, é inundado pelo maior desespero que um homem pode suportar. Na fase inicial de adaptação a taxa de suicídios é enorme, quase metade dos vivos se matam e para isso escolhem os mais diversos métodos, enterram-se vivos até sufocarem com a terra,

imolam-se com fogo, ou então vão gradualmente fazendo cortes na pele, e permitindo que muito sangue vazze, até sucumbirem como um saco amarelado de ossos. Mas há os que resistem, e consolados vão procurando viver segundo a lei dos mortos. Sobem em árvores e ficam quietos por longas horas, apenas esperando uma oportunidade para descer, de preferência carregando alguma fruta. Pois os mortos não comem nada.

Os vivos, quando chegam no reino dos mortos, procuram construir amizades, mas os mortos são monossilábicos, e quando respondem é só com ironia e falsas pistas. Então um vivo experiente apenas troca algumas palavras com os mortos, o suficiente para ser conhecido e respeitado. O resto de sua vida consiste em buscar alimentação. Nesse lugar não há vida animal, e todos os frutos das árvores parecem que sempre estão podres, mesmo assim são esses frutos que os vivos comem. Os que conseguem resolver o problema de alimentação terão longos anos pela frente, o tédio será o pior inimigo. Chegados nesse lugar desaparece por completo o desejo sexual. As mulheres são apenas seres mais fracos que podem ser facilmente dominadas numa disputa por comida.

Esse lugar tem um zumbido permanente que parece os fios de um tear trabalhando, as cores por lá, são todas em tons amarelo-pálido, e há um cheiro constante de substância apodrecida, os tetos são baixos, dando uma sensação de desconforto, e cada vivo tem direito a um pequeno quarto no último andar de um grande prédio, a habitação, em formato triangular, é toda pintada de vermelho, e não tem colchão ou cama. Seu passatempo é o sono, dormem de 15 a 19 horas por dia. Sonham que ainda estão no mundo dos vivos e lamentam-se por terem sido capturados.

Aos poucos, os vivos vão adquirindo vários hábitos dos mortos, quase não falam com os outros vivos, e são dominados

pela indiferença. Alguns deles gostam de caminhadas, suspeita-se que desejem encontrar saídas para escapar do lugar onde estão, mas até hoje não houve notícias de alguém que tenha conseguido retornar. Há outros vivos que possuem o hábito de seguir mortos moribundos, vê-los sentar na relva e depois contemplar o encolhimento de seus corpos, a mudança de cores, como sua pele fica transparente, como o corpo parece conduzir-se sozinho para dentro da terra, ninguém cavou buraco algum, mas a carcaça miúda já se aproxima de um grande formigueiro, e sem que reparemos, desaparece por completo.

Quando os vivos terminam de assistir essa cerimônia natural, doi-lhes a consciência, porque sabem que mais um deles será capturado para substituir o morto que desapareceu. O longo ciclo de esperanças e decepções macula o pomo-de-adão dos que já estão na cidade mortuária, e enxergarão nos olhos dos recém-chegados a profunda decepção. E não haverá qualquer palavra de consolo que merecerá ser dita.

Nesse lugar não há espelhos, mas de vez em quando alguns líquidos conseguem refletir imagens, então os vivos reparam que o branco de seus olhos não existe mais, transformou-se em um transtorno amarelo desenhado por vários feixes de pequenas veias. Essa é a última punhalada na esperança.”

E eu, Beatriz, estou cada vez mais desconfiada. O amarelo de meus olhos indica que estou viva, mas talvez já esteja vivendo no reino dos mortos. Desconfio que Guillem seja um deles, seu jeito dissimulado, sua maneira de parar no meio dos campos e ficar olhando por muito tempo para o alto das árvores, talvez naquele momento ele esteja enxergando seus compatriotas, e até se comunicando com eles através de algum código secreto. Mas não é somente sobre ele que pairam minhas suspeitas, desconfio de toda corte com exceção de uma ou duas pessoas, que têm os

olhos parecidos com os meus, também incluo minhas duas filhas no rol dos suspeitos. Elas tiveram estranhas mudanças de comportamento, destruíram milhares de ovos de galinha e jogaram as sobras no mato, outra coisa estranha, se embrenham na floresta e lá desaparecem. Só muito tempo depois descobrimos que cavavam buracos com as mãos para se esconder dentro. Conseguem tapá-los com folhas de árvores e depois de instaladas nesses buracos, que muito se assemelham a túmulos, permanecem lá por duas ou três noites. Em teoria não fazem absolutamente nada, mesmo porque, a posição como estão enterradas não permitiria qualquer movimento.

E se eu sou uma mulher viva que habita o reino dos mortos, o que devo fazer? Finjo que não sei de nada e continuo levando minha vidinha? Ou levanto a voz e congrego as forças populares, para que em conjunto possamos mudar nossa situação e voltarmos para o mundo dos vivos? Não tenho vontade de nada, meus pensamentos estão tão estranhos, parece que o sonho noturno se misturou com as ideias que temos quando estamos acordados.

Muitas são minhas dúvidas, mas certeza eu tenho uma, de agora em diante vou me aproximar o menos que puder de qualquer pessoa, viverei isolada, talvez apenas com uma aia que me alimente. Vou levar minha flauta, porque nunca vi nenhum desses mortos-vivos tocando qualquer instrumento musical. Desisto da vida para ser esquecida pela morte. Mas. Há outra possibilidade. A morta ser eu. E todo o resto estar vivo.

Preciso de uma voz solidária, que com tranquilidade confirme minhas crenças e finja serem rígidas o que para mim são dúvidas. “calma Beatriz, sou do tamanho de teus erros, quando caíste chorei, mas também te invejo, por teus olhos, riqueza, poder, por tuas filhas, na dificuldade poderá contar com minha mão, que perceberá a fragilidade da tua, o que nutrirá em mim

uma alegria secreta, mas tua presença alegra-me com sinceridade, o fato de tua tristeza me causar certo prazer não constitui uma contradição, e se o fizer, azar, é assim que sou.

A hipocrisia é uma das colunas que sustenta o prédio do gênero humano. Toda vergonha é apenas desconhecimento de nossas naturezas íntimas. A arte da política talvez seja o conhecimento que mais se aproxima das verdades escondidas dentro do coração de um homem. Nós poderemos passear pela floresta e arrancarmos flores, e cada uma colocará sua flor no cabelo da outra. Deitadas na relva muitas luzes separarão nossos rostos, e quando qualquer uma de nós perceber a beleza da combinação das cores que se formam, irá sorrir, e esse riso nos amarrará pelo resto de nossas vidas. E, amiga Beatriz, nossas tristezas, de uma em relação a outra, são pequenas diante das alegrias que vivemos, apesar disso as mágoas são substâncias conhecidas por sua rápida reprodução e também por terem raízes difíceis de serem arrancadas.

Te vejo, Beatriz, uma moça imatura, suscetível a engolir dores, e depois ruminar por muitos meses pequenos ferimentos emocionais, e como não consegue resolver a situação, assume o papel de vítima, que na vida é a pior escolha que um homem ou mulher podem fazer. Sempre haverão culpados para teus males, parece haver uma conspiração secreta com o único objetivo de prejudicá-la. Havendo os culpados, existirão também os salvadores, que com a determinação de santos, e um amor imenso, a eles dedicaremos nossos corpos, coração e alma. Eles passarão a ser nossos donos por completo, louvaremos essas almas em canções repetitivas, e eles, em troca, nos prometerão a felicidade.”

E não há nada mais gostoso do que uma brincadeira. Mesmo que minha infância não possa servir de exemplo, esses instantes sobreviveram, quando olho para alguns objetos antigos,

um rastro de memória que tem cheiro e gosto. Eu continuo vivendo e brincando com meus brinquedos, enquanto o rei, vivendo em seu tempo presente, é mais prático, verifica se os arcos estão bem esticados e se a ponta das flechas está afiada, depois inspeciona os grandes tonéis cheios de óleo quente que devem ser posicionados no alto do castelo. Que a morte seja eficiente quando escorrer sobre os invasores. O rei é um animal de outra espécie, mas segundo os preceitos monárquicos, nós devemos conviver com o objetivo de formar uma família, mas é tão difícil adequar pessoas tão diferentes sob uma mesma bandeira, e o efeito dessa imposição é uma catástrofe maquiada.

Por isso o problema é outro, precisamos renovar, isso fará com que nossos pequenos problemas cotidianos diminuam. A educação é a arma mais eficiente contra a violência, contra a pobreza, um príncipe não suporta um vassalo educado, ele tornar-se uma serpente. Portanto para as camadas menos privilegiadas da população precisamos ensinar a pensar. Nada mais. Uma cabeça que organiza prioridades é criativa, aberta, serve como sustentáculo para o futuro, os homens que agem dessa maneira, só por um acaso compartilham conosco os meses e os anos. Ao contrário deles existem os guerreiros, que lutam não contra um inimigo, defendem com todas suas forças a institucionalização do passado, a repetição de práticas tradicionais, a violência, a pompa, a religião, os castelos. Eu sou uma espremida entre esses dois grupos, escondida dentro de meu quarto, falta-me coragem para optar. Tenho medo das pessoas e a única maneira de me comunicar é a música, mas também ela, aos poucos, vai se tornando insuportável. Já tive vontade de furar meus dois ouvidos.



## *Ano 1161*

Já pensei em matar Guillem. Fazer com que parecesse acidente. Ou envenená-lo lentamente, a saúde desgastada teria o rosto de morte natural. Reinaria sozinha sobre o condado de Dia, até que escolhesse outro nobre para se casar comigo. Poderia ser mais jovem e belo que Guillem, poderia ser meu amigo e não me cobrar o filho homem que não consegui parir.

Ultimamente ele parece mais tolerante. Não vou matar Guillem, gostaria de conversar com ele, dizer tudo o que sinto, e ouvir o que tem a dizer. Talvez sofra mais do que eu. Ele me contaria de suas dores e eu das minhas. Essa partilha seria importante, sentiria o ombro amigo pronto para me acolher. Não precisaríamos concordar com tudo, mas não consigo escalar o imenso muro que nos separa, você é tão tremendamente mergulhado em teu universo particular, que desconfio que nunca irei conhecê-lo. Então é mais fácil dialogar com você imaginando-te como parte de minha consciência “Beatriz, estou do teu lado, você me deu duas filhas lindas, o que mais eu poderia querer?” Acordada também escuto as vozes vindas de meus sonhos, na fusão melíflua derreto a cera para que permaneça a chama, todas as cores ganham a força que nunca tiveram, o vermelho desprende-se da rosa e espalha-se pelos cantos das colinas, onde encontra o alaranjado, e ambos aceitam-se e cedem.

A cor da relva é mais radical, se alguém se deita sobre ela, a pessoa desaparece entre o verde escuro, e não é só isso, quando sai debaixo da relva, a cor verde passa a ser sua religião, a todos tentará convencer que tudo que tiver a mesma tonalidade está errado. Mas apesar dessas idiosincrasias, há cores que só têm o objetivo de embelezar o mundo, e elas estão espalhadas pela natureza, cabe a nós descobri-las para usufruir primeiro de sua

beleza, depois de sua poesia, e depois da união das duas. Nós que somos adultos, equilibrados, não podemos deixar com que determinadas pessoas, consigam fortalecer desejos espúrios utilizando as novas cores que agora estão à nossa disposição.

Há outro problema nesse nosso pequeno condado azulado, faltam-nos amarelos, lembro-me do dia em que as coisas começaram a mudar, tudo foi muito sutil, de repente, num fim de tarde, uma massa compacta de luz azul invadia minha casa para ficar, tudo o que passasse na frente dela tornava-se azul como ela, no resto ela não incomodava. O rei disse que resolveria esses problemas, penduraria alguns grandes espelhos nas torres do castelo e recolocaria as cores em seus devidos lugares. Sua tentativa resultou em nada, os espelhos eram pequenos para a área que deveriam refletir. Alguns sábios tentaram com espelhos menores, posicionados mais próximos dos objetos. Funcionou. Mas só naquele instante. Desviados os espelhos, o problema continuava.

Então Beatriz acordou e resolveu pensar, depois de informada sobre a situação, uma opção seria dizer “deixem as coisas como são, querem reclamar de um mundo mais colorido?” Havia outra possibilidade, tentar corrigir o defeito. A primeira parte da solução seria descobrir por que as cores resolveram abandonar suas moradas para aventurar-se por outros objetos e pessoas. Pergunta muito difícil de ser respondida. Se fracassasse teria tentado. Beatriz mudou-se para o meio de uma pequena floresta não muito longe do castelo. Guillem ficou furioso, mas percebeu que se tentasse impedi-la seria ainda pior. Designou alguns guardas, que sem que ela percebesse a acompanhariam a distância.

Ela levou grandes sacolas com roupas, alguma comida e uma rede de dormir. Beatriz achava que o segredo para as cores terem se espalhado vinha da floresta, ela mesma encontrara no

lago o verde que se espalhara por seu rosto. Levou a flauta, talvez a música tivesse alguma relação com cores rebeldes. No primeiro dia só contemplou. As grandes árvores pareciam ter suas cores originais, o céu, os pássaros, ali nenhuma tonalidade havia mudado, mas isso não significava que não havia relação entre a floresta e as cores desobedientes que atacaram o castelo.

Beatriz sentiu seus pés molhados pelo orvalho da manhã e isso encheu seu coração de uma alegria que não experimentava desde criança. Suspeitou dessa brisa de felicidade. Estava ali para resolver um problema. O mundo amanhecidourgia sua aurora perdida. Os cantos sombrios da floresta enchiam-se dos sons estridentes emergidos da lagoa serena de Beatriz. Os vigilantes secretos contornavam o crepúsculo, tentando vigiá-la, mas não havia como encontrá-la, ela fundia-se com o rosa-arroxeadado da flor de malva, e dela descendiam todas tonalidades amanhecidas, chegando ao branco-querobim, sendo que para isso atravessaram a pérola do sonho, vindos da distante cor que se esconde antes da descoberta.

A condessa havia sumido. Na tentativa de fazer com que os dias voltassem a nascer junto com suas luzes, Beatriz transformara-se em raízes, folhas e troncos. Dispersa de seus objetivos humanos, jazia como bosque. Guillem aceitou a palavra dos vigilantes, que reviraram os escondidos da mata, sem descobrir traço de sua esposa. Depois de um exame de consciência, desconfiou que talvez suas vistas fossem culpadas, e que, talvez, as cores nunca tivessem saído do lugar.

Enquanto isso estou trancada em meu quarto. Silêncio completo. Alimentação discreta passada por baixo da porta por uma aia de confiança. Mas esses são apenas períodos de contemplação interna. Em mais alguns dias pretendo surpreender a todos com minha presença. Outro dia sonhei que conseguia produzir nuvens, elas

saíam das pontas de meus dedos e logo subiam como grandes mãos que pareciam acenar com gratidão. Senti a plenitude tão absoluta que quase me animei a sair do quarto para encarar os olhares curiosos de meus empregados, e suportar os olhos cheios de receios e desconfianças de Guillem. Mas teria de responder a uma infinidade de perguntas, repetidas muitas vezes, por isso ainda prefiro as surpresas noturnas de meus sonhos, sempre algo vindo de onde não se imagina.

A música que escuto durante os sonhos é mais rica e vibrante do que qualquer uma já composta em lugares perdidos, chega a ser um antídoto contra a vida do castelo, sempre tão repetitiva. Aos pequenos fragmentos de memória me apego, para que quando quiser compor, consiga deles extrair a grandeza que ouvi enquanto sonhava. Minha vida passou a ser espera, salas de bordado, quarto de dormir, recepções, reuniões para conhecer a louça nova de outra condessa, não consigo imaginar vazio mais fundo, e isso prosseguirá indefinidamente, sem perspectivas de mudança. Portanto decidi fazer algo, ainda não sei o quê, talvez não seja nada, ou então apanhe minhas três flautas, perca-me entre reinos, conheça as terras do oriente, suas estranhas manias e fique por lá, aprenda a técnica dos calígrafos chineses, ou o jeito como eles assam escorpões e os devoram como uvas.

Voam meus desejos como palha ao vento, e fazem brotar sobre as hastes de minha vida as pétalas que foram arrancadas pelos dias. E enquanto as luzes caminham pelos lírios brancos, imprimindo a cor turva do riacho em dia nublado, eu, muito silenciosa, aceito o peso de uma noite cheia de acusações “Assassina”, o fato de haver cogitado a morte de meu marido não me deixa em paz “A porca ensebada não considerou o carinho azulado com que Guillem costumava me olhar, mergulhou em seu egoísmo, esquecendo-se do sofrimento que iria produzir nas

próprias filhas. O marido não teve chance de defesa, uma machadada enquanto dormia”.

Mas essa não é a realidade. É uma semente plantada que quando frutificar revelará profundezas humanas, que podem possuir o princípio de conhecer todas as cores, e o poder de usá-las como bem me convier. Se quiser estrela roxa, assim vai ser. “Meu marido continua vivo e eu arrependida por não tê-lo matado” “Eu era pequena e uma vez matei um sapo”. Quando sopra a flauta parece que recoloco os pensamentos no lugar, mas eles parecem estar organizados em grandes e velhas prateleiras, e estão carregados além do limite máximo, a qualquer minuto podem desabar e confundir tudo. Se isso acontecer não haverá mais maneira de organizar esse quarto e eu poderei considerar-me uma mulher louca. “Como eu corria pelas pradarias ao redor do castelo, e depois íamos eu e minha irmã tomarmos banho de riacho, e não havia sensação melhor do que aquela, da água escorrendo pela pele enquanto nos enxugávamos.

Aqueles foram os únicos momentos realmente felizes de minha vida, no nascimento de minhas filhas fui inundada por uma onda de amor, que logo em seguida escureceu e senti que aquela substância negra e viscosa que me cobria era medo. “Talvez o medo me tenha feito matar Guillem, o pavor de continuar sendo peça de decoração de um castelo, então resolvi arrancar logo a cabeça que havia me colocado nessa situação, depois a joguei no pátio do castelo para que todos soubessem quem será a nova soberana”. Permaneço no meu quarto, Guillem está preocupado comigo, tentou me visitar, mas gritei tanto que ele acabou desistindo. Todos meus sentidos parecem formas de opressão, portanto não permitirei mais que comandem minha consciência. E mesmo, a consciência, não deixa de ser um sentido, mas esse é o último do qual vou me libertar. “Matei o desejo de matar

Guillem, mas são nesses momentos que posso me tornar mais perigosa – querem ver como sou pacata e que belo exemplo para as crianças do castelo, chamem todo menino e menina com menos de dez anos ao meu quarto. Digam-lhes que tenho um jogo de montar.

Quando chegam, as crianças encontram o braço do rei próximo da porta e seu sexo pendurado em um candelabro aceso cuja fumaça espalha o cheiro adocicado de carne queimada, sobre a cama está seu tronco com as vísceras expostas. Apoiado no chão, no exato lugar onde os calcanhares devem se apoiar, há justamente um calcanhar, só um, e parece pronto para começar o dia, se não fosse pelo fato que nada o une a nenhuma outra parte do corpo. As crianças olham para tudo aquilo com menos espanto e nojo que encontraríamos em um adulto. Sabem que ali deve haver algo errado, mas isso não impede que um dos meninos apanhe o braço do rei e tente encaixá-lo no resto de corpo que ficou sobre a cama. Uma menina traz o que sobrou do pênis e o coloca junto ao tronco. Os outros se animam e ajudam na montagem, descobrem uma perna pendurada no lustre e a mão sobre o travesseiro.

O sangue espalhado torna difícil de dizer onde cada pedaço deve caber. Então uma das crianças despeja água sobre o que foi juntado. A lavagem mostrou que alguns pedaços estavam em lugares errados e, principalmente, que faltava a cabeça. Os meninos e meninas se reuniram para pedir ajuda para a condessa, conseguiram quase terminar o jogo, mas já tinham revirado o quarto, e sem a cabeça a brincadeira parecia incompleta.

Fui ver o serviço das crianças, estava ótimo, organizaram os membros, juntaram os ossos partidos, lavaram tudo, o corpo estava vestido e repousava com as duas mãos sobre o ventre, mas os meninos tinham razão, a falta da cabeça inviabilizaria

um resultado mais plástico. Precisávamos achá-la. Se isso fosse impossível, qualquer cabeça serviria. As crianças saíram loucas com seus pequenos floretes na mão, tentando colher a cabeça de algum desavisado que dormisse em lugar inadequado. Depois de alguma espera finalmente chega um menino segurando longos cabelos que pertenciam a uma cabeça que girava no ar.

A criança era só orgulho, e fez questão de correr para o quarto onde estavam os despojos, sem permitir que ninguém se aproximasse dele, o menino posicionou a cabeça exatamente em cima do resto de pescoço que havia sido encontrado. A cabeça, que pertencia a um jovem de tez morena, tinha olhos semiabertos. O rosto depois que foi colocado ao lado dos despojos, que não eram dele, adquiriu uma paz mortuária difícil de ser observada por qualquer morto que permaneça inteiro.

O serviço estava completo. As crianças haviam vencido o desafio. Mas permanecera a dúvida. De quem era aquela cabeça? Ninguém quis responder ou entregar culpados. O fato é que aquele grupo de pequenos, precisava de uma cabeça humana para completar o desafio proposto pela condessa, então se uniram nesse desejo, e conseguiram, pouco importa quem a cedeu ou os métodos utilizados para extraí-la. Depois de pronto o corpo, um cheiro insuportável invadiu o quarto. As crianças colheram muitas dúzias de rosas e espalharam pelo ambiente, o fedor diminuiu um pouco, mas continuava circulando entre os despojos e preparando nova tentativa de dominar o ambiente.

Então eu, condessa Beatriz de Dia decidi, que no quarto onde foi montado o corpo haverá uma santa missa, pela alma do falecido, ou falecidos. O padre que aceitou realizar tal missa disse que uma coisa dessas ia contra todas suas crenças, e que só a rezaria porque obedecia a ordens de seus superiores. Mesmo assim impôs duas exigências, gostaria de saber quem eram os

donos dos membros e cabeça, muito provavelmente duas ou três pessoas, e desejava saber também por que fizeram aquilo com aquela pessoa. A resposta que obtive foi muito simples. Quando a condessa inventou o tal jogo pediu para que alguns soldados providenciassem as peças, o que fizeram cortando ao meio um bobo da corte que já começava a perder a graça. Quanto à cabeça, foram as crianças, que autorizadas pela condessa, coletaram alguns floretes em casa e quando encontraram um jovem desocupado dormindo no jardim do castelo, furaram-lhe vinte vezes o pescoço e o coração. A extração da cabeça foi o que deu mais trabalho, as vinte crianças com seus floretes, cavoucaram o pescoço do morto, que foi perdendo grossura até ficar sustentado apenas por um osso. Então os meninos usaram pedras pesadas até conseguirem separar a cabeça do corpo.

Essas crianças foram apenas meu desejo represado. Desaparecem como a noite e em uma manhã insone, vêm brincar ao redor de minha cama. Têm consciências avermelhadas e dentes pontudos, gritam os nomes de meu pai e de Guillem, e incontroláveis, mordem minhas mãos e mancham meus lençóis brancos. Murmuram uma língua que desconheço cuja soma de palavras parecem compor significados “Cul-pa-da”. Recorro à espada, mas não consigo alcançá-los. Acordo molhada por um suor que começa nos olhos. O quarto vazio ainda guarda marcas das crianças pestilentas. Mas eu já tenho dúvidas. Odeio-me por isso. Mordo uma cutícula até ficar vermelha. A flauta... sinto vontade de quebrá-la, mas faltam-me vontades, os amores foram esvaziados, no leito seco do rio jazem as lembranças da rês perdida.

Mas conheço como a peste e as manhãs se parecem, contagiando com morte e esperanças o coração dos homens. As lágrimas terminadas são idênticas ao brilho de um olhar entusiasmado, e é por isso que estamos condenados a sempre nos

reerguermos, até se dissolverem os ossos que nos botam de pé. Empresto convicções alheias, preciso de outras identidades para continuar sendo eu. Não posso abandonar a música, há tantos caminhos ainda não explorados, mas... se não for eu que os vá explorar, que diferença isso fará? E já que estou falando dos outros, creio que eles, assim como eu, também precisam de uma parte minha para que possam continuar sendo eles.

Observo um tapete pendurado bem na minha frente. Nos desenhos há vários barcos à vela e alguns a remo, as embarcações parecem querer aportar diante de uma praça luxuosa onde existe um palácio e uma enorme igreja. Grandes colunas com figuras douradas no topo espalham-se pela praça. Mas isso aqui é só tapeçaria, e por isso mesmo reparo que um dos tripulantes do barco à vela, olha fixamente para o centro da praça, lugar onde seguramente desejará desembarcar. Ele está bem vestido, calças e camisa de primeira linha, chapéu... o problema, é que isso é só uma tapeçaria, e algumas cordas que compõem a figura do homem, estão se soltando, essa figura está deixando de existir, ação radicalmente contrária ao ato de morrer. O que fazer agora? Pois aquele homem era parte importante na composição do tapete.

Os outros barcos sozinhos não vão conseguir encostar suas quilhas na praça. Descubro que a vida real pode despertar a partir da imaginação. Sem o homem despedaçado pelos fios de lã envelhecidos, o tapete morrerá. Não haverá sonho nem aventura, só um desenho sem importância. Enquanto a camisa dele estava dividida em apenas duas partes, ainda se escutava, mesmo que de longe, a água do mar. Depois que os fios do tapete foram se esgarçando e a parede atrás dele passou a ser vista, o único cheiro sentido é o do bolor de um quarto úmido.

A tapeçaria poderia ter ido adiante, mudar o mundo, os invasores criariam um novo império. Eu mesma, se não fosse tão

preguiçosa, conseguiria com que muitos de meus desejos fossem realizados. Mas a cena descrita na tapeçaria pode voltar a acontecer, caso a camisa do marinheiro seja reparada.

Se quiser posso interferir na tapeçaria. Costuro a camisa rasgada do homem, apago as armas que eles têm em punho, destruo os canhões das embarcações, desenho roupas de bobos da corte em todos, a invasão seria cômica, e a praça, sempre tão cheia de fleuma religiosa, estaria transformada num grande reduto de brincadeiras. Então encontraria um fio solto na borda do mar, e do tapete, e começaria a desfazer o desenho. Aos poucos as formas perderiam nitidez, as nuvens seriam misturadas às embarcações. A fibra que sustenta a vida dissolveria as convicções daquele que rema cheio de certezas. Nos longos fios esticados sobre o chão repousariam os farrapos sem cor daquilo que foi a camisa do marinheiro, que agora se iguala a sua figura, e a imagem que faço dela. No derretimento das formas descubro como elas se transmutam, e que no fundo são indestrutíveis.

As brincadeiras, nas quais naturalmente se transformam quaisquer imposições, também deixam de ter graça e acabam virando fio embolado em um novelo confuso. Ocorreu-me uma imagem mental interessante: cada pessoa quando nasce ganha um tapete ilustrado, são vários temas, porque são muitos os tipos humanos. Há paisagens, cenas de batalha, momentos bucólicos retratando a vida no campo, há também coroações de reis e funerais de membros da nobreza. Quando a criança ganha o tapete ele está em perfeito estado, as fibras sedosas e o desenho claro. Mais aos poucos os anos carregam um pouco da firmeza dos nós. De repente o homem maduro percebe que já não tem mais a mesma força ou velocidade, mas em compensação adquiriu algumas sabedorias, o tapete perdeu fibras e um pouco da cor, mas ganhou uma aparência mais acinzentada, que imprime veracidade ao desenho.

No final a história já é conhecida, chumaços de lã caídos no chão, entre eles ainda há restos de linhas, o topo de um castelo, o mastro de um navio. Mas isso nada significa. O corpo perde a visão, audição, as pernas cansadas procuram atalhos cada vez menores. A memória recorda o tempo das grandes glórias, mas colocadas sob a perspectiva do tempo, elas mostram-se insignificâncias.

A solidez das amizades, as juras de amor eterno, o peso negro do ódio mortal, tudo isso obedece à mesma história, a do tapete que é dado a cada criança que nasce. Desaparecem os amores, porque o mundo precisa continuar circulando, e assim como acontece com o ódio, o amor é uma energia estagnada, é preciso que morra para que outros possam amar. A ilusão é um ingrediente natural da evolução, principalmente porque seus efeitos geram as decepções, que são uma das grandes forças energéticas da humanidade.

Minhas areias são cada vez menos perturbadas por ondas, e dentro dessa paz, percebo que ela também pode ser nociva. Desato a corda que me amarra às dores, mas descubro que ela também evitava minha queda, e o buraco não tem fundo ou paredes, só indiferença. Desentendo quem sou, meu rosto é uma vaga recordação borrada, tudo o que já aconteceu perde realidade e ganha velocidade. Sou um episódio fugidio, incerto, um novelo de lã embaraçado e sem cor. Mas essa condição não me causa nenhuma dor ou traz o menor desejo de tentar revertê-la. Guillem, Raimbaut, são nomes iguais, se os substitui-se por \_\_\_\_\_ ou \*\*\*\*\* , o resultado seria o mesmo, o buraco sem dores. Fecho os olhos, poderia mantê-los abertos, mas como estão fechados vejo luzes coloridas e formas que se mexem formando outras. Percebo que nem as cores têm mais efeito sobre mim, enxergo-as perfeitamente, mas elas não me transmitem

mais nada, a distinção que faço é meramente ótica, não transmite nenhuma emoção. Nesses casos imaginava que tivéssemos desejos de morrer, mas não desejamos nada, nem isso. O início desse processo talvez tenha se originado na percepção de que a grande maioria das coisas não vale a pena. E é justamente com esse material inviável que nós construímos nossas vidas.

Alguns conseguem segurar-se nos tijolos para evitar cair nos buracos, mas de que vale uma vida onde só o que importa são detalhes sem importância? Essa vida vai aos poucos se tornando a soma da força dos detalhes, e esse peso aumenta até que por debaixo de tudo, percebe-se que o homem que sustentava todas aquelas energias contraditórias, não existe mais. Por isso, o mergulho no poço sem fundo me parece uma atitude corajosa. Aos desavisados que com esse pulo esperavam morrer, a decepção do transcurso dos anos e a morte que nem por perto passou. Essas pessoas são as mais chatas, esnobando os vivos, e dizendo aos que não querem morrer, que estão no pior lugar do mundo. Os arrogantes, ao contrário, pulam de olhos fechados, o tédio da queda faz com que retirem as vendas, e aceitem o desespero. Se em suas quedas conseguirem decifrar o sentido de tudo aquilo, muito bem. Mas não conseguem.

A queda parece tão inevitável quanto o sol ou a morte. É o canal por onde transcorre a humanidade. Quando duas pessoas mais ou menos do mesmo peso, permanecem lado a lado por algum tempo, logo surgem boatos, o buraco tem sim um fundo, e ele não está longe. Outros dizem que pousaremos suavemente no lugar que era nosso, casas, castelos, sonhos. São muitas as especulações, mas ninguém tem certeza de nada. Crianças chorando passam por nós com uma velocidade impressionante. Há outros que dizem que o buraco não tem fim e teremos de nos conformar. Nossas vidas serão grandes incômodos físicos, mas

poderemos usar o tempo livre para pensar e criar objetos tecnológicos, ou arte, ou um grande código de ética para o ser humana. Mas nenhuma dessas ideias sobrevive. O que resta é a queda, e dentro dela, outra.

As vozes não me esquecem “Beatriz, assim como você, nós também não paramos de cair” “Beatriz, onde ficaram tuas bonecas? O mundo florido de teus dias impúberes só te decepcionou, depois cada pétala que caía deixava a ponta do galho cheio de mágoas, Beatriz você não quer abandonar esse caminho da loucura, que há tempos trilhou, sei que deve ter suas razões, mas elas também, as razões, não se importam conosco, esqueça tuas manias e isso já será um primeiro passo, conviva com loucos e eles vão te mostrar o caminho da perdição. Quero que você se afaste dessa horda de mortos-vivos que mendigam em alguns castelos, roubam pequenos objetos e vivem em igrejas orando em voz alta e prometendo cura para qualquer doença. Não se esqueça de que eles percebem tuas fraquezas e são muito convincentes.” “Mamãe vai pôr Beatriz para dormir? Mas antes eu vou dar um banho nesse anjinho”.

Pelo calor do meu rosto, sinto que algo deseja sair de dentro dele, talvez seja eu mesma, consigo abandonar a carcaça, que continua caindo, e eu, a verdadeira, ganho mobilidades extras, flutuo, e posso sair do buraco, se quiser posso descer e ver como é o final, e se as pessoas realmente se arrepentam no fundo do poço, ou se há algum sistema de amortecimento. Livre de meu corpo observo-o caindo, pálido, sem movimentos, convivi tantos anos com ele que acho que deveria ter por ele algum apego. Mas nada. Não me diz nada, é como um pedaço de carne sendo assada no espeto.

Não quero mais saber de velhos corpos e buracos, o que me interessa é o que há do lado de fora, o azul perdendo força

e recheando-se de estrelas. O murmúrio de um riacho noturno, o mistério dos peixes, que dormem e quando acordam abanam a cauda para fugir dos predadores. Quero conhecer as mulheres choronas, que trancadas em seus quartos secam seus olhos enquanto vivem as recordações do príncipe que partiu e só deixou promessas. Quero ver as crianças brincando com seus olhos cor de manhã. Não posso me esquecer dos homens dentro de suas armaduras, montados em seus cavalos e carregando pesadas lanças. Gostaria de enxergar seus olhos no exato momento em que eles partem para a batalha, a expressão facial de quem devora seu prato preferido, o aspecto vermelho de um homem que enxerga pela primeira vez a mulher de sua vida, e com que cor ela reage a isso.

Mas de tudo, quando saísse desse buraco, o que eu mais queria enxergar, seria um homem parado no meio do deserto. Sozinho e de olhos fechados. Um pano deverá encobrir sua boca para que ele não engula areia. E então ele abrirá seus olhos, enxergará ao redor apenas planícies e dunas distantes. O homem olhará para um ponto fixo. Permanecerá por muito tempo nessa posição. Seus olhos lacrimejarão, sua pele, acostumada ao calor, não parará de suar. Ele olhará. Procurará entender tudo aquilo. Desistirá. Voltará a tentar entender, aquilo tudo deveria fazer algum sentido.

A noite cai e traz consigo incontáveis estrelas. A temperatura baixa rapidamente e o homem enrola-se em uma manta. Continua com os olhos fixos no horizonte. Vive o instante. O futuro ficou para trás. As gerações empilhadas desapareceram para que ele tivesse seu dia de fruto, que brilha maduro, pendurado no galho, e está sujeito a cair, e caindo perde suas propriedades “e morrendo-medo odeio ao tempo, nascido de minha destruição, o horizonte vermelho não oferece resolução, mas a ansiedade que mutila meu peito é máquina de construir perguntas, a única

maneira de desligá-las é morrendo, então preciso suportar, resignado, ou enforcar-me, tendo a certeza que a consciência não sobrevive. Mas não a tenho. Por isso permito as escavações noturnas em meu peito, e continuo olhando para espaços vagos e acreditando que poderei ser surpreendido com alguma resposta definitiva. Mas só o que vejo é areia. Ela mesma poderia ser um símbolo do que é vulnerável, escorregadio, talvez meu caminho fosse arranjar uma maneira de me transformar em areia fina, que o vento leva, dessa forma estaria preenchendo todos os princípios filosóficos em que acredito. Deitado na beira da praia me alimentaria de algas e sol, não lutaria contra a corrente, se quisesse me levar seria todo dela.”

A vida precisa de um ritmo, e eu estava tão longe do meu, orbitava dentro de uma representação encenada no teatro humano, muitos personagens repetidos, histórias confusas cheias de dores e acusações. Tenho todos os sentimentos humanos em grande quantidade, acumulados em meu peito, sou homem que pode abri-los à faca e sair distribuindo para quem quiser, até secar, mas fiz o que devia fazer, levei ao mundo amor.

Minha carcaça estará limpa das imundícies que costumam conter os corpos. Dentro de minhas axilas escavadas vocês encontrarão cheiro de rosas, porque desde minha mais tenra infância sempre fui uma flor curiosa, e foi isso que atrapalhou minha vida, ninguém me aceitava porque eu não aceitava os valores deles e eles os meus. Vivo, e isso é tudo que tenho.

A nova manhã é uma surpresa, o dia se desenrola dentro de uma alegria de saber que participamos da vida, sentimos seu cheiro e degustamos seus bocadinhos, e ela foi muito simpática conosco. As manhãs são a saudação que a vida nos faz, mas alguns ainda estão muito embaraçados com os sonhos, primos da morte, para perceber como a luz criança invade com toda sua

pureza o quarto de dormir. Depois é hora de pensar “Será que deixo o dia fazer o que quiser comigo?” Esse é um tipo de pessoa bem comum. “O que farei com o que tenho? O dia terá de se adequar ao meu tempo” eis aí outro tipo de pessoa bem comum.

Mas a dúvida permanece. Por que ninguém tem nenhuma resposta? Ser vivo é ser incompetente, fracassado, e conviver com essa condição imutável. Aos que cantam suas glórias com as artes ou ciências, ou que são grandes guerreiros, ou príncipes admirados por seus súditos, pela honradez e justiça, aos que mesmo sem fortuna ou fama cantam suas vitórias por minúsculos e mesquinhos acontecimentos cotidianos, a todos vocês, desejo sinceras melhoras.

Nenhum de teus valores possui a riqueza do voo do beija-flor. Vocês precisam entender que somos animais, e que a capa civilizatória não poderá nunca ser mais importante que o humano. Mas é isso que entristece. A doce selvageria perdeu espaço dentro das cortes, e a sociedade utiliza-se justamente da força do doce selvagem para transformá-lo em massa de manobra bélica.

A ponte levadiça ergue-se sobre o riacho e o cavalo separa-se da carruagem, pendendo desconexo, enquanto os homens, dentro de seu antigo conforto, enchem as bocas de pavor, semeando silêncio e sepultando palavras. Aos muros do castelo dedico versos tão efêmeros quanto flores, e as rimas possuem a fragilidade das pedras, e tudo flori, derruba pétalas e morre, e dessas sobras é que músicos juntaram reminiscências para construir suas canções passageiras. Esse avanço florido atravessa os muros externos e chega às paredes do castelo. A vegetação cobre a fachada, são trepadeiras que se espalham por toda a circunferência da construção, mas no meio do verde escuro nasce uma pequena flor azul.

Puxada por essa realidade, uma jovem escreve uns versinhos sobre a flor, e seu namorado faz a música para a canção.

Flores de outras cores seguem a azul, o verde, o amarelo, o branco, o vermelho, dando nova vida ao castelo cinzento, e para cada nova cor, uma nova canção foi criada e uma infinidade de versos declamados. Ninguém resistiu, o rei, os arqueiros, o mais rude dos servos, todos esqueceram de suas obrigações brutais para cantar poesia ou simplesmente admirar flores, as janelas passaram a ser cobertas por longas riveiras de rosas vermelhas. O tempo voou, e os pássaros passaram a frequentar os jardins do castelo e até seus salões internos. Eram novas cores que chegavam e batiam asas. A humanidade estava sendo vencida em seus desejos brutais, cores e movimento estavam por toda parte.

Alguns habitantes do castelo decidiram mudar-se e construir casas menores próximas a fontes de água, onde teriam tonalidades e poderiam plantar outras. Essa decisão acabou virando moda e o castelo foi perdendo grande parte de sua população, casinhas redondas, subterrâneas, triangulares, onde toda a comida necessária para os habitantes vinha da horta que pendia do teto. As novas maneiras de morar influenciaram novas maneiras de pensar, havia trabalho voluntário para construir as próximas casas, que pela arquitetura que utilizam, estão muito a frente de nosso tempo.

O dinheiro desapareceu, numa cerimônia quase religiosa, vários condados próximos decidiram enterrar todo o seu dinheiro em uma grande cova cavada por um condado chamado Frontignan. Muita gente trouxe suas posses, os governos mandaram várias carruagens carregadas, foi tudo despejado lá e jogaram terra por cima, depois houve uma cerimônia, metade religiosa metade econômica, a nova ordem adotaria o sistema de escambo, e o dinheiro que foi enterrado precisaria ser urgentemente incinerado. E é isso que fizeram, durante um domingo, os castelos foram cobertos por uma onda cinza de dinheiro que

estava sendo queimado, às vezes encontrava-se alguma sobra de nota vermelha e as crianças corriam atrás dela para guardar. O comércio infantil é muito mais interessante do que o adulto.

As décadas seguintes deixaram o mundo ainda mais colorido. Ninguém passava fome, e a vida havia perdido o peso social que antes levava milhares à infelicidade e centenas ao suicídio.

Alguns outros anos se passaram e aconteceram os primeiros desentendimentos, originados numa prosaica disputa por um ramalhete de margaridas. Um homem desejou a mulher do outro e foi morto pelo marido. Usaram-se algumas flores que brotavam por todo lado para decorar seu caixão. A cada mês havia novas casinhas inovadoras, criou-se um grupo para pensar essas habitações e suas viabilidades. Mas já estava plantada nesse reino das flores, a semente escura da cobiça. O espírito de cooperação estava enfraquecido, o cheiro das flores já era considerado enjoativo. Um rei, aproveitando-se do colapso social, mandou produzir dinheiro em larga escala e distribuir aos mais pobres, por todo condado encontrava-se homens com enxadas nas mãos tentando descobrir esconderijos secretos para o dinheiro recebido, a terra garantiria a fortuna de cada um.

Mas mal sabiam eles que da mesma forma que enterraram o dinheiro ganho pelo rei, também havia uma horda, que além de tê-lo ganho, também estava interessada em desenterrar o que era dos outros. “Beatriz e suas historinhas de fundo moral”. “Flores, flores, a nota dissonante da tragédia do tempo.” “A poesia avermelhou os olhos do homem descrente”.

As lágrimas do idealista misturaram-se à correnteza do rio, o dinheiro voou pelo horizonte levado por uma brisa pesada (os símbolos são a matéria-prima do mundo), depois, as águas confusas e salgadas erigiram palácios feitos de ouro e rubis. O mundo foi tão perverso no período das flores, quanto sob o domínio

da ganância monetária. Quem acreditou no contrário foi enganado por um texto malicioso. Fruto apodrecido de uma mulher pervertida. Que adora flores.

Incendeio meu caráter, e o que sobram são as bordas queimadas de um desejo destrutivo, e elas flutuam, voam, e têm o cheiro de minha mais amarga urina, e boia em seu reino amarelo a desvalida decepção, pétalas tão inúteis quanto seus lírios. A mestra dos sonhos afirma que nas frases anteriores há certo pessimismo infantil aliado a uma mania de perseguição, que é apenas uma das consequências de seu imenso ego inflado. A mulher que fala nas primeiras frases do parágrafo (e que desconheço quem seja), é alguém que nunca conseguiu aprender como funciona seu sexo, e como ele deve relacionar-se (ou não) com outros sexos, iguais, ou diferentes, ela deveria procurar um curandeiro e beber suas garrafas preparadas para todos os males. E se precisar sonhar, também aconselho, aquela vida é tão sólida quanto a nossa. Até se alimentar há alguns sonâmbulos que conseguem. Seu desejo é uma vida completamente adormecida e sonhada. Conviver com pessoas inventadas e outras que talvez consigam atravessar a barreira mental do sono para encontrar seus companheiros. “Aqui novamente Beatriz, a criadora de mundos”.

Numa grande arca que flutuaria sem leme por todos os oceanos, seriam colocados cem homens, deitados, sua única função dentro da embarcação seria dormir e sonhar. Quando algum deles acordava, os que se espreguiçavam davam-lhe um garrafão que com um simples golinho faria com que qualquer um dormisse dois dias e duas noites. E o barco parte e as correntes marítimas levam-no ao centro do oceano Atlântico, onde por uma semana ficou quase estável, sofrendo somente alguns empurrões de baleias, o que acabou causando uma pequena avaria no fundo do casco.

A água vertia em pequena quantidade, parecendo que nunca ofereceria problemas para uma embarcação daquele tamanho. Os sonhos iam de vento em popa, os marinheiros sonhavam com mares calmos e suaves onde as correntes marítimas fariam todo o trabalho. Depois de três meses de viagem muitos homens que dormiam na proa estavam desidratados e com a pele bastante queimada, mas continuavam sonhando que a viagem havia sido um sucesso, e que de agora em diante os dorminhocos dominariam a marinha mundial.

O rompimento no fundo do barco começou a aumentar e engoliu dois marinheiros bem no momento em que ambos sonhavam o mesmo sonho (coisa rara). Nele a embarcação intacta chegava a uma praia paradisíaca, sendo recepcionados por mulheres lindíssimas. E agora eles estavam mortos no fundo do mar e seus sonhos dispersos no apagamento que a água proporciona àqueles que ficam submersos por muito tempo.

A água começou a invadir o convés e muitos marinheiros acordaram. Confusos, não sabiam o que fazer, olhavam para o estado do barco, percebiam que nenhuma terra conseguia ser enxergada, e a primeira atitude que tomavam era deitar-se para tentar voltar a dormir. A água chegava à canela dos que estavam de pé, os dorminhocos tiveram de se refugiar no teto da embarcação. Os que abdicaram de seus sonhos faziam de tudo para tapar buracos, tentavam enfiar baldes nos rombos do casco, jogavam fora a água que pesava sobre o convés. A tempestade quase os arrastava, mas amarrados ao tombadilho estavam conseguindo melhorar a situação. Enquanto isso os dorminhocos viviam seus sonhos, que estavam muito distantes do que acontecia à sua volta.

## *Ano 1170*

O nascimento de meu primeiro neto. Alegria, depois felicidade. Agora compartilho uma emoção com Guillem. Enxerguei meu sorriso em seu rosto. Os ciclos se fecham em repetições. E isso é suficiente. As pernas angustiadas pela enxurrada, agora relaxam. Viva a vontade cumprida de um reino, que também é a minha. Gostaria de viver o suficiente para vê-lo rei. Por enquanto me contento em segurá-lo nos braços. Nada tem o tamanho de seus bocejos, nem há tesouro mais valioso que um pedaço de suas unhas. É bom saber que participo de uma tradição ancestral que espalhará suas raízes pelos séculos futuros. Nasci condessa e me orgulho disso.

Sou uma mulher feliz e mentirosa. Desde que abandonei a música as coisas melhoraram um pouco, mas continuo dividida. Ouço vozes incontrolláveis, que por vezes são gentis e em outras ocasiões cruéis. Mas o que menos incomoda é o conteúdo. O que desejo é nunca mais ouvi-las.

Já me disseram que são os pensamentos dos mortos, inspiração do diabo ou que fui contaminada pelos sonhos de outras pessoas. Já escutei tantas explicações que escolhi não mais pedi-las. Não faltaram sábios dizendo que as opiniões sopradas em meus ouvidos eram a voz que falta aos animais, e que por isso seria melhor eu manter uma determinada distância de qualquer ser irracional. Trocaria qualquer dessas versões por aquela que acredito ser a verdadeira. E que me aterroriza. Sou várias pessoas. E todas elas falam, ocupam espaço e querem decidir. Por isso, além de ser várias, não sou ninguém. Não há nada mais humilhante do que isso. Não sei se existem outros na minha condição, se houver gostaria de conhecê-los para descobrir de que maneira lidam com esse problema.

Fluxo selvagem: o caos que é ter três ou quatro personalidades, sem contar umas pequenas, proto-personalidades, que vivem escondidas pelos cantos. A gente vai tentando ter uma vida equilibrada, mas é difícil, pois as interferências são cada vez mais agressivas. O equilíbrio se esvai de uma hora para outra, e de repente, somos amarradas como loucas e levada para prisões, até nos acalmarmos.

Sinto uma grande inveja de olhos parcos, sem inteligência, mas que por trás escondem apenas uma pessoa. Gostaria dessa simplicidade, de suas pequenas resoluções, aceitaria com prazer suas tristezas, as alegrias devem compensá-las em muito. Mas parece que essa “doença”, vamos chamá-la assim, não é transmissível, nem tem cura. Sinto que quando estou nervosa, as vozes também ficam agitadas e conversam entre elas, ou ficam falando sozinhas.

No início a música me fazia muito bem, saía relaxada, com a sensação de missão cumprida. Mas, aos poucos, é difícil explicar, a música começou a se tornar mais complexa, e foi essa complexidade que atraiu as vozes, e elas eram agudas e diziam coisas horrorosas. Joguei minha flauta no riacho e desde então só tenho ouvido vozes calmas, que procuram dar conselhos ou dizer que minha roupa não está adequada para a situação. Se prosseguirem nesse nível, considero suportável.

Sinto-me como uma tampa de panela, dentro há um cozido feito com repolho e carne de porco. Os barulhos que escuto são as vozes do fogo criando bolhas e interagindo com os alimentos e a panela. E eu, como tampa, devo suportar o calor e a pressão de tudo que quer se manifestar. Sinto o animal correndo pelo pasto antes de ter sido sacrificado. Sou a decepção e a inconsciência, um vegetal crescendo na horta, o sabor que se desprende no caldo, sou água fervendo e a pessoa que comerá esse cozido, estou no tempo em que a panela sairá do fogo, sou a palha ardendo em

busca de calor. Represento a azia da digestão, a faca desfazendo as fibras, a fome sendo gerada, o encontro para a refeição, a paisagem distante percebida pelo olho de quem come. Sou também as ideias nascidas da imagem da comida, as memórias acontecidas após os cheiros, sou as cores e a densidade do cozido.

E depois de tudo isso, passo a ser escuridão. E fina como uma voz de criança, e desistente como a voz de um ancião, escuto umas palavrinhas das outras que sou, discretas, levemente elogiosas, um pouco curiosas. Acho que cada camada de mim desconfia das outras, e em reuniões intermináveis, fuxicam umas de suas alheias. Então é nesse monte de confusão que me transformei, uma confusão suja, trabalhosa e ingrata. Às vezes penso em derramar a panela no chão e pisotear a comida. Azar para todas as experiências, e daí? No chão, viver lá, sobre os restos de comidas, não precisa trabalhar, ganha-se tudo, comida de boa qualidade, grandes talos de nabo fresco, é uma vida bem aceitável, afinal de contas, quem foi que disse que a gente deve ter uma vida ótima? Imaginem como seria o mundo se todos garantissem que têm vidas maravilhosas, vidas excelentes não devem ser para qualquer pessoa. O mundo não possui recursos suficientes pra que todos tenham boas vidas. O que pode acontecer é fazer as pessoas acreditarem que as têm, e são felizes. Isso é muito mais fácil e eficaz. Quando um homem crê que é feliz, mesmo que isso seja mentira, sua crença espalha-se por seu círculo de amigos, e depois vira dogma.

“Beatrizinha, do fundo de teu cozido nós te percebemos. De dentro do marrom, de onde o sal se funde com as especiarias, degustamos o que somos, reconhecimento feito na ponta de tua língua. Somos a árvore cuja lenha aquece a panela, e também a semente que a gerou, e a terra vaga esperando fecundação. Somos o pássaro voando para exercer sua missão germinadora. A ideia e o lamento. O medo de não sermos nós mesmas e da maldita

sombra escondida. Dentro de você estamos muitas. Nossas dores e alegrias serão multiplicadas, e tudo o que foi, permanece. Em nossa escada serás o corrimão, e nós, tua queda, inofensiva, você nos matará, com amor e passado. Ressuscitaremos a cada sonho, para te assoprar, sugerir, para que fales, para que os outros escutem. Ouça nosso sussurro... teus... olhos... se... fecham..."

Escura. Quando ouço vozes desaparecem quaisquer cores, as tonalidades são transferidas para a expectativa do que vai ser dito, o resto some, inclusive minha voz. Estou fraca, confusa... se chovesse sobre mim aceitaria a poça d'água, e depois a terra que a sorve. Preciso encontrar a tábua que boia em alto mar.

Os amores e a música estão no fundo dos mares, e deus, não pode ser tábua, pois é oceano. Adoraria descobrir quais são meus maiores prazeres, torço muito para que eles já não tenham todos ido embora. Sei que pelo menos gosto de escrever esse diário. É um alívio. Mas logo que desenho a última letra a angústia recomeça. E eu me sinto tão passiva, pronta para ser devorada pela fera, seja ela medo, tristeza ou a perda total de qualquer tipo de esperança. Preciso me reerguer, encontrar a dignidade que ficou pelo caminho.

Escutei uma conversa de duas criadas dizendo que não suportam mais ficar perto de mim por causa de meu cheiro. E talvez elas tenham razão. Fico semanas sem tomar banho. Meus vestidos estão cheios de manchas da comida que derramei. Tenho perdido um pouco a firmeza das mãos. A limpeza me parece algo sujo.

Mas preciso reagir, eles voltarão a conhecer a condessa Beatriz de Dia, mulher que impressionava pela beleza e postura, e serei apenas uma, e dentro de minha unidade, formarei o elo da tríplice aliança, soberana, mulher e mãe. O que mais preciso é de equilíbrio, todo o resto virá em seguida. Nossa vida mental deveria ser mais

simples, rampas ao invés de escadas de pedra, nada de labirintos. Que as pessoas com quem falemos tenham os olhos nos nossos. Essa é uma pequena receita para a simplicidade.

Voam as folhas mortas, empilham-se embaixo de outra árvore, nesse movimento há paz e morte. A chuva fura folhas e a lama decora. O cheiro que se desprende é de vida, essa será minha salvação, a aproximação do selvagem, a música sem instrumentos nem notas musicais, só o som de meu corpo interferindo na natureza. Pulo no lago, o início de minha composição, um grito de frio, segue a música, encontro uma pedra e a atiro em uma árvore, outros instrumentos entram em ação, bato as mãos n'água (música reflexiva, afundo-me na lagoa e fico lá o máximo de tempo que aguentar), a música está interiorizada, e apesar de ninguém conseguir escutá-la, possui importância dentro da composição. E pronto. Terminei. Uma peça para ser tocada com o corpo e a natureza, a música só será grande quando nos transformarmos nela. Da mesma forma que nós não nos tornaremos grandes sem nos transmutarmos no exato que somos.

Depois do silêncio, ou dentro dele, recomeçam os sons, tento compreendê-los, mas eles são a chuva lateral batendo na casca da árvore centenária, as flores desprendendo perfume quando tocadas pelos dedos de água. As cores fulgurantes lutam para serem escutadas, enquanto as tonalidades sem brilho existem para imprimir profundidade ao que enxergo, e para criar paisagens que não conseguem ser enxergadas por mim. As sombras me fazem perceber o quão minúsculo é meu ponto de vista. Para cada novo ângulo, contorno, ou luz, há um renovado abrir e fechar de olhos alheios, que espalham sensações por pulmões, pele e ouvidos.

O respiro obscuro da fera na noite da floresta... são apenas os pés de uma criatura inatingível, que não cabe em meus pesadelos, e por isso não está sujeita aos dias, e decide derramar

sobre mim imensas lágrimas, que se transformam em enxurrada, mas que não tem o poder de me afogar. Vindo de dentro de mim escuto um murmúrio indecifrável, pelo ritmo percebo que é uma frase, mas não faço questão de entendê-la, de olhos fechados concentro-me nas formas caleidoscópicas com que o escuro nos presenteia. As cores têm tanto brilho e combinações tão ricas, que se eu quiser começar a enxergar a vida sob outro ponto de vista, elas podem ser um grande instrumento. Desse modo eu estaria agindo no sentido contrário, ao invés de ser invadida por consciências alheias, seria eu quem invadiria as percepções que não me pertencem.

Iria até lá, conheceria a vida de outra pessoa, o que há por trás de seus olhos, e depois voltaria para mim, cheia de experiências, então eu é quem me tornaria a senhora das interferências, dando opiniões, manipulando escolhas. Mas meu caminho é curto, meus desejos imensos, e quero descobrir como veem a vida todas as pessoas, os animais, as plantas, os rios, oceanos, as florestas, e até o próprio planeta. Se algum dia eu conseguisse enxergar tanto, me absteria de meu corpo físico, como alma fluante poderia estar em todos os lugares ao mesmo tempo, desse modo dispensaria em meu reino qualquer prática religiosa, pois segundo as próprias palavras da Bíblia, eu possuiria poderes divinos.

Como deusa, minha primeira atitude seria fazer com que eu mesma voltasse a tocar música, mas não a música normal... queria ir adiante, tocar a música celestial, que comanda o universo, que faz mortos ressuscitarem, e o fazendeiro ter oito colheitas ao invés de duas.

Estou numa encruzilhada, de um lado a decadência física cada vez mais pronunciada, mãos tremem, tenho dificuldades de enxergar e de ir ao banheiro sozinha. Do outro lado, surge essa

possibilidade de ser tudo. Ponto Final. Abranger todas as esferas humanas, comportamentais, englobar a natureza, o mundo inteiro, como organismo vivo. Essa decisão me arrepia, e é por isso que a proponho, acho que em algum eventual dia de grande desespero, quando eu perceba que nada mais tenho a perder, acabarei escolhendo o caminho mais arriscado, digo isso, mas a coragem é uma lebre estranha, pode ser muito dócil ou agressiva.

As vozes aumentaram o murmúrio, já quase consigo compreendê-las, palavras picadas ditas por gargantas agudas e nervosas. Gostaria que aquelas mulheres que murmuram essas frases morressem, se elas já estiverem mortas, gostaria que fossem fulminadas por alguma decisão soberana de deus. Mas agora não dá mais para evitar, começaram as palavras e consigo entendê-las, ainda não amarrei as frases, elas nunca tiveram tons tão agudos, e há um desespero no grito que me faz tremer “...Os olhos... não serão... abelhas e corujas...fechados...”

Não há escapatória. Estou condenada. Serei a concha que guarda dentro de si o barulho do mar. Onde quer que vá. Ao equilíbrio vazio dedico meu precipício. Ser eu... sempre a espera da próxima bifurcação, esperando que venha a ser a definitiva, e que a partir desse instante, aquela que era, deixe de ser eu. Descubro um peixe flutuando pelo céu... como são dóceis as estrelas boiando no lago, todas ao alcance de minhas mãos. Não percebo onde termina a noite, no chão descobro sementes de aurora, que perseguem o dia que não me abandona.

Aos tímpanos infieis amaldiço, por me abandonarem aos ruídos, escuto o que não enxergo, o mundo palpita, lateja, tem seu ritmo, e ele não é o meu, sou alheia a seus sons, sofro suas ameaças, retumbo confusões de lágrimas e gargalhadas... naaaaaaaaddddddddaaaaaa é tão porco, que não possa ser eu, nem tão esvaziados quanto meus olhos. Doem-me os dentes e o reflexo

dessa dor enxergo no corpo inteiro. Gostaria que tudo cessasse. O movimento não existindo apagaria todas as cores, depois os pensamentos seriam interrompidos, e com eles as dores e alegrias, é importante que também as alegrias desapareçam, assim a consciência irá se derretendo até se transformar no grande pano escuro, que será devorado por outro ainda mais escuro, e outro, e...

O tímbrico instante deflorou minha última inocência, achava que podia confiar em mim, e que eu não desejaria meu próprio sofrimento. Enganada. Minha consciência rachou, e em metade dela não posso confiar. Enfia pregos entre meus dentes e a gengiva, causando sangramentos, deixa dentes mal arrancados com as raízes expostas. Com a parte que me sobrou tento me proteger, com as mãos termino de arrancar os dentes que ficaram pendurados, depois tento tapar com pano os locais de sangramento. Meu exército humano está cercado por todos os lados, há vinte deles para cada um dos nossos. Já perdi a ilusão de escapar. As outras partes de mim são todas muito sanguinárias, para todos os cantos que olho só o que vejo é sujeira, o mundo virou um depósito de porcarias inúteis com disfarces sofisticados. Ninguém possui um grito tão agudo quanto o meu, é minha única arma de defesa, com ele encubro as malditas mensagens murmuradas e cheias de símbolos. Vou dar-lhes minha interpretação de tudo isso – malditas sobras humanas, restos sem corpos, que encontraram algum material degradado capaz de lhes dar voz, mas é só isso o que possuem, o conteúdo do que dizem são apenas detritos alheios, palavras desperdiçadas ou nunca ditas, que vocês encontram e repetem à exaustão, tentando dar significado para algo que não existe.

Não sei se têm a capacidade de se ofenderem, mas caso a tenham, sei que despejarão sobre mim os mais infundados impropérios, as mais sórdidas ameaças, as ofensas mais vulgares, e

por último, teus símbolos e versos cifrados, que nada significam e que são apenas um amontoado de palavras que não combinam, e por isso mesmo, exercem algum brilho frágil para os desavisados.

Estou preparada para a luta, como nada posso contra a força militar que me cerca, vou fugir. Para dentro de mim mesma. Mergulhada na mais funda substância que me pertence, duvido que possa ser alcançada. Mas as perspectivas não são muito agradáveis, apesar de um pouco coloridas. Imersa dentro de mim, irei encolhendo meus pés, que quase chegarão a ser verdes, meu umbigo desaparecerá, sumirão as gengivas e terei um problema de desprendimento da tibia.

Esses fatos, aliás, aconteceram também com todos os outros ossos de meu corpo. Aos poucos fui me conformando, e até consegui descobrir alguma graça nos ossinhos das mãos. Esse desprendimento ósseo tinha como efeito colateral, causar um longo e profundo sono. Um dia depois de acordar de um desses longos períodos de inconsciência, reparei que havia algo estranho sobre meu peito, ou melhor, sobre o osso de meu peito. Vinda de minha raiz mais interna, e esticando seu caule vermelho por um palmo de distância, de mim brotava uma flor. Era estranha. Desconheço seu nome. Mas além de ter as pétalas mais lindas que já vi, cada uma de cor diferente, elas pareciam desenhadas a mão, uma a uma. Crespas nas bordas, permitiam que a brisa as animasse. Docemente. Flutuando. E foi isso que nasceu de mim. Subitamente, sou coberta por um canteiro de muitas outras flores, e o que vejo, e sei, transforma-se na essência de que elas são feitas.

Ganho carnes, minhas esquinas voltam a ter juntas, e meus ossos juntam-se. Estou condenada às esperanças, e é de dentro dessas forças que germina o medo.

“... abelha-rainha voa, em sua cegueira... determinado o pouso da coruja, a noite engole, ela e suas colmeias... Beatriz, ao

invés de escrever trezentos dias por ano, tente descrever trezentos anos em um dia... bata tuas duas asas sem rumo, descubra que existe uma terceira, cujo destino, é oposto a qualquer lado. Na veemência de tuas penas aceite nossos conselhos mentirosos, e voe, mesmo sem vontades, continue voando..."

Respingo suor amarelo na mão trêmula. As vozes naufragam meus sentidos, mas reajo, que digam o que quiserem, que postem falsas pistas, de teus labirintos sem saída saberei cavar para escapar das prisões. Falta-me o ar que parece sobrar aos pássaros. A ave negra flutua preguiçosa num céu sem nuvens. Acordada, testo o instante, enfiando unha no braço, a dor é presente, vívida é a palavra imaginada e a pena correndo pelo pergaminho. A relva tem os cheiros da vida e as lágrimas orgulhosas do orvalho. Não há nada mais manhã do que aquilo que acontece agora. E apesar de todas essas contestações, o que percebo do que está acontecendo, está muito mais próximo de um sonho. Não temo as dores físicas pois elas inexistem nos sonhos. Todas minhas fraquezas parecem narradas por um contador de histórias, e eu sou apenas uma criança que prestou bastante atenção aos detalhes e por isso pode descrever o que sente.

E o mago encantava os meninos falando do morto que pairava sobre vilarejos, até que todos olhassem para cima e acendessem uma grande fogueira com pertences do finado, e que iluminaria seus caminhos de agora em diante. Depois disso, o vilarejo poderia voltar a dormir em paz sem ser surpreendido pela figura macabra que flutuava a vinte metros de altura.

O real para mim está perdendo consistência, essas histórias são tão sólidas quanto aquilo que considero minha presença. E ela se esvai, para que a relva em que estou sentada reine absoluta. Começo a duvidar do olhar das pessoas, será que todos conseguem me enxergar, ainda não tenho dúvidas sobre isso, mas

se enxergam, parece que não dão muita importância a esse fato, o que veem é um distante personagem de sonho, que figura no terceiro plano e quase não tem fisionomia definida.

Minha memória também parece tão flexível quanto aquelas dos que dormem, tudo o que vivi, e até o que fiz há alguns instantes atrás, esconde-se atrás da mesma nuvem, eventualmente enxergo mãos acariciando cabelos, pés infantis correndo pelos jardins do castelo, uma fisionomia barbada olhando na minha direção, não me lembro quem são essas pessoas nem se estou envolvida nesses eventos.

A neve está derretendo e meus olhos preguiçosos se cansaram de procurar por ângulos e cores. Sinto-me confortável nessa nova condição, que minha intuição diz ser irreversível. Todo amor que senti está escondido atrás da nuvem, e por isso, não mais o sinto. Há ainda a possibilidade que um vento sopra, espante a nuvem e deixe chover sobre mim todos os sentimentos que ficaram para trás, depois deles cairão também obrigações, cairão pessoas mortas que ela conheceu ao longo da vida, cairão todos teus caminhos errados, tuas escolhas perdidas, tuas decepções pelos sonhos destruídos, se quiseres sair de teu repouso confortável o trabalho será grande, mas poderá recompensar. Julgo que de agora em diante as vozes se calarão. A minha está prestes a fazer isso.

Tenho manchas vermelhas na pele. Percebo que se espalham por todo corpo, e algumas se abrem em pequenas feridas que coçam. Não quero que ninguém saiba. Vestido longo de mangas compridas. Isso desaparece com o tempo. Preciso me alimentar melhor, quase não sinto fome. Minhas feridas cheiram mal. Tenho medo de apodrecer e continuar viva. Como sou pessimista, o que preciso é de um pouco de sol, descobro um lugar secreto onde ninguém me veja. Parece que meu corpo está querendo virar do avesso deixando as entranhas expostas.

E se eu estiver morrendo? Vou juntar-me a todas aquelas gerações desmaiadas que se deixaram vencer pela terra. Voltam as lembranças dos dias em que a música era meu refúgio, dentro dela eu era imortal, e essa doce ilusão solidificava meu espírito. O que eu fazia era uma espécie de fogueira, para que o morto que pairava nos ares de minha aldeia desaparecesse.

Tenho arrependimentos, eu poderia ter ido mais longe, o som das trovoadas, da brisa, o badalo do sino de uma vaca do vilarejo vizinho... distante, fui até onde meus pés alcançaram, depois não quis nadar com medo de me afogar, mas talvez a única salvação estivesse do outro lado, e os que não se arriscaram foram todos condenados ao esquecimento. Esquecidos de si mesmos.

A maturidade deveria nos ajudar a nos desvencilharmos de preconceitos, mesmo não sendo sempre assim que as coisas funcionam, creio que ainda poderia inventar uma nova música, que até o século 12 ainda não foi pensada. A música acontece o tempo todo, queiramos ou não, o mundo é musical, o que fazemos é restringi-la a uma propaganda religiosa, e isso é pobre. Irei musicar as flores, o lixo, as nuvens... na verdade só vou mostrar a música que já acontece.

É irônico, quando tenho a melhor ideia de minha vida, meu estado de saúde se deteriora a passos largos. Mas não vou me dar ao luxo de descansar. Vou para a floresta escutar os sons, sentir os ventos, entender o ritmo das folhas, dos galhos, e da árvore inteira. O riacho talvez seja a chave que possa abrir o baú, onde se escondem as regras dessa nova música. Viverei dentro de mim.

Nesse refúgio fica mais fácil perceber as coisas. Sinto a energia das árvores quando as abraço, mas creio poder ir mais longe, e escutar a voz das plantas, que imagino devem pensar de maneira muito diferente da nossa. Poderia criar um concerto onde

várias plantas cantassem, o riacho faria uma voz brilhante de fundo, e a brisa aliviaria a melodia com um sopro doce, porque passou por um canteiro de rosas. Os cheiros também deveriam ser incluídos nessa nova maneira de compor. As árvores velhas têm barulhos graves, e podem servir de oposição para o canto agudo dos pássaros. Serei a moribunda mais feliz e ativa que já encontraram.

“Desgraçada... acha que escapará da vida vestindo-a com tuas luzes favoritas? Não há música ou salvação. Só o rubro escurecido que escorre de teus lábios e mancha o lenço alvo. Teus orgulhos são feitos de carniça, e sobre eles descem as grandes asas negras do abutre, levando embora todas as pegadas deixadas nas areias da vida. Não há remissão para os pecados. Você é uma falha na harmonia do mundo, promessa descabida, prostituta ensebada, sífilítica, pestilenta, a miséria reprodutiva feita para levar adiante outras misérias. De teus interiores nascem as cor-das que tanto nutrem as crianças quanto enforcam os homens, e é por isso que tanto te comprazes com riachos, mas não se (nem nos) engane, eles nunca limparão as impurezas de que és feita.

Queres falar dos sons que soprastes na flauta, ou dos arranjos para vozes, sabe o que foi aquilo? Só teu medo gritando. A mesquinha e apagada figura pedindo para que os outros se importassem com ela, mesmo que no fundo você soubesse que não tinha nenhuma importância, e que portanto, tudo não passou de uma extensa mentira.

Nossas vozes não são pessimistas nem querem de maneira alguma te ofender, só queremos falar daquilo que conhecemos na intimidade. Somos todos desastres. Só o que queremos agora, é falar do teu. A fraqueza de suportar por tantos anos um casamento destruído, teus ridículos desejos de liberdade, os sonhos com príncipes encantados, que revelaram-se vigaristas sedutores,

a distância com que sempre trataste tuas filhas – você disse que não, mas no fundo queria ter dado à luz a pelo menos um menino, parte dessa culpa reflete-se nos olhares tímidos que mãe e filhas raramente trocam, não há intimidades.

Tua revolução monárquica, terminou com o abandono dos postos de trabalho. Você iniciou uma geração de miseráveis que deixaram o castelo para construir casebres apodrecidos pelas beiras das estradas. Por outro lado você também esvaziou o castelo, faltam cozinheiros, pessoal para limpeza, para a defesa, corremos sérios riscos de invasão. Você desorganizou um sistema que funcionou muito bem por séculos.

Nada em tua vida deu certo. E agora, quando a morte se aproxima, para aliviar tuas dores, você reage, agarrando-se a uma plantação de varas bambas. ENTREGUE-SE. Desista de uma luta inglória, e permita que a morte traga o sossego que você merece usufruir. Vamos lá, você precisa compreender que foi, e é, uma mulher mediana, sem nenhum talento especial. Que teus anos passaram sem realizações importantes, nem meio-importantes. Mas sei qual é teu último refúgio de esperança, crê que no futuro ensinará música para crianças, e que do teu jeito (é isso que você acredita – mas nós não), melhorará o mundo, fazendo-os compreender a música, e a vida.

Nada disso se provará real. Você será rapidamente esquecida, tuas ideias desaparecerão sem deixar qualquer traço.

Resumindo, apesar de ter nascido em berço de ouro, e de ter tido todos os meios possíveis para melhorar a condição dos pobres, você não fez rigorosamente nada. Beatriz, pensamos em palavras para te dizer, não queremos te magoar, mas só podemos resumir tua vida com uma única frase: Você é um imenso fracasso. E te pergunto, a partir dessa constatação, o que você acha que deveria fazer?...”

Vozes, vozes, vocês já não me assustam mais. Vossas palavras invejosas não passam do desesperado desejo de ter mãos, braços e pernas velozes. Pois por enquanto vocês nada são além de impressões esquecidas no horizonte magnético. São as espumas perdidas das ondas de um sonho onde não havia mar. Não questiono o abismo. Dentro de minha queda, chão e céu aproximam-se na mesma velocidade. Espaventadas as verdades, o que sobram são as versões, e é com elas que tento convencer os outros. Entre a palavra não dita, e o espaço vazio existente, entre o significado de cada letra, habita o fundamento invisível das coisas, e nessa matéria feita de nada, constroem-se as ruínas, e seus respectivos castelos.

No alvorecer, disperso pela névoa, reconheço a matéria-prima dos dias, escuto quando os reflexos confirmam as luzes, e seus brilhos nos olhos dos pássaros. Ninguém permanece. Meu momento de morrer sabe a consistência que tem. Encosto-me na largura das ideias e as descubro frágeis corrimãos de uma escada sem fim. Desabam os significados enquanto chovem montanhas sobre a planície, dentro de mim nevam flocos irascíveis do mais vermelho sangue, e gélidos, fazem com que eu me apequene, ocupando apenas um reduzido espaço em meu peito.

Mas agora, que praticamente todas as questões estão se encerrando, deve ficar acertado para onde será levado esse balde com semi-consciências, que interferem em minha vida. Por mim podem jogar no rio, não é vingança, pelo contrário, é que seres tão incompletos deveriam ter o direito sagrado da paz, concedida pela falta de existência. Ponto final, sem reencarnações ou moradias privilegiadas ao lado da cristandade, apenas a deterioração.

E se, dentro dessas condições, alguém hipoteticamente conseguisse, mesmo morto, perceber o ambiente onde vive, e enxergasse a mais profunda miséria, lama e ossos, e esse morto consciente, comparasse a vida que leva embaixo da terra, com

a que tinha antes de morrer, a que conclusões chegaria? Talvez sua primeira exclamação fosse: claro que a vida é melhor quando somos vivos. As reflexões terminaram, mas após algum tempo o morto pensaria melhor “Tive tantos desgostos na vida, que agora aqui no túmulo, tudo é mais tranquilo.”.

Prefiro, coloco o verbo no presente, mergulhar no rubor do instinto, tendo como guia a memória e o desejo, esquecendo-me do instante. Abandono a vida para degustar o conceito que tenho dela. E quando a última pétala seca for fixada por meus olhos inertes, aquele novo capítulo, será também, a imagem, e não o objeto? A falta de realidade me persegue, arrasto-a e alimento-a. Tudo foi nuvem. Dispersa matéria recordada cujas dores são feitas de expectativas e arrependimentos, e depois de todo esse distanciamento, agora vivo a ruptura. Sou rejeitada por meu corpo. Tenho dor, e isso talvez seja o que de mais real já vivi, é mais funda que o ódio, maior que o amor. É o que sobrou.

Os dias são uma longa confusão. Vivo reclusa, e para minha alegria e tristeza, todos têm respeitado essa escolha. Uma vela acesa colocada próxima às pontas de meus dedos desvia a atenção das dores quando elas se tornam insuportáveis. Não quero gritar, por isso já cheguei a sentir o cheiro de queimado de minhas carnes. Depois perguntei onde estava deus que permitia tal sofrimento, então percebi que ele sempre havia fracassado quando a questão era evitar dores. Penso na música que teria a intensidade desse instante, o grito desesperado de sopros vazando um silêncio estelar, vozes de todos os desejos entrelaçando seus pesos às densidades humanas, e todos esses cantos flutuando nas ondas de uma harpa, que é lua, e tudo o que ela contemplou.

Tenho recebido visitas. São pessoas que quando percebo já estão ao lado de minha cama. Homens e mulheres de vestes brancas e olhos pacíficos. Não me tocam. Nada dizem. Sorriem discreta-

mente, e quando menos percebo já se foram. Suas fisionomias não me são estranhas, mas não consigo lembrar-me de onde os conheço.

Sinto-me fraca, minha única refeição diária são duas gemas de ovos, recuso tudo o que me trazem a mais, se como, é meu estômago que acaba recusando. Mas apesar de tudo o que disse, gostaria muito de ser curada e viver por muitos anos, a esperança foi plantada em meus pulmões e tem folhas saindo por minhas narinas. Em alguns momentos tenho a crença plena de que vou me levantar e terei uma vida cheia de realizações. No outro instante estou no fundo de um vale pedregoso, sem luz, e é nesse lugar que passarei toda a eternidade. Falta-me ar. Talvez a esperança dificulte minha respiração. A solidão faz com que anseie pela presença de todos que amo, e leva-me a amá-los ainda mais. Estou entregue a todas as fraquezas a que tenho direito. Quero viver. Escuto passos e vozes, mas continuo sozinha. Tenho vontade de gritar, mas ainda não é a hora. A abelha voa para dentro de sua célula, e esse é todo o espaço que terá a seu dispor.

Nas sombras da parede descubro montanhas cobertas de verde, no teto encontro um céu estrelado, e por todos os lados as florestas estão cheias das luzes primordiais, e dos sons que são a promessa de vida. E eu sou a única testemunha silenciosa desses acontecimentos. A natureza cega não tem olhos para me enxergar. Mas eu a sinto. O orvalho da madrugada molha meu rosto. As dores se foram. A vela está apagada.

Tropeço nas pedras que antecedem ao rio, mas prossigo, caminhando, mais rápido, correndo, desfrutando da liberdade que meu corpo concede. Respiro o cheiro das cascas de árvores molhadas. Sento-me no chão. A terra tem larvas brancas que infestam minhas mãos. Meu quarto já não existe mais. Escuto a voz de um pássaro noturno, e nela está contida toda a música com a qual sonhei. Estou feliz. Preciso gritar. Não encontro minha voz.



## *Ano 1146*

Vejo os peixinhos nadando no lago... eles são da cor da romã... mamãe não gosta que eu brinque perto da água, quando um menino morreu afogado ela chorou, todos choraram, gritaram... o pai dele tinha uma tocha na mão... era de noite, e trouxeram o menino com os olhos abertos, ele me olhava, mas acho que não enxergava nada... eu via o reflexo do fogo nos olhos dele... ele foi pro céu... a mãe dele disse que também queria morrer, mas depois de uns dias ela parou de chorar... mamãe tem medo que aconteça o mesmo comigo, mas eu não entro no lago, só vejo os peixes de longe. Gosto da luz que bate na água no fim de tarde e de ver como eles põem as bocas pra fora. Peixe se afoga quando está fora d'água... ficam abrindo e fechando uns buracos que tem do lado da cabeça, até que param... só que nos olhos deles é fácil ver que não estão olhando pra gente. É como se tivessem os olhos fechados, não veem nada.

Minha melhor amiga é a Romelie, a gente sempre vem brincar fora do castelo. O pai dela é o chefe dos arqueiros. Ela me contou que o pai dela é tão forte que quando atirava uma flecha atravessava dois homens. Eu nunca vi ninguém atirar flechas nos outros, isso nunca aconteceu por aqui. Eu gosto tanto dela que queria passar a vida inteira do lado dela. Quando nos casarmos vamos morar juntas, nós duas, nossos maridos e filhos... quando ficarmos velhinhas uma vai cuidar da outra, nossa amizade é muito linda e vai durar para sempre, e mesmo depois que eu morrer vou tentar encontrar com ela, e então seremos amigas para toda a eternidade.

Minha mãe não gosta da mãe dela, mas nunca contei nada. Uma vez pensamos em fugir, Romelie conseguiu uns mapas e eu preparei uma mala que fosse fácil de carregar, nela coloquei

todas minhas roupas. Durante a madrugada aproveitamos que os guardas dormiam, atravessamos o portão e corremos em direção da mata, eu tinha medo do que ia encontrar, bichos, monstros, o meu maior medo na vida era ser devorada por um monstro. Entramos na floresta e logo começou a escurecer. Percebi que Romelie estava morrendo de medo. Eu não tinha medo de nada, subi numa árvore para ver se conseguia enxergar a floresta de cima, mas a noite não me deixou ver nada. Dormimos encolhidas junto a uma grande raiz de figueira. Prevenida, enquanto Romelie dormia, eu catei alguns figos para nosso desjejum. Ela adorou. Nós escalamos a árvore e colhemos todos os figos que conseguimos carregar. Depois tentamos improvisar uma cabaninha com grandes folhas caídas. Não ficou muito bom, mas pelo menos era um lugar nosso, conseguimos dormir, apesar do medo de que algum animal selvagem viesse nos atacar. Por prevenção ela trouxe uma flecha de verdade e um vidrinho escuro que servia para envenenar a ponta. No segundo dia enjoamos dos figos e decidimos voltar para o castelo. Mas aquilo foi apenas um adiamento. Da próxima vez viremos mais preparadas, traremos comida e água.

O pai de Romelie descobriu nossa pequena aventura noturna, contou para meu pai, e tanto eu quanto ela fomos severamente punidas. Trancadas em nossos respectivos quartos, sem comida por dois dias. Eu chorei, gritei e quando percebi os dois dias tinham terminado. Esse episódio nos uniu ainda mais.

Eu gosto de olhar para o céu e ver o que as nuvens vão desenhando... vejo o rosto de papai, de repente aparece mamãe a seu lado, depois me enxergo pequenininha no fundo, e as coisas vão mudando, vejo uma ninhada de cabras saltando a cerca, os muros do castelo... descubro até a janela de meu quarto e consigo me ver dormindo e depois sonhando... nas nuvens enxergo

o que quiser... queria ser como um pássaro que consegue voar pelo azul, atravessar o branco pra conseguir descobrir o que tem depois. Quem deve morar lá em cima é o menino afogado e todos que já morreram, também deve ter Jesus, a mãe dele, e deus... se eu fosse um passarinho voaria bem alto para ver todos eles de perto, acho que deus não ficaria brabo se eu olhasse um pouquinho para ele... depois descia e iria tentar pousar perto do pôr do sol, bem naquela bola amarela... quando o céu se emenda com a terra.

Quando voltasse entraria voando no quarto de Romelie e contaria tudo para ela. Enquanto estivesse escutando todos os segredos de deus, dos mortos e das outras coisas que vi, ela teria os olhos muito brilhantes, eu conseguiria enxergar minhas asas de passarinho refletidas, depois eu voaria pela janela para ir dormir no alto de uma árvore.

Sei que se contasse uma história dessas para mamãe ela ficaria muito braba, sempre me diz que eu sou uma menina sonhadora e que ter imaginação é jogar lenha na fogueira do diabo... diz que preciso rezar pra nosso senhor, para que minha cabeça fique longe dessas ideias vazias... eu até tento, mas se quero nunca mais pensar que sou um pássaro, aí mesmo é que viro um... depois fico triste porque sei que o diabo é uma pessoa ruim, e que deus é bom, e por causa do meu pecado estou deixando ele muito triste.

Mamãe me disse que eu tenho mais responsabilidades que as outras meninas, pois deus escolheu papai para representá-lo na Terra, e que um dia serei eu quem terá esse poder. Sei que não me comporto bem, que sou ingrata e meus pensamentos errados não deixam deus dormir.

Oro todas as noites pedindo perdão. Não quero ser ruim, sei que as outras crianças não têm castelos nem criados e moram

em casinhas muito pequenas que cheiram mal... quando pergunto pro papai se ele pode falar diretamente com deus e dizer que eu estou orando e que não quero que as pessoas sofram, ele me diz que as palavras não tem utilidade no reino do senhor, e que antes de dizer qualquer coisa, Ele já sabe o que pensamos e já julgou quem peca e quem é inocente. Não entendi bem essa resposta, quando pedi para papai me explicar, ele brigou comigo.

Desisti de entender e voltei para as nuvens, o céu estava avermelhado, o que me assustou um pouco, os pedaços de algodão estavam valentes como um cavalo que se tenta domar, parecia que todos os passarinhos do mundo voavam ao mesmo tempo, mas alguns tinham duas cabeças, e outros, corpo de boi. Encontrei até umas nuvens emendadas que pareciam uma cobra. Fechei os olhos. Quase escutei uma voz. Senti muito medo e voltei correndo para o castelo. Ajoelhei-me para rezar. Pedi perdão. Pedi que o mundo fosse bonito, e que nunca mais ninguém morresse afogado no lago. No meio da oração alguém me chamou pelo nome. Achei que fosse mamãe. A voz parecia a dela. Não havia ninguém no quarto. Olho pela janela e vejo mamãe longe, no jardim do castelo dando ordens ao jardineiro. Também não havia nenhuma criada por perto. Congelei. Sabia que tinham dito “Beatriz”, usando a voz de minha mãe. Chorei pedindo perdão por todos meus pecados. Minhas mãos tremiam e senti vontade de vomitar. Corri até mamãe e seu abraço salvou minha vida.

No dia seguinte ela me levou para conversar com o bispo, era um homem velho e gordo que parecia vestido de mulher e usava um chapéu vermelho, ele pediu para que eu contasse como tudo tinha acontecido, depois fez o sinal da cruz, derramou água sobre minha cabeça, e me disse que eu fosse forte, pois essa não seria a última vez que isso iria acontecer, e que eu precisaria controlar meus pensamentos e rezar muito. Disse que nos próximos anos as tentações seriam ainda maiores.

Enquanto ele falava fiquei reparando em como quase não tinha queixo, o pescoço contava muitas camadas de gordura, umas por cima das outras, e elas só terminavam na boca. Conforme gesticulavam elas se mexiam igual as águas do lago quando a gente joga uma pedrinha. Em cada lado da boca tinha uma gota de baba branca que só saía dali no momento em que passava a língua, entre uma frase e outra. Depois fiquei reparando no nariz, na testa, o rosto parecia uma vela derretida, os olhos eram um rio seco, vi o caminho por onde passavam as lágrimas e as marcas deixadas na pele. Ele falava rápido e alto, mexia as mãos, gotinhas de saliva saltavam de sua boca, o chapuzinho estranho quase caía de sua cabeça... mamãe estava pálida, suas pupilas brilhavam, descobri em seu rosto rugas que nunca percebera, começavam onde nascem os cabelos, desciam pela testa e iam se esconder atrás das orelhas, onde encontrei alguns fios de cabelos brancos.

No dia seguinte, caminhando pelos arredores do castelo, descobri uma macieira onde os rouxinóis vinham cantar. O vermelho das frutas se misturava com o alaranjado do pescoço das aves... escutei suas vozes, eles falaram do sol, e eu senti que me transformava no dia... as lembranças ruins ficaram para trás. Aquilo era música. Um mundo onde o medo não entrava. Os passarinhos dançavam com os raios de sol, e eu senti que na copa daquela árvore, era onde morava a vida de verdade. Todo o resto, o castelo, os exércitos, as igrejas, as cerimônias reais, tudo isso não tinha nem um pedacinho da verdade que tem o rouxinol cantando e depois tomando banho de sol.

Quando o sol se pôs, resolvi sentar-me aos pés da macieira para esclarecer umas questões comigo mesma, por que o mundo valorizava tanto coisas sem importância e abandonava as que eram essenciais? Seria só por ignorância? Sei dos prazeres de correr descalça na relva molhada e depois refrescar-me no riacho, o sol espera nossa saída das águas pronto para nos secar, a brisa

nos cabelos, não há nada mais gostoso, mas o mundo parece que não funciona desse jeito, na vida prática tudo é tão bruto e violento, repetições, protocolos, sei que o respeito com que tratam minha família é construído da mais profunda inveja e que não há sorriso que bem examinado sustente sua honestidade. Mas por que o mundo é desse jeito? Será que o diabo venceu a luta com deus pelo controle da humanidade? Se deus ainda estiver no comando ele está muito enganado, ou então é um preguiçoso que não se importa com nada e quer descansar um longo sono, no qual nós somos os personagens de seus sonhos.

Só tenho onze anos de idade, mas percebo coisas que são invisíveis para os adultos, como por exemplo, essa macieira cheia de rouxinóis. Acho que se eles prestassem mais atenção nessas coisas teriam vidas mais tranquilas. Romelie concorda comigo, ela também prefere a harmonia.

Gosto da maneira como voam as borboletas. Uma vez vi uma bem grande, tinha asas azuis e no meio delas duas marcas negras que pareciam olhos. Seus movimentos eram imprevisíveis, esquerda, direita, alegria, pouso, em cima de uma rosa vivia soberana, quem olhasse debaixo enxergaria só céu. De repente. Paz terminada. Atravessava galhos, fugia e se aproximava. Toda surpresas. E eu quis falar. Saber o que dizer? Tudo tão inútil. Criança boba, olhei para suas cores e perguntei “Borboleta, faz da minha vida uma festinha?”.

Parece que a borboleta sofre pela falta de peso, mas essa também é sua grande qualidade. O que será de uma, arremessada pela rajada de vento? O mesmo que qualquer das imensas calmarias. O destino da quilha encontra as águas, que por sua vez, a sustentam. Inerte sobre a haste de meus onze anos de memórias, salto nos ares cheio de luzes, a primeira vez que senti o amor por minha mãe, súbita mudança de direção, os cheiros do castelo, os

olhos de meu pai dentro de uma armadura, o medo e a surpresa quando tirou o capacete, os faisões de longas penas verdes e douradas, a bandeira do condado tremulando, e rasgando-se, os presentes encantados, minha avó morta. A borboleta na noite, poupando suas cores. Os banhos de rio vertendo alegrias. O lago escuro, caudaloso, a fumaça das velas que ardem ao redor de uma pequena quantidade de carnes inertes. Arrancadas as asas, sobra o pequeno corpo que quer ser imprevisível. Mas não pode.

A disciplina e minhas vontades feitas de vento. A relva acalmando meus pés e o orvalho os sonhos, as noites cheias de corredores escuros e barulhos sem origem. O choro e o consolo de olhos maduros, nos braços a segurança de um galho alto. As longas esperas, viagens cansativas, o cheiro dos cavalos cujos olhos causavam-me grande pena, as mãos enluvadas dos nobres que nos recebiam em seus castelos, o sangue dos porcos abatidos para o banquete, a borboleta movendo suas asas lentamente, como se estivesse rezando. Depois o pó azul manchando minhas mãos e suas asas se desfazendo. A borboleta acabou.

Os detalhes das cidades. A fumaça saindo pelas chaminés. O rosto monstruoso de um homem que pede esmolas. A glória negra e o pavor dourado das igrejas, as nuvens de incenso atravessadas pelos cânticos religiosos, como desejei ser a virgem Maria, a vela iluminando o rosto da mulher que costura, o frio cobrindo de uma neve inútil as pedras do chão, os cavalos, os machados, a chuva e as flores, a bruxa embolorada e os trovadores, a sujeira por toda parte, as cabeças de porco, os restos de repolho, os caldeirões borbulhantes, o grito por todas as dores, os dentes, as entranhas, os furúnculos, os tumores, as longas sangrias que terminam com homens esvaziados. As respostas contidas nas santas escrituras, as mulheres que deixam a vida para ceder lugar aos filhos recém-nascidos, um mar de ondas feito de

velas derretidas, a beleza arrancada pela raiz, o grito estridente dos bufões, a vivacidade das praças, as moedas sendo trocadas por comida, as carroças chacoalhando suas lonas e escondendo mistérios, os filhos desaparecidos de famílias pobres indo renascer no coração dos salões as nobreza. Nesses meus anos a desconfiança reinou, atravessava o trato social, profissional e chegava ao leito matrimonial, cozinheiros desconfiavam de escravos, padres suspeitavam de médicos, e o soberano, de todos, inclusive de seu homem de segurança. A vida é barulhenta e malcheirosa, não há privacidade.

Se quiser dormir em meu quarto, logo duas aias se apertam comigo puxando os cobertores, os cantos privados não existem dentro de um castelo, todos estão o tempo todo invadindo teu espaço com perguntas, pedidos, reclamações, ou simplesmente sentam ao nosso lado e ficam gritando a noite inteira de dores. Usava dois grandes travesseiros de pena de ganso, que não me deixavam escutar quase nada.

É difícil conviver diariamente com pessoas feias, mutilados de guerra, portadores de horríveis queimaduras, donos de pernas de pau, braços com gancho na ponta, dormir a poucos metros de mulheres promíscuas, tão enfeitçadas por seus desejos, que encontram em seus amores bruxos uma razão que está acima de qualquer consequência. Fêmeas que serão enterradas com vestes vermelhas, e que foram feridas por um punhal que também destruiu a vontade do assassino de ser homem. E agora ele sobrevive, deprimido, bebendo, brigando, arrependido.

Como é maior a paz na floresta. O abrigo contra as intempéries não paga o preço que cobram as paredes de pedra. E as cidades são apenas prisões mais espaçosas, e muitos são os carcereiros prontos a serrar os grillhões para que as vozes lamentosas espalhem-se pelos cômodos do castelo, e continuem

perturbando os que vivem em paz. Há muito menos confusão na natureza, sua imprevisibilidade, possui uma certa coerência interna, enquanto que as confusões que ocorrem dentro do castelo são repletas de sustos, sons interrompidos, paciência prestes a esgotar, brigas, tentativas de agressão, assassinato... eles cospem, urinam, defecam, não há qualquer respeito, mulheres são espancadas e violentadas, velhos são humilhados e crianças forçadas a fazerem serviços pesados.

A fera selvagem quer apenas devorar sua presa para aplacar a fome, afora isso, nada move ou destrói. Os homens, ao contrário, vivem nas frestas da lei, e as criaram, justamente pelo medo que tinham de encarar uma noite estrelada, e depois perguntar-se “o que foi aquilo?”. No castelo os tetos são mais baixos, e os sonhos têm menos dúvidas, os dias são mais curtos, e há muito contato entre crianças, guerreiros, cozinheiras, nobres, serviçais, e essa soma torna o raciocínio dentro dos habitantes algo quase impossível, a mente coletiva engole o indivíduo. O pensamento é cortado como carne de porco, o machado interrompe o raciocínio para o oferecimento de um chá, bolos, de crianças pedindo a bênção dos pais, ou mesmo de algum leopardo preso na coleira e que passeia sem cerimônia pelos salões.

Qualquer palavra pronunciada, é carente, deficitária, tem vãos estratégicos onde podem se desenvolver pensamentos muito pesados, e não é só isso, eles também podem ser a porta de entrada de ódios ancestrais, e destruir as próprias paredes. Na floresta as sementes são usadas somente para germinar, aqui, dentro do castelo, existem vários tipos de semente, mas a maioria delas é instrumento da destruição, o castelo é uma explosão que nunca acontece.

O meu voo não tem asas, escuto o coração vibrando, e ele tem pétalas e braços, e cai dos altos dias, perde-se na fogueira,

brilha no ritmo das vozes que são espinhos do destino, e a menina morta empalidece o sorriso. Espalho pelos campos meus ossos e filhos, todos com o peso de suas raízes. Distribuo o que escuto pelos vinte dedos. De minha torre do castelo desabam pedaços vindos do ainda mais elevado, caem sobre as dores, fazendo-as agudas, desabrochando a mulher. Sou o roseiral escondido na noite de um sonho.

Na brincadeira perdida encontro os nove, depois os sete anos... aos pés frutíferos de meus primeiros passos descubro a polpa fazendo-se terra, para antes disso meus olhos fraquejarem inundando meu peito intoxicado pela falta de sensações. Das muitas mães que tive descubro várias fragrâncias e muitos contornos, aos panos que me envolviam dedico minhas memórias fundamentais, escorro o sabor de todas as chuvas, e agora, tão menina, percebo que dou voz a outras pessoas.

“Romelie, já quiseram falar usando tua voz...”

“Beatriz... você é estranha...”

“... e depois pensarem com teus pensamentos, até que você mesma acredite que é outra pessoa?”

“Você deve rezar, pedir para Nossa Senhora te abençoar e livrar das tentações...”

“Romelie, minha amiga, tenho tanto medo de ser as outras... minha mãe me levou para ver o bispo e ele disse que tudo isso iria acabar se eu tivesse fé, mas não consigo compreender nada, parece que quanto mais reforço minha crença, melhores soam as vozes, e escutá-las não é nada, perto de transformar-me nelas.”

“Que minha mãe não ouça isso, mas se pudesse acho que eu também gostaria de ouvir vozes, minha vida às vezes, é tão chata.”

“Se quisesse eu poderia me transformar em você, descobriria teus segredos e te entregaria os meus, mas depois viriam

outros pássaros que construiriam seus ninhos, botariam ovos, muitas asas coloridas voariam em todas as direções, e depois disso não existiria mais Romelie. Só confusão.”

“É por isso que gosto de você Beatriz, sempre surpreendente. Vamos continuar essa conversa à beira do rio?”

“O céu ainda está azul claro, mas prometi para mamãe que não voltaria tarde.”

“Não se preocupe, ainda temos longas horas de luz, o dia está tão agradável, confie em mim, afinal minha voz nunca muda, serei sempre Romelie, tua melhor amiga.”

“Então vamos passear, amiga, o sol explica nossas sombras, que se confundem em apenas uma...”

“O que disse Beatriz... não entendi...”

“Vamos para a beira do riacho, a tarde é só nossa. Escute o que tenho pra te dizer...”

“Sou’ma cotovia surda que pisca seus cantos nas batidas de asas...”

“Nada. Só o ritmo das águas.”

“As pedras permitem que os séculos as atravessem...”

“Romelie, você é a única pessoa em quem confio, a mais ninguém poderia falar desses assuntos, de teu silêncio escorrem pétalas e em tuas falas escuto minha voz...”

“Beatriz, sabe bem que não sou outra senão teu próprio dia. Amiga, tire os sapatos, vamos molhar os pés...”

“Sinto as pedras arredondadas do fundo, o limo... nesse instante é tudo tão bom... isso é a felicidade...”

“Então porque essas lágrimas, deixe-me secá-las...”

“Não Romelie, quero que as lágrimas de felicidade sequem sobre minha pele, ou então que escorram e se misturem ao rio.”

“Beatriz, você está tão linda, encontro cada luz do mundo em teu rosto. E elas são coloridas, os vermelhos cobrem tuas maçãs, sobre teus olhos há a parte final de um arco-íris, tua boca está amarela como um fim de tarde, e todas essas forças movem-se por tua face, em ti enxergo nuvens e seus reflexos em águas serenas, vejo a lua, você fala por todas as florestas, cala-se pelas cidades, nessas cores descubro todo o espectro de sentimentos humanos, e eles flutuam sobre ti, para depois acalmarem brancos... silenciando o movimento. O que sobra é o rosto sorridente e belo. E te digo Beatriz, nesse instante você acabou de degustar uma gota caída do alto, e que muito raramente molha a terra. São as águas da vida real. Parabéns privilegiada, a partir de agora estaremos longe das armas, guerras, cerimônias da corte, e de todo o resto, que é tanto vida, quanto um recém-nascido será a pá que escava o buraco sem fundo.

Teu caminho é mágico, por isso mesmo deve ter muito cuidado, haverá muita gente querendo te prejudicar. Forme uma barreira de luzes ao redor de teu pescoço, só precisa imaginá-las que elas te protegerão.”

“Romelie, a ti sobram espelhos, mas o que neles vejo refletido são árvores, águas e até um pouco de minha imagem. Às vezes me pergunto se você não é um suspiro, depois me lembro do murmúrio de tua voz e de toda a solidariedade que nela encontro. Somos a primavera, por entre nossos cabelos brotam hibiscos de todas as cores, e eles crescem, até que sobre a cabeça não tenhamos nada, além de flores. E juntas olharemos nosso perfil refletido nas águas, e só uma densa cabeleira colorida será enxergada. Contemplaremos muitas luas trêmulas até descobrirmos que as primeiras pétalas caem, e em fila colorida são levadas embora pela correnteza. Muito nos entristecerá descobrir que as cores começam a nos abandonar. Você chorará

por teu olho esquerdo e eu usarei o direito, entrelaçaremos as mãos, enquanto a noite fria chega e pesa sobre nosso desamparo. Enxergo esse momento como se ele já estivesse acontecendo, entretanto também estão acontecendo esses nossos instantes de felicidade, a brisa molha minha língua e nada é mais vivo do que isso.”

“Beatriz, o que aconteceu com o jeito informal com que me falava antes? Te sinto distante, teus olhos quase não me enxergam. Se me pergunta algo, não espera ao menos que eu dê a resposta. Percebo uma grande agonia queimando teu peito, não permite que eu jogue água gelada para aliviar tuas dores?”

“Está enganada amiga, a força ardente que tenho dentro de mim, também está espalhada pela natureza ao meu redor. Portanto sou um ser em equilíbrio. Os mágicos vermelhos são o que dão energia a meus atos, pintam com sombras invisíveis os medos que tenho, e colorem de um verde irreal as montanhas longínquas que decoram meus sonhos.”

“Sabe Beatriz, não sei se é bem isso que você queria dizer, mas outro dia eu passeava pela floresta quando de repente desabou um temporal. Tentei correr para o castelo, mas vi que seria inútil tentar não me molhar. Caminhei no meu ritmo, aceitando os pingos d’água que escorriam por meu rosto. Num primeiro momento aquilo me pareceu desagradável, não conseguia enxergar por onde caminhava, mas aos poucos a chuva passou a fazer parte de mim, eu era aquelas lágrimas que caíam do céu. Fui feliz desse jeito.

Mas depois aconteceu uma transformação, a chuva não era apenas parte de mim ou alguma roupa extravagante com a qual quase confundimos nossa personalidade, a chuva havia expulso a pessoa que vestia as roupas, e agora só o que havia eram panos jogados no chão sendo molhadas pela chuva. Meu corpo



nada disso me impressiona nem me faz acreditar em soluções mágicas, que no fundo é o que você deseja.”

“Amiga Beatriz, (Romelie chorando), quando vou dormir eu desapareço, acordo em outro lugar, às vezes duas léguas de distância. Já colocaram pessoas vigiando a porta de meu quarto, e ficou provado que não sou sonâmbula, simplesmente desapareço em meu quarto e apareço em outro. Quanto às flores, mesmo nos dias em que não sumo do quarto, percebo como vão sutilmente sendo tingidas por uma cor que parece escorrer de dentro delas mesmas. Quando o sol nasce o processo está completo, as rosas brancas da noite, agora estão encarnadas.

“Calma amiga, acredito em você. Essas coisas, apesar de raras, acontecem de vez em quando. Não há motivos para brigas, esses mistérios não vão nos tornar melhores, são só exemplos de coisas estranhas.”

“As águas estão ganhando a cor das rosas. Nosso tempo está terminando, o castelo nos aguarda. A brisa que antecede a noite esconde nossas sombras. Os pássaros perseguem seus destinos escondidos no horizonte, e por isso gritam, para que seus ninhos não se distanciem. Um galho seco é vítima da correnteza, e ele é tão pássaro, e nós somos as árvores e cores, o espírito das flores e pessoas. Não pergunto sobre os braços desesperados buscando ajuda, você é a questão, eu sou a vítima, e nós, as mãos entrelaçadas desprovidas de certezas, que formam figura una, cujas extremidades são raízes soltas boiando no mar.

Frio azul, lua minguante, ensaiamos passos que não se concretizam, são mais fortes as transparências que me separam de Romelie, nos vapores gelados que sobem do chão, descubro cores de quando eu ainda balbuciava palavras e ensaiava os primeiros passos. Dentro desse túnel descubro os cheiros desses dias, meus olhos encontram o bebê que fui, e os do bebê, cheios

de estranhamento, parecem me reconhecer. O túnel prossegue para muito adiante de onde estou, se tiver curiosidade suficiente avançarei para descobrir meu rosto ou minhas conquistas, sinto um cheiro azedo que vem do período imediatamente ao lado do meu, esse fato me dissuade a prosseguir em busca de minha face. Sinto que as camadas de ar que me envolvem, manchadas de luzes ou meros vapores brancos, tornaram-se dicionários onde, se quiser, posso ler o destino dos que se aproximam, Romelie, por exemplo, para ti vejo um caminho florido, mas um grande risco de se ferir nos espinhos envenenados das roseiras.”

“Beatriz, está na hora de voltarmos. Sabia que às vezes você me dá medo? Não reconheço em tua voz minha amiga fiel. Não quero saber de meu futuro e te peço que deixe com que ele apenas aconteça.

Veja aquele vulto escuro vindo em nossa direção, o que é aquilo? E esse barulho? Vamos correr, rápido Beatriz, me dê a mão.

Calma.É só uma vaca com uma sineta no pescoço. Como pude ser tão tola. Agora você ri. Mas vi como teve medo. Deixe ela se aproximar. Veja como parece mansa. Tem olhos tão puros. Acaricie sua cabeça... ela lambe tuas mãos, uma língua tão vermelha. O couro branco com essas manchas pretas que lembram nuvens. Essa vaca é o inverso do céu. Tem um rabo longo que não sei para que serve, acho que ela o usa para espantar as moscas. Enfio a mão em sua pelagem tentando despenteá-la, mas ela reage irritada. Com as moscas, que sugam seu sangue, ela não se preocupa.

Que espécie de animal é esse, tão passivo?Vamos, deixe-a, ela deve ter algum dono. Sei que você gostaria de ficar com ela, mas não podemos. Deixe essa vaca para trás, quer se despedir, tudo bem. Quer que eu me aproxime também para abraçá-la.

Por mim não há problema, ela tem o pelo liso, e acho que gosta de carinho.

Beatriz, veja aquela ave que vem vindo, um pavão, abre a cauda com seus mil olhos, repare no azul e na dignidade de seu pescoço. Não vamos assustá-la. Deixe-a ser o que é. O pássaro se aproxima da vaca. Ela mastiga capim. Suas tetas parecem cheias de leite. O pavão é um desafio. Sua cabeça minúscula é toda arrogância, caminha com os passos de um soldado preparando-se para o ataque. Repare na reação da vaca, longas piscadas pesando indiferença, uma língua tão preguiçosa quant'orvalho.

Não conheço luxo maior que o dessa ave. Seus olhos amarelos são os diamantes da coroa. Passo para trás, o pavão se assustou com algum movimento da vaca. A língua desapareceu, os grandes olhos escuros estão fascinados com as cores e formas do pavão. Beatriz, veja agora o movimento da relva, e como os dois animais estão imóveis. As nuvens no céu perdem contornos para... uma cabeça, um cachimbo, carneiros no pasto... movimento, a vaca dá um passo na direção do pavão, ele não recua, apenas vira de costas deixando à mostra toda a costura que sustenta sua beleza, imediatamente a vaca parece perder o encanto por aquele animal, e volta para seu capim. Mas o pavão parece inquieto, procura insetos no chão, suas patas alaranjadas são a única parte de seu corpo que não parecem agir com nobreza, escavam a terra como faria um trabalhador braçal. Come alguns grãos que encontrou no chão, a minhoca fugiu.

Ele deixa escapar alguns barulhos que parecem um canto de acasalamento, só que gritados em tom muito mais alto. Para. Virase na direção da vaca, encara-a de frente, ela tem olhos vazios de preocupações, e de muitas outras coisas, só os têm cheios para alimentação. O pavão não se importa com isso, sua vaidade faz com que aja disfarçadamente, com pequenas atitudes elegantes.

Beatriz, eu percebo alguma animosidade entre os dois bichos, sutil, é verdade, acho que de ambas as partes há uma grande curiosidade em relação ao outro, veja como o pavão avança, bate as asas tentando sair do chão, cai e suja de terra o azul do pescoço. Continua caminhando em círculos, acho que não se dá por vencido. De repente bate suas asas com toda a força, e dessa vez consegue sair do chão, pousa sobre o dorso da vaca, que não reagiu, e em pouco tempo terá esquecido que o pássaro está sentado sobre suas costas. Nasceu um novo animal. Vamos Beatriz, nos aproximemos dele. Veja como o pavão está calmo no lombo da vaca, sente a segurança de um rochedo, a vaca parece manter a cabeça em linha reta para não atrapalhar a ave.

Chegue perto. Muito cuidado para não assustá-los. Não tenha medo Beatriz, me dê a mão. A vaca e o pavão estão serenos, venha junto comigo, acaricie o pescoço dela, sinta as veias latejando... agora, com muito cuidado, encoste na cauda do pavão, ele já percebeu teu toque, fomos aceitas...

Agora. Beatriz. Mergulhe comigo dentro do olho da vaca. O que enxerga? Que túnel de luzes... no fundo vej' o alaranjado faiscante das tochas do castelo, os reflexos prosseguem até o resto prateado da lua... e continuam, atravessando a matéria desconhecida de que são feitos os céus, e que coincide com o mistério escuro que constrói os olhos. Da vaca. Depois o túnel flui, e eu Romelie, enxergo-me como se estivesse diante de um espelho afundado numa noite sem luar.

Ainda mais fundo, vejo o próprio olho, e a estranha luz viva que dele exala. E que não é fruto de nenhum reflexo.

Mas o círculo não está fechado. Rompeu-se um dos elos da corrente. Quando me vi refletida nos olhos da vaca, não te enxerguei Beatriz, mesmo estando você ao meu lado e tendo um dos braços ao redor de meus ombros.

As luzes enganam. Portanto tudo não passa de uma suposição tirada de minha cabeça, ideias de Romelie, daquelas que minha mãe sempre repreendeu.

Mas mesmo assim vou falar: eu acho que... nunca houve Beatriz alguma. Sonho.

E agora vou chamar as minhas amigas, amigas de Romelie, para irmos brincar e depois dançar.”







ISBN 978-85-61649-08-1



9 788561 649081